

Eduardo Leal Goulart Nunes

**DESENVOLVIMENTO PERCEBIDO DE *LIFE SKILLS* EM EX-
ATLETAS DE VOLEIBOL**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Educação Física.
Orientador: Prof. Dr. Michel Milistetd.
Coorientador: Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento.

Florianópolis/SC
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Nunes, Eduardo Leal Goulart

Desenvolvimento percebido de Life Skills em ex
atletas de voleibol / Eduardo Leal Goulart Nunes ;
orientador, Michel Milistedt, coorientador, Juarez
Vieira do Nascimento, 2019.

127 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Desportos, Programa de Pós
Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Esporte. 3. Rendimento. 4.
Valores. 5. Desenvolvimento Positivo de Jovens. I.
Milistedt, Michel. II. Vieira do Nascimento,
Juarez. III. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.
IV. Título.

Eduardo Leal Goulart Nunes

**DESENVOLVIMENTO PERCEBIDO DE LIFE SKILLS EM EX-
ATLETAS DE VOLEIBOL**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de
“Mestre em Educação Física” e aprovada em sua forma final pelo
Programa de Pós-Graduação em Educação Física

Florianópolis, 26 de Fevereiro de 2019.



Prof.^a. Dr.^a. Kelly Samara da Silva
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Michel Milistedt
Orientador

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC



Prof.^a. Dr.^a. Riller Silva Reverdito “vídeo conferência”
Universidade Estadual do Mato Grosso - UNEMAT



Prof. Dr. Rui Manuel Coelho Resende
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Dedico este estudo aos meus pais, Edval e Rosélia, aos meus irmãos Alexandre e Ana Carolina, a minha filha Maria Eduarda e a Jeritza e família, por todo amor e o carinho dispensado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Edval e Rosélia, por me proporcionarem a chegada até aqui com saúde, educação, caráter e dignidade, aos meus avôs e avós Tomás (*in memoriam*), Gregório (*in memoriam*), Eva (*in memoriam*) e principalmente Acelina (*in memoriam*), que com a toda sua simplicidade contribuiu efetivamente com a formação da pessoa que hoje sou.

Ao meu Orientador e amigo, Michel Milistetd por acreditar em mim para assumir tamanha responsabilidade, me proporcionando crescimento pessoal e profissional, me tornando mais autoconfiante e me tornando capaz de concluir mais este ciclo da minha vida. Ao meu Coorientador Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento pelo grande exemplo de justiça, seriedade e competência que levarei sempre comigo.

Aos amigos e amigas, Vivian, Tuba, Ceará, Núbia, Nelsinho, Glaucia, Picolli, Nádia, Pablo, Pamela e Comicha que ao longo deste período estiveram sempre por perto para todo e qualquer apoio que necessitei.

Aos colegas e também amigos e amigas do LAPE, Palheta, Fabrício, Felipe, Vini, Carine, Ana Flávia, Ricardo, Dai, Spock, André, Caio, Will, William Marquete, Luisa, Tayná, Matheus, sobretudo ao Vitor, pois sem todo seu suporte incondicional não teria conseguido concluir esta etapa. Obrigado lapeanos e lapeanas por toda a amizade e companheirismo.

Aos professores da Pós-Graduação, Cíntia, Gelcemar, Valmor, Aline, Cassiano e Borgatto, pelos ensinamentos que me ajudaram imensamente na construção deste trabalho e por outras experiências pessoais e profissionais que levarei por toda a minha carreira.

À todos, muito obrigado.

RESUMO

DESENVOLVIMENTO PERCEBIDO DE *LIFE SKILLS* EM EX-ATLETAS DE VOLEIBOL

Mestrando: Eduardo Leal Goulart Nunes

Orientador: Michel Milistetd

Coorientador: Juarez Vieira do Nascimento

O desenvolvimento humano pelo esporte tem sido foco de investigações ao longo das últimas décadas que, sob a luz do conceito de *life skills*, buscam identificar como ocorre a transferência destas para os demais domínios da vida dos indivíduos, que não o esporte. Entendendo que o voleibol, enquanto esporte de rendimento, não tem a intencionalidade declarada no desenvolvimento de *life skills*, recorre-se a dúvida sobre a possibilidade de desenvolvimento de *life skills* neste contexto e, caso seja possível, como este processo ocorre e possibilita a transferência para outros domínios da vida de atletas. Nesse sentido, o objetivo geral deste estudo consiste em analisar o desenvolvimento percebido de *life skills* em ex-atletas de voleibol, ao longo da trajetória esportiva. Para tanto, determinam-se os seguintes objetivos específicos: identificar os momentos marcantes na trajetória esportiva para o desenvolvimento de *life skills*; verificar a concepção dos ex-atletas sobre a aprendizagem de *life skills* por meio do esporte; averiguar a percepção dos ex-atletas de como as *life skills* transferidas são utilizadas na vida atual. Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa por meio de um delineamento de histórias de vida. Participaram do estudo cinco ex-atletas de voleibol selecionados propositalmente, assim como o próprio autor do trabalho por meio de uma autoetnografia colaborativa devido as experiências prévias no contexto de alto rendimento do voleibol. Para a coleta de dados utilizou-se o *Rappaport Time Line*, um diário reflexivo e entrevistas semiestruturadas. Para analisar os dados coletados, a análise temática indutiva foi selecionada, a qual levou a organização de quatro temas: memórias da trajetória esportiva, treinamento das categorias de base, jogador profissional e situações de transferência. Assim, o capítulo de resultados foi redigido por meio de vinhetas e em duas seções nas quais, inicialmente, retrata os dados referentes aos ex-atletas e, posteriormente, ao próprio autor. De maneira geral, o relato dos participantes apontou pelo desenvolvimento de *life skills* a partir das experiências vivenciadas no contexto de rendimento no voleibol, potencializadas por momentos marcantes para o aprendizado e

amadurecimento pessoal e profissional dos indivíduos. Além disso, averiguou-se que as *life skills* aprendidas durante a carreira esportiva são aplicadas em outros contextos da carreira profissional fora do esporte, até os dias atuais, e que estas proporcionam benefícios diretos aos participantes. Por fim, são destacadas considerações finais e direcionamentos para serem considerados por estudos futuros no intuito de avançar as pesquisas científicas na área do desenvolvimento humano por meio do esporte.

Palavras-chave: Esporte, Rendimento, Valores, Desenvolvimento Positivo de Jovens.

ABSTRACT

FORMER HIGH PERFORMANCE VOLLEYBALL PLAYERS' PERCEPTION ON LIFE SKILLS DEVELOPMENT

Master's candidate: Eduardo Leal Goulart Nunes

Supervisor: Michel Milistetd, PhD

Co-supervisor: Juarez Vieira do Nascimento, PhD

Human development through sport has been the focus of investigations on the latest decades under the light of the life skills concept. These researches seek to understand the process of transferring competences, assets, and values to contexts other than sports. By understanding that volleyball as a high performance sport does not intentionally target the development of life skills, it is uncertain whether or not it happens naturally and how athletes transfer these skills to other domains of life. In this sense, the main objective of this study is to analyze the perceived development of life skills in former volleyball athletes along their sporting trajectory. Specific objectives are: to identify the episodic experiences in their sporting trajectory for the development of life skills, to verify former volleyball athletes' conception on life skills learning through sport, and to ascertain former volleyball athletes' perception on how life skills transfer takes place in their daily experience. This is a qualitative research through a life story design. Five former professional volleyball athletes from Brazil were purposively selected to participate and the researcher also integrated in the study as a participant through a collaborative autoethnography due to his background as a professional volleyball player as well. The Rappaport Time Line, reflective journaling, and semi structured interviews were used to collect data. To analyze the collected data, an inductive thematic analysis was conducted and led to the organization of four themes: memories of the sporting trajectory, training in youth teams, professional athlete, and transfer situations. Thus, the results chapter was written using vignettes in two sections: initially, it portrays the data referring to the former athletes; later, the autoethnography is presented. In general, participants pointed to the development of life skills from the experiences lived in the high performance context, optimized by episodic experiences that were important for their personal and professional learning. In addition, the life skills learned during their sporting career are currently applied in contexts other than sports and provide direct benefits to the participants.

Lastly, final considerations and directions for future studies are suggested in order to advance scientific research in the area of human development through sports.

Keywords: Sports, High Performance, Values, Positive Youth Development.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	27
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA.....	27
1.2	OBJETIVOS	30
1.2.1	Objetivo Geral	30
1.2.2	Objetivos Específicos	30
1.3	JUSTIFICATIVA.....	30
1.4	DELIMITAÇÃO DO ESTUDO	31
1.5	DEFINIÇÃO DE TERMOS.....	31
2	REFERENCIAL TEÓRICO	33
2.1	DESENVOLVIMENTO HUMANO PELO ESPORTE	33
2.2	LIFE SKILLS.....	36
2.3	TRANSFERÊNCIA DE LIFE SKILLS	40
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	46
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	46
3.1.1	Autoetnografia colaborativa	46
3.1.2	Histórias de Vida	48
3.1.3	Participantes	48
3.2	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	52
3.3	PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS	55
3.4	TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS	56
3.5	ASPECTOS ÉTICOS.....	59
4	RESULTADOS	61
4.1	EX-ATLETAS ENTREVISTADOS.....	61
4.1.1	Memórias da Trajetória Esportiva	61
4.1.2	Treinamento das Categorias de Base	61
4.1.3	Jogador Profissional	69
4.1.4	Situações de Transferência	75
4.2	AUTOETNOGRAFIA DO AUTOR.....	80
4.2.1	Memórias da Trajetória Esportiva	80

4.2.2	Treinamento das Categorias de Base	82
4.2.3	Jogador Profissional	85
4.2.4	Situações de Transferência.....	91
5	DISCUSSÃO.....	98
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
	REFERÊNCIAS.....	111
	APÊNDICES	124

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

Sob os aspectos do fenômeno cultural, social e econômico, o esporte contemporâneo tem se constituído com novos significados, tornando-se ferramenta importante na construção social (CONFEEF, 2006; TUBINO, 2010; MACHADO; GALATTI; PAES, 2015). De acordo com pesquisas realizadas nas últimas décadas sobre os benefícios da prática esportiva, destaca-se o desenvolvimento de competências intrapessoais (por exemplo, gestão do tempo) e interpessoais (por exemplo, relação social) (PETITPAS et al., 2005; GOULD; WESTFALL, 2014). Na literatura internacional, essas competências têm sido reconhecidas como *life skills*, e podem ser definidas como:

“O processo contínuo pelo qual um indivíduo desenvolve e internaliza um “bem” pessoal (ou seja, habilidade psicossocial, conhecimento, caráter, construção de identidade ou transformação) no esporte e posteriormente experiencia mudanças pessoais por meio da aplicação do “bem” em outro domínio da vida, além daquele em que foi originalmente aprendido” (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017, p.194, tradução nossa).

Portanto, para que sejam consideradas *life skills*, tais competências devem transpor os limites esportivos para outros contextos da vida, como escola, família, vizinhança, trabalho, do contrário, consideram-se unicamente como habilidades esportivas (TURNNIDGE; CÔTÉ; HANCOCK, 2014).

Na sociedade brasileira, as representações do esporte são distribuídas em quatro manifestações: educacional, participação, formação e rendimento (BRASIL, 1998). Segundo esta legislação que define as quatro dimensões do esporte no país, considera-se: a) esporte educacional é aquele orientado para o desenvolvimento integral das crianças, adolescentes e jovens com foco na formação cidadã e prática do lazer; b) esporte de participação caracteriza-se pelo acesso livre ao lazer esportivo nos espaços públicos, favorecendo a participação da população em geral às atividades esportivas de modo voluntário, com a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na plenitude da vida social e na promoção da saúde; c) esporte de formação é

caracterizado pelo desenvolvimento técnico necessário para dar subsídio qualitativo e quantitativo à prática esportiva; e d) esporte de rendimento pressupõe sua prática segundo regras esportivas, nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados. Estudos ainda completam que a prática do esporte de rendimento pressupõe a dedicação intensa do atleta pela busca dos melhores níveis de desempenho esportivo (RUBIO, 2004; COSTA, 2007; DE ROSE JUNIOR; DESCHAMPS; KORSAKAS, 2017).

De fato, ao se expor à busca por melhores níveis de desempenho esportivo, o atleta de rendimento é colocado a intensos períodos de treinamento e de competição. As pressões psicológicas e fisiológicas inerentes aos treinamentos, competições e a organização social do esporte, qualificam o desempenho esportivo como um fenômeno complexo que é afetado pelas características individuais e por fatores ambientais (FONTES; BRANDÃO, 2013). Os mesmos autores, Fontes e Brandão (2013), ainda complementam que toda a tensão biopsicossocial que o atleta enfrenta exige grande capacidade de adaptação e superação, pois a atividade esportiva é, concomitantemente, fonte de prazeres e frustrações. Nesse entendimento, percebe-se que o atleta de rendimento é exposto a um ambiente social definido que é regido por normas, códigos, signos e papéis próprios que os diferencia de outros contextos (SETTON, 2005; HOLT et al., 2008; JENSON; FRASER, 2015; LERNER et al., 2015).

Assim, sua exposição a esse ambiente parece favorecer a aquisição e o desenvolvimento de *life skills*, tais como a autodisciplina, o autocontrole, a capacidade de planejamento de metas, a resistência às frustrações, gestão do estresse, a comunicação, o trabalho em equipe, entre outras (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005; PETITPAS et al., 2005; SANCHES, 2007; HOLT et al., 2009; REVERDITO et al., 2016). Contudo, questionam-se como estas competências são desenvolvidas na dimensão do esporte de rendimento. No que se refere ao desenvolvimento de *life skills*, duas vertentes que defendem essa perspectiva são relacionadas na literatura, a abordagem explícita e a implícita (TURNNIDGE; CÔTÉ; HANCOCK, 2014). Enquanto na abordagem explícita busca-se aplicar estratégias orientadas especificamente para a compreensão e o desenvolvimento de *life skill*, a abordagem implícita acredita que o desenvolvimento de *life skills* é um processo natural que ocorre por consequência da participação esportiva, independentemente das estratégias adotadas pelo treinador (TURNNIDGE; CÔTÉ; HANCOCK, 2014). Apesar de a abordagem explícita ser normalmente destacada por potencializar o

desenvolvimento de *life skills* (BEAN; FORNERIS, 2016; HOLT et al., 2017), estudos têm apontado que mesmo programas direcionados para o desenvolvimento de competências esportivas podem permitir a transferências destas para outros contextos da vida, ou seja, também podem desenvolver *life skills* (TURNNIDGE; CÔTÉ; HANCOCK, 2014).

Uma avaliação quantitativa realizada com 100 jovens de idade entre 13 e 17 anos de um programa de desenvolvimento de *life skills* por meio do ensino do golfe nos Estados Unidos, apontou que houve um impacto significativamente positivo nos níveis de empatia e responsabilidade social a partir das experiências do serviço comunitário em que foram expostos pelo programa (BRUNELLE; DANISH; FORNERIS, 2007). Da mesma maneira, um estudo qualitativo com 20 atletas de 13 a 17 anos identificou que a participação no esporte escolar competitivo permitiu o desenvolvimento de *life skills* como: gestão de tempo, autoeficácia, comunicação e trabalho em equipe. Além da abordagem utilizada pelo treinador para desenvolver *life skills*, parece que outros agentes como os treinadores, os pares e os familiares influenciam no processo de desenvolvimento e aplicação dos aprendizados no contexto esportivo (HOLT et al., 2009; HAYDEN et al., 2015; RATHWELL; YOUNG, 2017; 2018).

Embora as pesquisas com foco em *life skills* venham norteando os olhares para as competências interpessoais e intrapessoais positivas associadas ao esporte, novos olhares devem ser orientados para os possíveis impactos negativos pertencentes ao esporte de rendimento (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017). A natureza social e competitiva inerente ao esporte de rendimento proporciona aos atletas a oportunidades de mentir, enganar, intimidar, além das consequências negativas relacionadas a lesões e pressão exacerbada por resultado (KAVUSSANU, 2008; SILVA DIAS et al., 2018). No caso específico do cenário brasileiro, o voleibol se destaca como uma das modalidades de maior destaque do país, tendo em vista as diversas conquistas das seleções masculina e feminina em campeonatos mundiais e Jogos Olímpicos nas últimas três décadas (BIZZOCCHI, 2000; DINIZ; CESAR, 2000). Portanto, diante da falta de evidências de como as *life skills* são desenvolvidas no esporte de rendimento e da ausência de resultados sobre a transferência dessas competências para vida social de ex-atletas de rendimento, levantam-se as seguintes questões: como é percebido o desenvolvimento de *life skills* por ex-atletas de voleibol? E como são aplicadas as *life skills* nos demais domínios de suas vidas, que não a esportiva?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar o desenvolvimento percebido de *life skills* em ex-atletas de voleibol, ao longo da trajetória esportiva.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Identificar os momentos marcantes na trajetória esportiva para o desenvolvimento de *life skills*;
- Verificar a concepção dos ex-atletas sobre a aprendizagem de *life skills* por meio do esporte;
- Averiguar a percepção dos ex-atletas de como as *life skills* transferidas são utilizadas na vida atual.

1.3 JUSTIFICATIVA

Dado que o esporte de rendimento não tem a intencionalidade de desenvolvimento de *life skills*, as consequências negativas relacionadas à exposição ao esporte tornam-se mais evidentes nesse contexto. As frequentes lesões, pressões por resultado, perfis inadequado de treinadores e a desistência esportiva (*drop out*) acabam sendo mais evidentes na vida do atleta (SILVA DIAS et al., 2018). Contudo, há indícios de que a exposição ao esporte de rendimento também pode promover o desenvolvimento positivo associado aos preceitos de *life skills*, possivelmente pela via da abordagem implícita. Portanto, investigar o desenvolvimento de *life skills* no esporte de rendimento pode contribuir para a compreensão do desenvolvimento destes aspectos em um ambiente que visa à formação de atletas e resultados competitivos de maneira superior ao desenvolvimento do cidadão.

Em função da inexistência de uma sistematização no desenvolvimento de *life skills* no esporte brasileiro, sugere-se a ampliação de estudos que demonstrem em que situações ocorrem esta aprendizagem a fim de proporcionar novos olhares para a formação esportiva e humana de maneira concomitante ao esporte de rendimento (HOLT et al., 2008; CAMIRÉ; TRUDEL; FORNERIS, 2012; KENDELLEN; CAMIRÉ, 2017). Nesse sentido, o presente estudo justifica-se pela necessidade de compreender como este emaranhado de

competências (interpessoais e intrapessoais) é percebido, caso sejam, por ex-atletas de voleibol, bem como sua transferência para outros contextos da vida, como demonstrado em estudos internacionais com o basquetebol e a natação (TROTTIER; ROBITAILLE, 2014), o futebol (HOLT et al., 2008; MARQUES; SOUSA, 2013) e o tênis (SACKETT; GANO-OVERWAY, 2017).

O presente estudo está associado a vivência do próprio pesquisador no esporte de rendimento e de outros ex-atletas de voleibol que compartilharam desta experiência e tornaram-se protagonistas em suas carreiras pós-esportivas. A profissionalização do autor deste estudo como atleta de voleibol oportunizou as mais variadas experiências em sua vida, destacando as diversas culturas dos países vividos, promovendo sua formação profissional e pessoal positiva ao longo do tempo e o levando a busca pela ampliação da formação acadêmica com foco na exploração da dimensão do esporte de rendimento. Durante a trajetória esportiva, o autor se deparou com situações adversas de estresse em quadra que hoje o mesmo as identifica como fonte de formação da capacidade de superação de obstáculos, gestão do estresse e autocontrole. Contudo, importa mencionar que muitas das situações vividas foram mediadas por treinadores, sobretudo nas categorias de base, que, em forma de questionamentos, nortearam seu processo crítico-reflexivo acerca de situações chave deste processo de desenvolvimento de *life skills*.

1.4 DELIMITACAO DO ESTUDO

O estudo delimita-se ao contexto do esporte de rendimento da modalidade de voleibol em que foram expostos os ex-atletas, sob a perspectiva das próprias percepções de cada participante acerca da aprendizagem, desenvolvimento e transferência de *life skills*, bem como a narrativa pessoal do autor da pesquisa acerca da cultura esportiva envolvida nesse contexto. Ressalta-se que o estudo, de cunho interpretativista, não compreende a ideia de generalização dos resultados, mas sim da compreensão do fenômeno em que os investigados foram expostos ao longo de suas carreiras esportivas.

1.5 DEFINICAO DE TERMOS

Competência: “é o conjunto de conhecimentos e habilidades pessoais que permitem o modo de agir responsável e satisfatório, em determinado tipo de tarefa ou profissão” (PINHEIRO, 2015. p. 175).

Esporte de rendimento: contexto esportivo em que se busca o desempenho máximo do atleta, visando resultados competitivos positivos (BRASIL, 1998).

Life skills: são características e habilidades pessoais, de caráter interpessoal (comunicação, compaixão, liderança) e intrapessoal (estabelecimento de metas, controle emocional, autoestima) que podem ser desenvolvidas em um contínuo de aprendizagem no esporte e transferidas para outros contextos da vida (GOULD; CARSON, 2008; PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A revisão de literatura foi organizada de maneira a abranger os principais temas que envolvem a formação humana pelo esporte no contexto do esporte de rendimento. Para melhor sistematizar a leitura, a revisão foi definida em três tópicos centrais. O primeiro tópico destaca a formação humana integral promovida através do esporte, levantando os contextos pertencentes ao mesmo, bem como suas potencialidades e implicações. O segundo tópico apresenta, conceitua e descreve a perspectiva de desenvolvimento de *life skills* elencada pelo autor para o presente estudo. Por fim, o terceiro tópico retrata o processo de transferência de *life skills* aos distintos contextos da vida dos atletas, norteados os olhares para as análises e discussões deste estudo.

2.1 DESENVOLVIMENTO HUMANO PELO ESPORTE

A socialização é um processo no qual o indivíduo, enquanto sujeito de suas ações, se apropria do social, por meio da aquisição de valores, normas, códigos, signos e papéis (GOMIDE, 1988; SETTON, 2005). Assim, sob os aspectos de fenômeno cultural, social e econômico, o esporte contemporâneo tem se constituído com novos significados, tornando-se ferramenta importante na construção social, no desenvolvimento humano e no fortalecimento de identidades nacionais (CONFEEF, 2006; TUBINO, 2010; MACHADO; GALATTI; PAES, 2015; TUBINO, 2017).

Segundo as diretrizes das Nações Unidas (2003) o esporte, desde a brincadeira e atividade física até o esporte competitivo organizado, é fundamental ao desenvolvimento integral dos indivíduos, agindo na promoção da saúde física, emocional e na construção de relações sociais valiosas. As diretrizes das Nações Unidas, juntamente com o artigo 1º da Carta Internacional da Educação Física, da Atividade Física e do Esporte (UNESCO, 2015) e a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), ainda destacam que o acesso a prática esportiva é um direito humano e necessário para que os indivíduos, de todas as faixas etárias, trilhem uma vida saudável e plena.

Diversos valores básicos inerentes ao esporte são compatíveis com os princípios fundamentais para o desenvolvimento humano, tais como a cooperação, o compartilhamento e o respeito, assim como os benefícios psicossociais de integração social e aprendizagem dos mecanismos de autocontrole (UNITED NATIONS, 2003; HOLT;

JONES, 2007; CAMIRÉ; TRUDEL; BERNARD, 2013; ESPERANÇA et al., 2013).

Estudos recentes têm mostrado que programas esportivos são ferramentas potencialmente positivas no desenvolvimento de competências pessoais de jovens, pois não somente assimilam normas de conduta social e senso de identidade de pertencimento a um grupo como também adquirem novas qualidades, tais como a pró-atividade e a tomada de decisão que fatores que contribuem para a continuidade de mudanças positivas do indivíduo (PETITPAS et al., 2004; REVERDITO; CARVALHO; GONÇALVES, 2016).

Quando aplicados eficazmente, os programas esportivos promovem a integração social e fomentam a tolerância, contribuem com a diminuição da tensão entre grupos sociais e a no fomento ao diálogo dos mesmos (UNITED NATIONS, 2003). Desta maneira, os programas constituem uma valiosa ferramenta de incremento ao desenvolvimento social, especialmente quando implementados com o público jovem. Portanto, pode-se classificar o esporte como uma “escola para a vida”, sobretudo quando as atividades são orientadas explicitamente para o desenvolvimento das habilidades e valores fundamentais à vida social (UNITED NATIONS, 2003; KENDELLEN; CAMIRÉ, 2017).

Contudo, o esporte não é uma atividade na qual os jovens aprendem automaticamente as competências sociais e pessoais, já que a natureza social e competitiva do esporte oferece aos jovens oportunidades de mentir, enganar, intimidar e ferir (KAVUSSANU, 2008). Se por um lado a discussão acerca dos resultados positivos ou negativos referente a participação esportiva é um assunto complexo e dependente das ações das partes envolvidas e do ambiente criado (FRASER-THOMAS; CÔTÉ, 2009), por outro lado os resultados positivos relacionados à participação no esporte geralmente superam os resultados negativos, já que a perseverança, o autocontrole, a autoregulação e o trabalho em equipe são inerentes a experiência esportiva (HOLT; JONES, 2007).

Na sociedade brasileira o esporte é dividido em quatro manifestações pela Lei nº 9.615/1998 (BRASIL, 1998), sendo elas o esporte educacional, o esporte de participação, o esporte de formação e o esporte de rendimento. Cada dimensão é balizada por suas especificidades e características contextuais, onde:

- 1) O esporte educacional é aquele praticado de formas assistemáticas de educação, evitando a seletividade, a hipercompetitividade entre os praticantes, buscando o

desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania (BRASIL, 1998). Esta manifestação esportiva pode ser oferecida dentro ou fora do ambiente escolar e deve estar referenciado nos princípios da inclusão, participação, cooperação, coeducação, corresponsabilidade e espírito esportivo (TUBINO, 2010).

2) O esporte de participação compreendendo as modalidades esportivas praticadas com a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na plenitude da vida social, na promoção da saúde e tem como princípios a participação espontânea, o prazer e a inclusão (BRASIL, 1998; TUBINO, 2010).

3) O esporte de formação, caracterizado pelo fomento e aprendizagem inicial dos conhecimentos desportivos, a fim de garantir as competências técnico-táticas necessárias para a prática esportiva, visando promover o avanço substancial em termos recreativos, competitivos ou de alto rendimento (BRASIL, 1998).

4) Já o esporte de rendimento, distinto das manifestações anteriores, é compreendido pela busca do desempenho máximo para a obtenção de resultado positivos em ambientes de competição (BRASIL, 1998).

Regido por políticas de incentivo ao esporte, a dimensão do rendimento foi a manifestação esportiva que deteve maior investimento financeiro da última década, tanto do âmbito estatal como privado. Contudo, os impactos do esporte de rendimento na sociedade brasileira se mostram ligados pontualmente aos megaeventos, como jogos olímpicos, paralímpicos e similares (ALMEIDA; MARCHI JÚNIOR, 2010; CASTRO; SOUZA, 2015). Nesse sentido, não há clareza do legado social deixado pelo esporte de rendimento, tal qual se espera das outras dimensões esportivas no desenvolvimento e formação humana.

Dada a especificidade do esporte de rendimento na busca do desempenho máximo para a conquista de resultados, pode-se justificar a ausência de apontamentos relacionados à formação humana nessa dimensão esportiva. Contudo, Gould e colaboradores (2007) em estudo com treinadores de futebol americano enfatizam que os investigados entendem que determinadas competências, como a disciplina, a ética no

trabalho e o controle emocional, por exemplo, são competências inerentes ao esporte de rendimento e que fazem parte dos demais contextos da vida dos atletas. Dessa forma, há que se destacar que anteriormente ao resultado competitivo esperado, o atleta percorre um longo caminho de formação esportiva que, inevitavelmente, envolve parte de sua infância e adolescência (de acordo com as características de cada modalidade), colocando o esporte coletivo dentre um dos elementos agregadores a sua formação pessoal.

Estudos (JONES; LAVALLEE, 2009a; HOLT et al., 2011) têm evidenciado a aprendizagem de valores sociais, regras e competências interpessoais e intrapessoais em jovens atletas de diversas modalidades coletivas. Portanto, percebe-se que a exposição contínua e frequente ao esporte favorece a apropriação e desenvolvimento de habilidades que serão um contributo social futuro na formação de crianças e jovens.

Embora a participação esportiva venha sendo relacionada à aquisição de competências positivas, Eccles e colaboradores (2003) em estudo longitudinal com 1259 adolescentes (de ambos os sexos) participantes de variadas atividades extracurriculares, dentre elas o esporte, identificaram que os investigados envolvidos com a prática esportiva sistematizada contemplavam algum comportamento de risco, como uso álcool, por exemplo. Fica evidenciado que a participação esportiva está associada tanto com o desenvolvimento de comportamentos positivos como negativos dos jovens.

Se por um lado a discussão acerca dos resultados positivos ou negativos referente à participação esportiva é um assunto complexo e dependente das ações das partes envolvidas e do ambiente criado (FRASER-THOMAS; CÔTÉ, 2009), por outro lado, os resultados positivos relacionados à participação no esporte geralmente superam os resultados negativos, já que inúmeras competências biopsicossociais são inerentes à experiência esportiva (HOLT; JONES, 2007), promovendo o desenvolvimento positivo de jovens.

Neste rol de informações relacionadas as competências resultantes da influência esportiva na formação humana, faz-se necessário a orientação e definição de uma perspectiva conceitual determinada pelo autor deste estudo e que aqui será nomeada de *life skills*, norteando os olhares e as interpretações futuras desta pesquisa.

2.2 LIFE SKILLS

No ambiente da formação humana pelo esporte o termo *life skills* tem se destacado na literatura internacional, com forte incidência

no Canadá, Estados Unidos, Reino Unido e Austrália (JONES; LAVALLEE, 2009a; CAMIRÉ; TRUDEL; BERNARD, 2013; RIGONI; BELÉM; VIEIRA, 2017). Porém, um aspecto relevante a se destacar é a imprecisão na definição de *life skills*, sendo que para Danish e colaboradores (2004) a clara definição do termo é fundamental para o desenvolvimento dos programas/intervenções associadas ao *life skills* no esporte. Nesse sentido, apresenta-se a seguir algumas das definições encontradas na literatura especializada. Para a Organização Mundial da Saúde (1993), *life skills* são como habilidades para o comportamento adaptativo e positivo, que permitem aos indivíduos lidar efetivamente com as demandas e desafios da vida cotidiana. Já para Danish e colegas (2004),

“são aquelas habilidades que permitem que os indivíduos tenham sucesso nos diferentes ambientes em que vivem, como escola, casa e em seus bairros. Sendo que elas podem ser comportamentais (comunicação) ou cognitivas (tomar decisões eficazes); interpessoal (sendo indivíduos assertivos) ou intrapessoal (estabelecimento de metas)” (DANISH et al., 2004, p.40, tradução nossa).”

Enquanto que para Gould e Carson (2008b) *life skills* são definidas como "bens pessoais internos, características e habilidades, tais como estabelecimento de metas, controle emocional, autoestima e ética que podem ser facilitadas ou desenvolvidas no esporte e transferidas para contextos não esportivos" (GOULD; CARSON, 2008b, p.287, tradução nossa). Outros exemplos de *life skills* incluem: respeito ao próximo, gestão de tempo, trabalho em equipe, lealdade, honestidade, perseverança, liderança, dedicação, etc.

Uma suposição pertinente a estas definições retrata que as *life skills* ajudam o indivíduo não apenas a alcançar o sucesso no esporte praticado, mas também o auxiliam quando ocorre a transferência das competências desenvolvidas para os ambientes não esportivos nos quais são usados com sucesso (GOULD; CARSON, 2008a). Entende-se, portanto, que só serão consideradas *life skills* quando tais competências passam a extrapolar o ambiente esportivo praticado. Por exemplo, ajudar um jovem atleta a usar a respiração profunda para controlar o estresse enquanto realiza um lance livre em momento importante de uma partida de basquetebol é, certamente, um exemplo de desenvolvimento de uma

competência emocional. No entanto, não se considera uma *life skills* até que seja usada como técnica de respiração para aliviar a tensão em outro contexto, como por exemplo, em uma prova escolar (GOULD; CARSON, 2008a).

Assim, percebe-se que a importância em desenvolver *life skills* é mais evidente ao considerar que auxilia a reforçar as habilidades psicossociais, levando o indivíduo a desenvolver comportamentos e atitudes positivas em relação aos desafios da vida cotidiana (HODGE; DANISH, 1999). Em estudo compreendendo estudantes vinculados a atividades extracurriculares, Hansen e colaboradores (2003) identificaram que o envolvimento com esportes se associou com altas taxas de aprendizado de competências, como o autoconhecimento (aprender no que eu sou bom), regulação emocional (controle de temperamento ou estresse), além do desenvolvimento de habilidades físicas. Embora os mesmos autores tenham identificado que a exposição ao esporte também promoveu comportamentos negativos nos investigados, como a influência de adultos para levar vantagem de maneira ilegal, a participação esportiva mostrou ser um contexto frequente para o trabalho de identidade e desenvolvimento emocional (HANSEN; LARSON; DWORKIN, 2003).

Compreendendo as potencialidades do esporte no desenvolvimento de *life skills*, programas esportivos com este propósito formativo foram criados ao longo do tempo, como são os casos do *Going for the Goal* (DANISH et al., 1998), *Sports United to Promote Education and Recreation* (SUPER) (DANISH, 2002), *Teaching Responsibility through Physical Education and Sport* (HELLION; WALSH, 2002; HELLISON, 2003), *Play It Smart* (PETITPAS et al., 2004) e *First Tee life skills through golf* (WEISS, 2006). Contudo, ainda se questiona como estas características são desenvolvidas. Holt e colaboradores (2009), ao conduzirem uma pesquisa com jovens adultos que foram expostos ao esporte de rendimento, identificaram alguns fatores que possivelmente estão relacionados ao desenvolvimento de *life skills*, como o ambiente e a intervenção de outros agentes que são destacados em outros estudos como treinadores, pais e os pares (HOLT et al., 2009; FALCÃO; BLOOM; GILBERT, 2012; TAMMINEN; HOLT, 2012; HAYDEN et al., 2015; RATHWELL; YOUNG, 2017; 2018).

Embora existam várias pesquisas e esforços para promover o desenvolvimento de *life skills* em programas esportivos, parece que duas tendências foram normalmente adotadas, implícitas e explícitas (TURNNIDGE; CÔTÉ; HANCOCK, 2014). Se, por um lado, a maneira

explícita consiste na organização do ambiente esportivo, bem como na implementação deliberada de atividades que têm como objetivo ensinar *life skills* e sua aplicação nos contextos além do esporte (WALKER et al., 2005), por outro lado, a abordagem implícita baseia-se no pressuposto de que as *life skills* também podem ser aprendidas pelos praticantes de esportes como resultado da participação no esporte, mesmo que estejam incorporados em um ambiente que promova, exclusivamente, o desenvolvimento de habilidades esportivas (REIS et al., 2015; CHINKOV; HOLT, 2016).

Apesar de as discussões acerca do desenvolvimento de *life skills* por meio do esporte serem recorrentes na literatura internacional, especialmente nos países da América do Norte e Europa, no Brasil este é um assunto ainda incipiente na literatura (ESPERANÇA et al., 2013). Contudo, estudos prévios já sugeriram direcionamentos para professores e treinadores esportivos para promover a educação de jovens por meio do esporte (MACHADO; GALATTI; PAES, 2012).

Embora a base conceitual não seja diretamente vinculada à literatura do desenvolvimento positivo de jovens e de *life skills*, o estudo de Machado, Galatti e Paes (2012) sugeriu algumas estratégias explícitas a serem adotadas pelos treinadores envolvidos em projetos sociais brasileiros para promover o desenvolvimento holístico dos jovens. Os autores indicaram três componentes que devem ser incluídos em cada plano de treino de forma intencional: (a) Trabalho em grupo e discussões sobre tópicos relacionados a esportes e comportamentos positivos; (b) Reflexões em grupo e conversas relacionadas a gênero e resolução de conflitos; (c) painel de autorreflexão para os participantes analisarem seu próprio comportamento durante as práticas e acompanhar seu desenvolvimento (MACHADO; GALATTI; PAES, 2012). Tendo em vista que a organização e oferta de programas esportivos sociais é uma prática consolidada no país (ZALUAR, 1994), estudos empíricos passaram a ser conduzidos neste campo.

O Programa Segundo Tempo, criado em 2003, é um dos projetos mais recentes do governo brasileiro neste escopo (BRASIL, 2013). O principal objetivo deste programa é “democratizar o acesso à prática e à cultura do esporte de forma a promover o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens, como fator de formação da cidadania e melhoria da qualidade de vida, prioritariamente em áreas de vulnerabilidade” (BRASIL, 2013, p. 10). A partir de investigações conduzidas com participantes deste programa, resultados positivos foram identificados em termos de níveis mais elevados de auto eficácia

(REVERDITO et al., 2017a) e melhores índices de desenvolvimento humano (REVERDITO et al., 2017b).

Ainda que no Brasil a literatura particular às *life skills* seja restrita, o livro escrito por Lourdes Pinheiro (2015) intitulado “Valores Evolutivos Universais: acervo transdisciplinar” oferece suporte teórico acerca de uma série de valores humanos (por exemplo: respeito, empatia, comprometimento, resiliência, gratidão) assim como exemplos de operacionalização. Valores evolutivos universais definem-se como:

“atributos e validades imprecíveis, fundamentados nos princípios morais, nas metas e motivações da consciência que os expressa em atos dignificantes e na qualidade dos gestos assistenciais promotores do desenvolvimento e da melhoria contínua dos indivíduos, da sociedade e do ambiente em que habitam” (PINHEIRO, 2015, p. 23).”

Assim, os valores de um indivíduo são resultado de uma conquista por esforço pessoal e o caráter dependerá da operacionalização destes valores (PINHEIRO, 2015). Por exemplo, alteridade é a capacidade do indivíduo de “considerar o outro, compreender suas características diferentes e conviver com o diferente em respeito ao seu processo e ao seu tempo, amenizando incompatibilidades que são próprias do nível evolutivo de cada um” (PINHEIRO, 2015, p. 56).

2.3 TRANSFERÊNCIA DE LIFE SKILLS

As pessoas mudam constantemente de um contexto para outro na vida cotidiana e, portanto, os interessados em estudar devem considerar o esporte como um dos contextos potenciais de aprendizado (por exemplo, contexto de aprendizagem escolar, contexto de aprendizagem familiar) que podem ajudar os indivíduos a desenvolver *life skills* (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017). Apesar do crescente número de estudos evidenciando que o esporte pode promover resultados positivos para o indivíduo, ainda não existe um consenso sobre a transferência destas habilidades para outros contextos da vida (TURNNIDGE; CÔTÉ; HANCOCK, 2014).

Uma avaliação realizada com 100 jovens de idade entre 13 e 17 anos de um programa de desenvolvimento de *life skills* por meio do

ensino do golfe nos Estados Unidos, apontou que houve um impacto significativamente positivo nos níveis de empatia e responsabilidade social a partir das experiências do serviço comunitário em que foram expostos pelo programa (BRUNELLE; DANISH; FORNERIS, 2007). Na busca por identificar quais *life skills* são necessárias e quais são mais importante para a vida, Jones e Lavallee (2009b) investigaram 19 jovens atletas, 10 treinadores, 4 especialistas em psicologia esportiva e 4 estudantes de graduação. No estudo os autores identificaram que há certa necessidade de determinadas *life skills* interpessoais como o respeito, a liderança, a interação familiar, a comunicação e as habilidades sociais, além da necessidade de *life skills* intrapessoais como a disciplina, a organização, a auto-confiança, a definição de metas, a gestão dos resultados de desempenho e a motivação (JONES; LAVALLE, 2009b). Dentre estas *life skills* as habilidades sociais foram identificadas como as mais importantes (JONES; LAVALLE, 2009b).

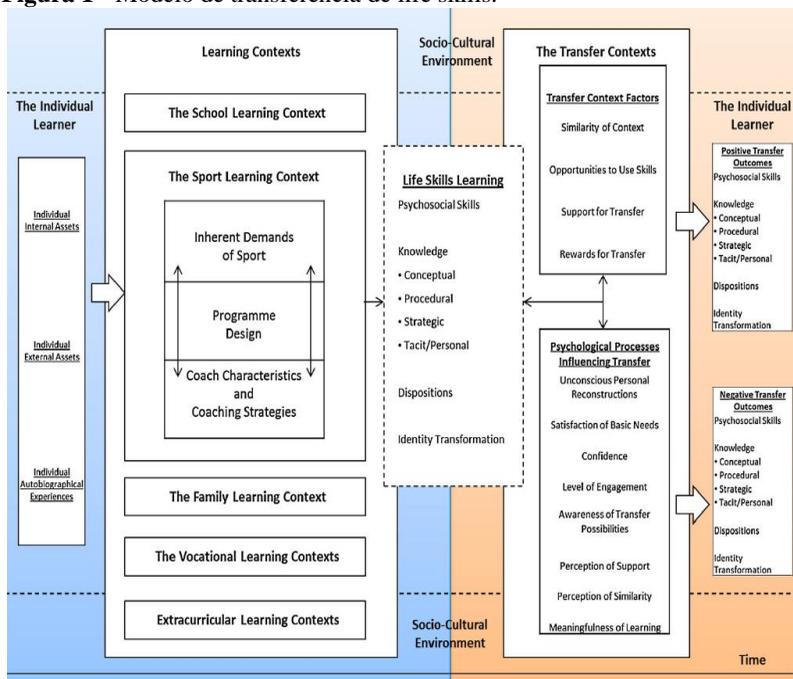
Chinkov e Holt (2016) investigaram 16 atletas adultos e instrutores experientes de jiu-jitsu em academias canadenses para explorar a transferência de *life skills*. Os autores identificaram que houve mudanças em suas vidas a partir da aquisição de quatro *life skills*: respeito ao próximo, perseverança, auto-confiança e hábitos saudáveis (CHINKOV; HOLT, 2016). As fontes principais de aprendizagem foram relatadas como o suporte do instrutor e a relação com os pares, combinados com os valores do esporte e o ambiente criado para a aprendizagem implícita de *life skills* (CHINKOV; HOLT, 2016).

O ponto-chave consistentemente levantado na literatura é que a transferência não é um resultado automático ou garantido da aprendizagem (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017). Contudo, a realocação dessas competências pode ocorrer quando um programa esportivo enfatiza intencionalmente a importância da transferência de competências desenvolvidas ou aprimoradas por meio da participação esportiva em outras situações da vida (GOULD; CARSON, 2008a). Mayocchi e Hanrahan (2000) explicam que estando o atleta ciente e confiante com suas competências aprendidas e desenvolvidas no esporte, sua transposição para outros domínios da vida devem acontecer naturalmente. Este fato corrobora com a abordagem explícita mencionada por Turnnidge e colaboradores (2014). No entanto, o esporte de rendimento normalmente não busca criar oportunidades para o desenvolvimento intencional de *life skills* e sua transferência. Desta maneira, a via implícita de transferência de *life skills* aparenta ser o caminho mais provável nessa dimensão esportiva (KENDELLEN; CAMIRÉ, 2017).

Um passo importante adotado, embora restrito a poucos estudos, foi a investigação das perspectivas de ex-atletas sobre suas percepções acerca da transferência de *life skills* desenvolvidas no esporte. Desta forma, identificaram o desenvolvimento de competências interpessoais (comunicação efetiva e próatividade), intrapessoais (definição de metas e autocontrole), além de aspectos negativos (estresse e atitudes antissociais) (GOULD; CARSON, 2010; VOELKER; GOULD; CRAWFORD, 2011; KENDELLEN; CAMIRÉ, 2017). Entretanto, seja no contexto de participação esportiva ou no contexto do esporte de rendimento, a transferência de *life skills* é reconhecida como um processo complexo e que permanece com muitos questionamentos sobre “como” e “porque” indivíduos transferem suas competências de um contexto para outro (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017). Assim, trabalhos recentes tem buscado desenvolver modelos para explicar o processo de transferência (JACOBS et al., 2017; PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017). Para este estudo, o modelo proposto por Pierce, Gould e Camiré (2017) será detalhado para proporcionar interpretações acerca dos dados obtidos.

Suportado na teoria bioecológica proposta por Uri Bronfenbrenner (2005), o modelo de transferência de *life skills* do esporte para outros domínios baseia-se em três componentes principais: o indivíduo, o contexto e o tempo. Além disso, outros elementos são destacados em cada um dos componentes e proporcionam maior detalhamento à proposta (veja Figura 1).

Figura 1 - Modelo de transferência de life skills.



Fonte: Pierce, Gould e Camiré (2017).

Indivíduo:

Assim como em outras teorias utilizadas na área da psicologia (JARVIS, 2006; 2007), neste modelo o indivíduo é percebido de maneira holística e que carrega consigo as aprendizagens de sua trajetória. Dessa forma, o indivíduo não integra ao contexto esportivo desprovido de competências, *life skills* e características pessoais (GOULD; CARSON, 2008). Assim, três elementos são destacados: características internas (idade, gênero, personalidade); características externas (pais, professores, treinadores); e experiências individuais autobiográficas (situações episódicas que transformam o indivíduo). Estes elementos proporcionam o entendimento de que o indivíduo está no centro do processo de compreensão das *life skills* e de transferência para outros contextos. Portanto, as estratégias utilizadas por treinadores para o desenvolvimento de *life skills* e transferência para outros contextos devem considerar que possivelmente não sustentarão o mesmo impacto em jovens de diferentes características e trajetórias (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017).

Quando discutida as possibilidades de transferência de *life skills* para outros contextos, os autores mencionam a existência da transferência positiva e negativa (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017). De fato, tendo em vista que a prática esportiva pode proporcionar experiências positivas e negativas, a aplicação das aprendizagens vivenciadas e aspectos desenvolvidos nesse contexto podem ser percebidos como moralmente correto ou incorreto. Por exemplo, ao compreender a importância de ser pontual em sessões de treinamento e partidas, facilita-se a transferência desta *life skill* (gestão de tempo, pontualidade) para outros contextos e promove-se a transferência positiva. Entretanto, ao lidar com comportamentos negativos neste contexto, como o *doping*, pode-se levar ao desenvolvimento de comportamentos de risco no dia a dia.

Ambiente:

Primeiramente, diversos contextos de aprendizagem são apontados: escola, esporte, família, trabalho e as atividades extracurriculares (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017). Tendo em vista que este modelo aplica-se especificamente ao contexto esportivo, os autores apresentam detalhamento do mesmo. Assim, as demandas inerentes ao esporte como a competição e a interação social são características que diferenciam este ambiente de outros utilizados para o desenvolvimento de *life skills* (FRASER-THOMAS; CÔTÉ, 2009); fato que é normalmente enaltecido pela abordagem implícita para explicar o processo de transferência (TURNNIDGE; CÔTÉ; HANCOCK, 2014). Apesar de o ambiente esportivo proporcionar experiências positivas e negativas aos praticantes (FRASER-THOMAS; CÔTÉ, 2009), principalmente quando se trata do esporte de rendimento (THEBERGE, 2008), parece que os indivíduos também são responsáveis por produzir a própria aprendizagem e desenvolvimento a partir das experiências com o contexto e com os treinadores (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017). De fato, atletas são apontados por serem demasiadamente influenciados pelos seus pares, pais e treinadores (KEEGAN et al., 2010).

Quando mencionados os contextos de transferência de *life skills*, os autores propõem os fatores que influenciam tal transferência, como a similaridade dos contextos, as oportunidades para usar as *life skills* e o suporte para a transferência (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017). Posteriormente, são apontados oito processos psicológicos que influenciam a transferência, os quais estão relacionados a como os indivíduos percebem os ambientes, o suporte, as oportunidades e a própria competência para aplicar as *life skills* (PIERCE; GOULD;

CAMIRÉ, 2017). Por exemplo, no estudo de Camiré, Trudel e Forneris (2012), jovens atletas mencionaram que normalmente eles não são estimulados a refletir sobre como as aprendizagens do esporte podem contribuir nas tarefas diárias da vida. Além disso, destaca-se a importância do suporte dos agentes externo (familiares, pares, professores, etc) para a facilitação da transferência de *life skills* para outros contextos.

Tempo:

No modelo proposto, o tempo é um componente que pode potencializar ou limitar a transferência de *life skills*. Por exemplo, Lee e Martinek (2013) identificaram que a duração das sessões de treino (60, 90, 120 minutos), a frequência de treinos por semana, mês e ano e a extensão da participação esportiva do indivíduo ao longo de sua vida, são fatores que influenciam no desenvolvimento e na transferência de *life skills*. Além disso, sugere-se que o tempo pode contribuir para que o indivíduo depare-se com situações de vida que possibilitam a transferência das *life skills*, assim como pode dificultar sua aplicação a partir do esquecimento das aprendizagens vivenciadas no contexto esportivo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Com relação à abordagem do problema, o estudo se caracteriza como qualitativo, devido a necessidade da compreensão profunda das experiências de vida dos participantes da pesquisa, levando em conta suas emoções, atitudes e percepções (CRESWELL, 2007; GIL, 2008). Na pesquisa qualitativa uma importante característica a se destacar é a heterodoxia no momento da análise de dados, exigindo do pesquisador uma capacidade analítica e integradora e, ao mesmo tempo, criadora e intuitiva devido a variedade de dados obtidos (MARTINS, 2004). Assim, destaca-se que a pesquisa qualitativa não se dirige unicamente as experiências subjetivas dos participantes do estudo, mas preocupa-se também com a subjetividade do pesquisador (YIN, 2011).

Em seu objetivo, o estudo se destaca como descritivo, pois visa retratar as características do fenômeno a ser estudado (GIL, 2008). Uma maneira de apresentar estudos dessa ordem é através da pesquisa narrativa, sendo que a possibilidade de apresentar uma experiência holística em toda a sua complexidade está entre os pontos fortes desta abordagem (CRESWELL, 2013). Ou seja, a pesquisa narrativa “conta a história de indivíduos que se desdobram em uma cronologia de suas experiências, inseridos em seu contexto pessoal, social e histórico, incluindo os temas importantes nessas experiências vividas” (CRESWELL, 2007, p.57, tradução nossa).

O presente estudo divide-se em dois momentos distintos, mas que se entrelaçam em suas características relativas ao fenômeno cultural estudado, o voleibol no contexto de esporte de rendimento. O primeiro momento do estudo retrata as histórias de vida de ex-atletas de voleibol, enquanto o segundo momento compreende uma autoetnografia colaborativa. Para melhor definição de cada momento da pesquisa, os tópicos seguintes orientam a conceituação, instrumentalização e procedimentos de cada momento.

3.1.1 Autoetnografia colaborativa

A perspectiva da autoetnografia pode ser definida como um método a ser usado na investigação e na escrita, tendo como proposta a descrição narrativa da experiência pessoal, a fim de compreender o fenômeno social e cultural que se envolve (ELLIS; ADAMS; BOCHNER, 2011). O termo colaborativo atrelado a autoetnografia se

remete a busca por maior rigor metodológico que tem sido alvo de críticas quanto ao aspecto narcisista e autoindulgente da autoetnografia (HOLT, 2003; LAPADAT, 2017). Nesse sentido, a autoetnografia colaborativa se caracteriza por um processo de reflexão entre os pesquisadores, sendo um deles o próprio objeto de estudo (autoetnógrafo) e o outro o colaborador (neste caso o orientador desta dissertação) (BAKER et al., 2017; LAPADAT, 2017).

Com base na narrativa pessoal, a pesquisa autoetnográfica é particularmente adequada para investigar o significado que o indivíduo traz para o mundo, como decifra e compreende suas experiências, transmitindo essas interpretações aos leitores (RINEHART, 2005). Portanto, a experiência tácita documentada através do processo autoetnográfico colaborativo pode fornecer informações sobre tópicos sensíveis do contexto estudado, melhor capturados através da experiência pessoal e autorreflexão (HOEBER; KERWIN, 2013; KERWIN; HOEBER, 2015).

A busca pela utilização da autoetnografia colaborativa justifica-se pela inovação, ampliação e profundidade da caracterização do contexto esportivo, social e cultural do voleibol como esporte de rendimento. Segundo Kerwin e Hoerber (2015), estudar nossas experiências vividas fornece perspectivas valiosas e, às vezes, diferentes sobre o que pesquisamos. Importa destacar que a autoetnografia é um delineamento qualitativo no qual o pesquisador descreve e interpreta os padrões compartilhados e aprendidos dos comportamentos, valores, crenças e linguagem de um grupo que divide o mesmo ambiente cultural (CRESWELL, 2013).

Por fim, destaca-se que a autoetnografia colaborativa mostra-se adequada por reconhecer que não há uma realidade compartilhada ou consistente e compreende a influência das identidades sociais do pesquisador e do colaborador na interpretação de dados, que é um elemento importante nesta pesquisa (HOEBER; KERWIN, 2013). Um dos benefícios desta abordagem é a capacidade de criticar, discutir e analisar os pontos de vista e a reflexão, proporcionando um nível de credibilidade e confiabilidade que pode não estar presente em abordagens alternativas (KERWIN; HOEBER, 2015).

Neste estudo o colaborador autoetnográfico é o orientador do trabalho, doutor em Educação Física, atuando majoritariamente em pesquisas qualitativas, com experiência na área de formação e desenvolvimento de atletas e treinadores. Além da influência positiva acadêmica do colaborador, destaca-se que sua vida se entrelaça com o contexto esportivo vivido pelo autor do estudo. Autor e colaborador

foram colegas de quadra no voleibol entre seus 14 e 18 anos, compartilhando experiências tanto na dimensão do esporte de rendimento como na formação humana. Nesse sentido, evidencia-se o papel fundamental do colaborador no processo de estimulação, argumentação e potencialização reflexiva do autor do estudo.

3.1.2 Histórias de Vida

A escolha pelo método de história de vida se enquadra com as orientações de condução da pesquisa narrativa apontados por Creswell (2007), que a relaciona com a captura das histórias detalhadas ou experiências de vida de um indivíduo ou de um pequeno número de indivíduos. Dessa maneira, a história de vida tem como ponto principal permitir que o informante retome sua vivência de forma retrospectiva (BONI; QUARESMA, 2005). Embora uma narrativa de vida não seja destinada a fornecer generalizações do ponto de vista positivista, ela fornece a provisão de valiosas percepções sobre a complexidade do fenômeno em estudo (JONES; ARMOUR; POTRAC, 2003). Portanto, este momento do estudo tende a destacar episódios e eventos críticos, fornecendo intuições sobre a compreensão humana.

3.1.3 Participantes

De modo a proporcionar perspectivas diversas sobre o fenômeno investigado, os participantes foram selecionados de maneira proposital a partir da trajetória de vida na prática de alto rendimento no voleibol (CRESWELL, 2007; YIN, 2011). No âmbito da pesquisa qualitativa, a seleção proposital é comumente adotada a partir da proximidade do pesquisador com os participantes e devido a busca por investigar indivíduos com maior capacidade de diálogo e de fornecimento de informações relevantes ao escopo do estudo (YIN, 2011). Assim, os participantes desta pesquisa incluem o pesquisador e cinco ex-atletas de voleibol.

Perfil do Pesquisador

Minha longa e intensa vivência na modalidade do voleibol dentro do contexto do esporte de rendimento traz ao estudo um valioso conhecimento do ambiente esportivo a ser estudado. Ingressei na modalidade aos 11 anos de idade e desde então, hoje aos 35 anos, vivencio o esporte de rendimento. Durante minha trajetória de vida tive a oportunidade de conviver com grandes referências do voleibol

mundial que se iniciou já no período de formação esportiva. Tive a oportunidade de representar o estado do Paraná, onde inicio minha trajetória esportiva em competições nacionais que favoreceram minha convocação à seleção brasileira infanto-juvenil. A partir deste período a caminhada para profissionalização foi rápida e me levou ao ingresso em uma equipe adulta precocemente, ainda como atleta juvenil. A pronta iniciação ao voleibol profissional juntamente aos primeiros anos defendendo equipes no voleibol de elite nacional me abriram portas para a elite profissional de outras nações, a começar pela Argentina e, posteriormente, defendendo equipes ao longo de vários anos pela República Tcheca, Estônia, Bahrein, Alemanha, Bélgica e Irã.

O meu ingresso no ambiente acadêmico foi tardio em função dos compromissos esportivos impostos pelo esporte de alto rendimento. Apesar de ter cursado parte da graduação em Engenharia da Computação e, posteriormente, Fisioterapia durante meus primeiros anos como atleta profissional enquanto ainda atuava no Brasil, foi somente aos 30 anos de idade que ingressei no curso de Educação Física e, posteriormente, no mestrado.

Perfil dos Ex-atletas de Voleibol

Participaram cinco ex-atletas de voleibol, do sexo masculino, com idade entre 32 e 46 anos de idade, selecionados a partir da compreensão subjetiva do autor a respeito de suas representatividades no meio em que vivem atualmente. Para esta escolha o autor baseou-se em seu conhecimento prévio dos possíveis participantes, elencando uma lista hierárquica de preferência. O processo de definição desta lista preliminar teve como base alguns aspectos importantes, como: proximidade e conveniência pessoal, formação esportiva, protagonismo profissional, capacidade comunicativa e variedade ocupacional, corroborando as possibilidades de seleção de participantes para estudos de narrativas de vida (CRESWELL, 2013).

Perfil do Ex-atleta 1

O participante 1 tem 32 anos de idade, solteiro e vem de uma família de mais dois irmãos mais novos e iniciou sua trajetória esportiva em um pequena cidade de interior. O ex-atleta 1 foi atleta profissional até os 29 anos e ao longo de sua experiência esportiva teve passagens pelas modalidades de futsal, futebol, natação e handebol. Iniciou o voleibol na escola, por volta dos 12 anos de idade, por influência de um professor. Logo que começou a se destacar foi convidado para representar seu estado nos campeonatos brasileiros de seleção de

categorias de base. A partir de seu destaque esportivo acabou migrando para um clube da capital de seu estado e, posteriormente, ingressou nas categorias de base de uma equipe profissional em outro estado que o levou a convocação para a seleção brasileira infanto-juvenil e juvenil. Sua trajetória esportiva contemplou a passagem por equipes nacionais e internacionais, tendo como destaque a Argentina e Arábia Saudita. Aos 29 anos de idade se desligou do voleibol profissional e passou a atuar como produtor de eventos corporativos. Hoje ministra palestras motivacionais em empresas, valendo-se de suas experiências profissionais no voleibol como fonte de inspiração aos demais.

Perfil do Ex-atleta 2

O participante 2 tem 39 anos de idade, casado e pai de uma menina, além de ser o irmão mais velho de outros dois. Sua iniciação esportiva foi diversificada, tendo passagem pelo futebol, surf (em função do convívio social) e basquete escolar. Sua iniciação ao voleibol se deu aos 15 anos, por intermédio de um professor escolar e brevemente já passou a participar de competições estaduais representação seu município. Aos 17 anos ingressou na seleção brasileira infanto-juvenil, representando o Brasil em competições sul-americanas e mundiais. Seu destaque na modalidade o colocou em uma equipe profissional aos 20 anos de idade e aos 24 anos já estava construindo sua carreira internacional, passando pela Bélgica, Argentina, França e Dubai. Encerrou sua carreira profissional aos 31 anos e na sequência ingressou no curso de Educação Física. Hoje atua como gerente de uma academia de ginástica e *personal trainer* por meio de sua formação acadêmica, além de atuar como professor de francês, por meio de sua aprendizagem ao idioma ao longo de sua trajetória esportiva.

Perfil do Ex-atleta 3

O participante 3 tem 36 anos de idade, casado e pai de uma menina, além de ser o irmão mais velho de outras duas irmãs. Ingressou ao esporte por meio do futebol aos 6 anos de idade em sua escola e aos 9 anos foi introduzido ao mini vôlei por um professor. Já nas primeiras categorias do voleibol (pré-mirim) começou a disputar competições locais e posteriormente na categoria mirim já foi campeão estadual. A partir das diversas competições disputadas passou a ser convocado para a seleção estadual infanto-juvenil e juvenil. Aos 20 anos de idade disputou sua primeira competição profissional, sagrando-se campeão brasileiro na mesma temporada. Sua carreira profissional logo se tornou

internacional migrando para a Espanha e posteriormente para França e Bulgária. Seu último ano como profissional foi em 2011 aos 29 anos de idade. Durante os 4 anos que defendeu clubes franceses conseguiu completar sua faculdade de administração e concluir um mestrado profissional em marketing. Ao final de sua carreira profissional, o participante 3 coordenou um projeto esportivo de voleibol e hoje é gestor de uma agência de marketing esportivo.

Perfil do Ex-atleta 4

O participante 4 tem 35 anos de idade, é casado e pai de dois filhos. Em sua família é o irmão mais velho de outros dois irmãos. Sua iniciação esportiva se deu por meio do judô, natação e futsal enquanto era criança, aproximadamente entre 6 e 9 anos de idade. Aos 10 anos conheceu o basquetebol e na sequência ingressou no voleibol no clube que era associado. Aos 12 anos já havia parado de praticar as demais modalidades, mantendo-se somente no voleibol. Sua trajetória esportiva passou por grandes equipes durante as categorias de base, bem como as seleções brasileiras infanto-juvenil, juvenil e posteriormente adulta. Sua profissionalização se deu aos 19 anos de idade, tendo como destaque a passagem por equipes de elite do voleibol nacional, colecionando títulos coletivos e premiações individuais. Aos 22 anos iniciou sua carreira internacional, passando pela França, Itália, Polônia e Arábia Saudita. Encerrou sua carreira aos 32 anos de idade, abrindo uma agência de marketing digital e treinamento mental. Hoje segue atuando no ramo empresarial com diversas frentes de trabalho, que vão desde investimentos monetários até o treinamento mental.

Perfil do Ex-atleta 5

O participante 5 tem 46 anos de idade, solteiro e tem apenas um irmão (mais velho). Sua iniciação esportiva foi através da natação, judô e futebol, passando posteriormente pelo basquete, até ingressar no voleibol aos 11 anos de idade juntamente com seu irmão. Suas categorias de base foram no seu estado de origem. Aos 19 anos iniciou sua carreira profissional, com passagem por várias equipes de elite do voleibol nacional. Aos 25 anos de idade iniciou sua graduação em arquitetura, concomitante com a carreira profissional de voleibol. Sua carreira perdurou até os 33 anos, contudo já atuava como arquiteto. Nessa transição ainda passou por uma breve atuação como comentarista esportivo de voleibol e seguiu com sua profissão de arquiteto.

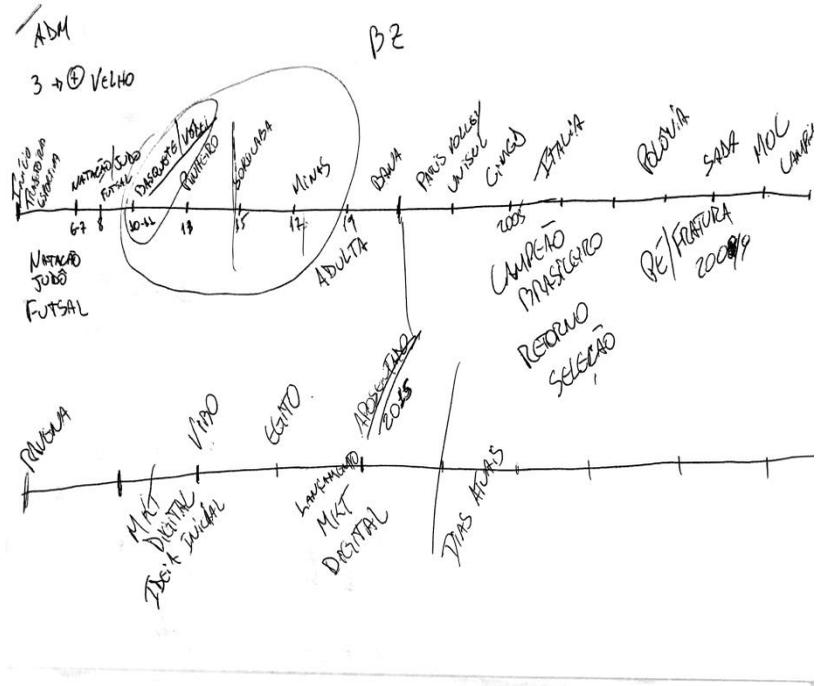
3.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Rappaport Time Line

O Rappaport Time Line (RTL) consiste em uma ferramenta de coleta de dados que visa apresentar de maneira ilustrativa os acontecimentos da vida de um indivíduo de maneira cronológica ao longo de uma linha do tempo (RAPPAPORT; ENRICH; WILSON, 1985). Com o intuito de estimular a memória dos participantes do estudo (autor e demais ex-atletas), o RTL foi aplicado para orientar os direcionamentos das posteriores discussões com o pesquisador e colaborador no processo da autoetnografia (CRESWELL, 2007; DUARTE, 2013).

Outros estudos conduzidos no contexto esportivo também adotaram esta estratégia de recapitulação da trajetória de vida (DUARTE; CULVER, 2014; TOZETTO, 2016; TOZETTO et al., 2017). O estudo de Tozetto (2016), por exemplo, o aplicou por meio de uma folha de papel em branco medindo 210mm x 297mm com as palavras “nascimento” e “presente” escritas nas extremidades opostas da folha, instruindo os participantes “a relatar eventos importantes, marcos e transições na sua vida, de modo detalhado e dividido em períodos de tempo” (p.55). Para os propósitos deste estudo, os termos usados no instrumento RTL foram “início da trajetória esportiva” e “dias atuais” (Figura 2).

Figura 2 – Exemplos do Rappaport Time Line utilizados no estudo.



Fonte: O autor

Diário Reflexivo

Instrumento demonstrado na literatura como facilitador no aprofundamento dos processos reflexivos necessários em estudos de natureza qualitativa (TANG, 2002; EMERSON; FRETZ; SHAW, 2011). O uso do diário reflexivo torna transparente a miscelânea e desordem do processo de pesquisa para o pesquisador, que pode torná-lo visível para aqueles que leem o estudo e assim evitar produzir, reproduzir e circular o discurso da pesquisa como um processo limpo e linear (ORTLIPP, 2008). O diário reflexivo foi utilizado pelo autor, no sentido de organizar as memórias da sua trajetória esportiva, bem como, sentimentos, valores e momentos marcantes que se desvelavam ao longo do processo crítico-reflexivo na escrita da autoetnografia colaborativa.

Entrevistas semiestruturadas

Considerando a complexidade e subjetividade associada à percepção de *life skills* aprendida e desenvolvida por meio da exposição ao esporte de rendimento, a entrevista surge como um instrumento de pesquisa que fornece informações detalhadas sobre as experiências e os pontos de vista dos participantes acerca de um tema específico (TURNER III, 2010). A interação mais afetiva possibilitada pela entrevista permite maior profundidade na coleta de dados, como sugerem Bono e Quaresma (2005, p. 73):

[...] a interação entre o entrevistador e o entrevistado favorece as respostas espontâneas. Elas também são possibilitadoras de uma abertura e proximidade maior entre entrevistador e entrevistado, o que permite ao entrevistador tocar em assuntos mais complexos e delicados, ou seja, quanto menos estruturada a entrevista maior será o favorecimento de uma troca mais afetiva entre as duas partes.

Portanto, para este estudo, realizaram-se entrevistas do tipo semiestruturada a partir de temas geradores e da organização apresentada no RTL de cada participante. Este tipo de entrevista colabora com a investigação dos aspectos afetivos e sociais dos entrevistados que determinam significados pessoais de suas atitudes e comportamentos (BONI; QUARESMA, 2005). Com a intenção de obter descrições contextualizadas sobre a trajetória esportiva de cada ex-atleta

de voleibol, sobretudo no que se refere às suas percepções de desenvolvimento e transferência de *life skills* a partir da exposição ao esporte de rendimento, o roteiro da entrevista contemplou os seguintes temas geradores de investigação:

1. **Tema Gerador** – Iniciação na carreira esportiva
2. **Tema Gerador** – Experiências nas categorias de Base
3. **Tema Gerador** – Vivência no Esporte Profissional
4. **Tema Gerador** – Transferência de *life skills* para outros contextos após carreira esportiva.

3.3 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Autoetnografia colaborativa

O processo inicial deu-se de forma introspectiva, na qual o autor recorreu aos momentos marcantes de sua trajetória esportiva para reportar no RTL. Na intenção de facilitar o acesso às lembranças mais profundas sobre a própria trajetória, o autor recorreu aos documentos, fotos e pertences que marcaram sua história. Para o aprofundamento dos aspectos relacionados ao ambiente esportivo em que o autor conviveu durante sua vida, foi utilizado o diário reflexivo para contextualizar os fatos marcantes elencados no RTL.

Posteriormente foi entregue em mãos ao colaborador (orientador) o primeiro tópico da autoetnografia para apreciação e agendamento da primeira reunião. Nesta reunião o colaborador abordou os aspectos a ele pertinentes e juntos, colaborador e pesquisador, refletiram sobre suas experiências e percepções acerca do tópico. Após a reunião o pesquisador realizou o processo de introspecção munido das reflexões oriundas de sua reunião com o colaborador, reestruturando a escrita do primeiro tópico.

O passo seguinte foi o reenvio do tópico 1 da autoetnografia ao colaborador para sua reanálise, juntamente com o envio do tópico 2 e agendamento de nova reunião. Na segunda reunião foram realizados os mesmos passos da reunião anterior, levando em consideração o segundo tópico da autoetnografia. Este procedimento se repetiu até o fechamento da autoetnografia.

Entrevista semiestruturada

Após a validação dos temas geradores da entrevista por meio do processo de qualificação desta pesquisa, realizou-se primeiro contato com os participantes no intuito de esclarecer os objetivos do estudo e

das entrevistas. A partir do aceite para integrar no estudo, agendou-se uma entrevista em local e data escolhidos pelo entrevistado. Antes do início de cada entrevista o participante da pesquisa foi novamente situado quanto aos objetivos do estudo, bem como entregue ao mesmo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para sua apreciação e assinatura. As entrevistas foram gravadas e restritas ao entrevistado e entrevistador. As informações fornecidas durante a entrevista foram utilizadas apenas para fins de pesquisa e somente os pesquisadores envolvidos nesta investigação tiveram acesso ao conteúdo das entrevistas.

No primeiro encontro com cada entrevistado foi realizado o RTL como estratégia de resgate da memória de sua trajetória esportiva, iniciando por seus primeiros contatos com esportes, perpassando por sua iniciação ao voleibol, suas categorias de base, sua profissionalização, seu encerramento da carreira esportiva e seu ingresso na ocupação atual. Esse primeiro contato pessoal mostrou-se importante para o conhecimento do pesquisador sobre a biografia do entrevistado.

A partir da realização da primeira entrevista com cada participante, que teve duração média de 57 minutos, o pesquisador realizou a transcrição dos áudios manualmente por meio do software Microsoft Office Word 2010. Com base nas transcrições das entrevistas de cada participante e seu RTL, o autor elaborou os questionamentos com base nos temas geradores do roteiro de entrevista alinhado à memória esportiva e os momentos marcantes apontados na primeira entrevista de cada participante, para o agendamento da segunda entrevista.

Anteriormente ao agendamento da segunda entrevista, os participantes foram novamente contatados e receberam, via e-mail, a transcrição da primeira entrevista para seus ponderamentos quanto à veracidade dos dados. Com a aprovação dos participantes quanto ao conteúdo das transcrições, foi realizado um novo agendamento com local, data e hora de escolha dos participantes.

Agendadas as segundas entrevistas com cada participante, que tiveram duração média de 53 minutos, o autor abordou os aspectos relacionados aos temas geradores do roteiro de entrevista, alinhado aos apontamentos realizados na primeira entrevista de cada participante. Igualmente ao procedimento da primeira entrevista, esta foi transcrita e encaminhada, por e-mail, aos entrevistados para leitura e aprovação.

3.4 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

A análise de dados na pesquisa qualitativa consiste em preparar e organizar os dados (por exemplo, dados de texto como em transcrições, ou dados de imagem como em fotografias) para análise, reduzindo os dados em temas através de um processo de codificação e condensação dos códigos e finalmente representando os dados em figuras, tabelas ou uma discussão (CRESWELL, 2007, p.148, tradução nossa).

Assim, o presente estudo trouxe a análise temática, entendendo que através de sua liberdade teórica se fornece uma ferramenta de pesquisa flexível e útil, que pode prover uma complexa, porém rica e detalhada, análise dos dados obtidos (BRAUN; CLARKE, 2006; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016). Em complemento, o processo de análise de dados em estudos qualitativos tem como objetivo descrever um fenômeno a partir de seus detalhes, que serão destacados neste estudo através das experiências subjetivas relatadas pelos participantes da pesquisa (FLICK, 2014). Para a realização da análise temática foi utilizado o guia de seis fases de análise apontado por Braun e Clarke (2006) (Tabela 1), que se orientou pelos estágios de familiarização dos dados, geração dos códigos iniciais, busca por temas, revisão dos temas, definição e nomeação dos temas e produção do relatório.

Tabela 1 – Fases da Análise Temática

Estágio	Descrição do processo
1. Familiarizando-se com seus dados:	Transcrição dos dados (se necessário), leitura e releitura dos dados, apontamento de ideias iniciais.
2. Gerando códigos iniciais:	Codificação das características interessantes dos dados de forma sistemática em todo o conjunto de dados, e coleta de dados relevantes para cada código.
3. Buscando por temas:	Agrupamento de códigos em temas potenciais, reunindo todos os dados relevantes para cada tema potencial.
4. Revisando temas:	Verificação se os temas funcionam em relação aos extratos codificados (nível 1) e ao conjunto de dados inteiro (Nível 2), gerando um "mapa" temático da análise.
5. Definindo e nomeando temas:	Nova análise para refinar as especificidades de cada tema, e a história geral contada pela análise; geração de definições e nomes claros para cada tema.
6. Produzindo o relatório:	A última oportunidade para a análise. Seleção de exemplos vívidos e convincentes do extrato, análise final dos extratos selecionados, relação entre análise, questão da pesquisa e literatura, produzindo um relatório acadêmico da análise.

Fonte: Braun e Clarke (2006).

O primeiro passo foi a familiarização dos dados que se deu por meio da transcrição das entrevistas e leitura superficial e releitura procurando significados e padrões. Feito este primeiro processo com todas as entrevistas, passou-se para o passo dois que consistiu na geração dos códigos iniciais através da unificação de características e padrões de dados identificados no passo 1, exemplo:

- Recordações do primeiro esporte
- Lembrando das dificuldades dos momentos sem contrato
- Sentimento de perda de vínculo com amigos e familiares

O terceiro passo foi o agrupamento dos códigos em temas potenciais de forma a unificar algumas similaridades, tais como os momentos relatados pelos participantes sobre as dificuldades na carreira esportiva, os pontos positivos encontrados, os relatos relacionados as *life skills*, especificamente, que foram organizados em pastas no software Nvivo 9. O quarto passo foi a revisão dos temas com a releitura de todos os extratos de códigos e alocação dos mesmos em subtemas dentro do seu tema relativo, além da exclusão e fusão de códigos que se mostraram pertinentes para o momento da análise. O quinto passo consistiu na definição e nomeação dos temas, com a alocação final dos subtemas. Neste momento da análise dos dados foi possível identificar a “essência” do assunto de cada tema e determinar que aspecto de dados cada um dos temas estava capturando, exemplo:

- Memórias da iniciação esportiva
 - Primeiros contatos com esporte
 - Categorias de base
 - Quero ser jogador
- Aprendizagens no esporte
 - *Life Skills* aprendidas
 - Interpessoais
 - Intrapessoais
 - Fontes de aprendizagem de *Life Skills*
 - Treinadores
 - Competições
 - Situações vividas
- Situações de transferência de *Life Skills*

- Relações no Ambiente de Trabalho
- Gestão das demandas profissionais

O sexto e último passo consistiu na finalização do processo com a análise final e escrita do relatório. Este relato final da análise temática é representada pela história dos dados coletados de forma concisa, coerente e lógica dentro dos temas criados (BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016). A escolha da forma de relatório para apresentação dos resultados do estudo foi por meio de vinhetas. O uso de vinhetas nas Ciências do Esporte tem se tornado frequente, no sentido de elucidar dados qualitativos por meio de trechos narrativos (BLODGETT et al., 2011; CALLARY; WERTHNER; TRUDEL, 2012; SCHINKE et al., 2016). As vinhetas podem ser apresentadas de três maneiras (SPALDING; PHILLIPS, 2007): (a) Instantânea - desenvolvidas a partir de observações do investigador; (b) Retrato - apresenta as características e experiências do entrevistado; e (c) Composta – Integra as experiências de diversos participantes, criando uma única estória. No presente estudo, optou-se em utilizar a Vinheta-Retrato para apresentar os resultados da autoetnografia colaborativa e a Vinheta- Composta para as histórias de vida dos ex-atletas. A organização das vinhetas compostas permitiu que os dados fossem representados por meio de um processo criativo não fictício, tecendo as experiências dos participantes ao longo da sua trajetória investigada e sendo narradas em uma única voz (SCHINKE et al., 2016), o que fortalece a estrutura narrativa do trabalho. Deste modo, os temas apresentados por meio de vinhetas na seção de resultados são: *Iniciação esportiva; Importância do treinador; Busca constante pela excelência; Convívio com os pares; Decisão de se tornar um jogador profissional; O outro lado do esporte; A rotina de um jogador profissional; Carreira fora do país; Relações no ambiente de trabalho; Gestão das demandas profissionais; e o convívio social e em família.*

3.5 ASPECTOS ÉTICOS

A participação dos ex-atletas foi viabilizada a partir da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 1), aprovado pelo parecer 2.837.220. No momento das entrevistas, apenas o entrevistado e o pesquisador estiveram presentes no ambiente escolhido pelo entrevistado. As informações das entrevistas foram gravadas e transcritas, sendo o conteúdo da transcrição reportado aos participantes da pesquisa para sua validação. As informações obtidas

das entrevistas foram utilizadas apenas para fins acadêmicos e o anonimato dos entrevistados foi garantido.

A investigação apresentou riscos mínimos nos fatores psicológicos e sociais, como, por exemplo, cansaço ou aborrecimento ao responder as perguntas da entrevista e desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio. Além disso, os participantes estiveram livres para se retirar do estudo quando desejassem.

4 RESULTADOS

4.1 EX-ATLETAS ENTREVISTADOS

4.1.1 Memórias da Trajetória Esportiva

Iniciação Esportiva

Minha iniciação esportiva foi bem diversificada, me lembro das aulas de educação física onde jogávamos os esportes tradicionais, basquete, vôlei, futsal e handebol, mas tinham os esportes e brincadeiras de rua também, como futebol, bicicleta, skate, que eram mais uma relação social do que a própria prática esportiva, e ainda tinha o clube, que meus pais me colocaram para fazer judô e natação, bem à moda antiga mesmo, pois acreditavam na formação pessoal e disciplina, assim como eu faço em minha casa hoje. Tentando lembrar das idades aproximadas que isso acontecia, eu fiz judô e natação com uns 6 ou 7 anos de idade, depois veio o futsal/futebol, aos 10 ou 11 anos, mas como eu era grande e meio desajeitado, acabei não me sobressaindo. Foi nesse período que um professor da escola me incentivou a jogar basquete, mas não fiquei muito tempo, não sei ao certo o motivo. Logo outro professor me viu, me convidou para jogar vôlei e foi aí que tudo começou, por volta dos 11 ou 12 anos de idade.

No voleibol eu treinava bastante e tinha muitos exemplos dos mais velhos que me inspiravam. Rapidamente já fui federado e em pouco tempo já estava competindo e treinando com as categorias de cima da minha também. O engraçado dessa época era que tínhamos uma espécie de mini-ginásio na garagem de casa. Ali jogávamos de tudo, futebol, basquete, vôlei, nem sei como conseguíamos jogar naquele espaço tão pequeno, mas o divertido dessa garagem era que eu e meio irmão assistíamos os jogos de vôlei na televisão e depois ficávamos ensaiando na garagem as jogadas que vimos para depois fazer no treino.

Esse período inicial do voleibol na minha vida foi tão intenso que acabei deixando de lado as outras modalidades que eu praticava. Não por deixar de gostar delas, mas por uma questão de identificação e dedicação ao esporte que recém havia iniciado. Foi desse período em diante, aproximadamente 13 ou 14 anos, que o voleibol passou a fazer parte integral da minha vida.

4.1.2 Treinamento das Categorias de Base

Importância do Treinador

A fase das categorias de base foi um momento incrível na minha vida, foram grandes descobertas, novas experiências, novos horizontes que foram contribuindo para a minha formação pessoal e me tornando o que sou hoje. Vejo muito forte a relação dos treinadores nesse período da minha vida.

Além da aprendizagem do voleibol, enquanto esporte, eu vejo que outros aspectos eram também desenvolvidos. Acredito que o treinador acabava nem tendo consciência disso, mas olhando hoje para o passado eu tenho claro que a minha vida foi transformada pelo voleibol. Transformada em algo muito positivo, apesar de ter vivenciado situações negativas com as lesões, os momentos longe da família, a falta de vínculo com amigos de infância e a dificuldade em seguir estudando. Contudo, os aspectos positivos sobressaem muito em relação aos negativos.

A disciplina é o primeiro grande aspecto relacionado ao esporte de rendimento, que a gente acaba sendo envolvido desde os primeiros contatos, isso em função das regras e normas de conduta a serem seguidas. Além das regras de quadra, do esporte em si, tínhamos regras extra quadra a serem seguidas, como a preparação da quadra, ajuste da rede, calibragem das bolas, limpeza do piso, entre outros, que não eram regras e demandas muito rígidas, mas eram extremamente importantes para a organização de uma equipe. Era algo como horário para as refeições quando estávamos em competição, onde todos tinham que comer juntos, horário para ir para o alojamento, horário para dormir, tínhamos que manter uma conduta exemplar, pois não estávamos ali representando nós mesmo, mas sim uma instituição, um projeto, uma equipe. A disciplina estava muito imbricada a relação com o treinador, apesar de eu trazer um pouco da disciplina de casa também. Tive um treinador que levo como exemplo até hoje, ele era muito disciplinador, com ele não havia privilégios, era uma pessoa que sabia lidar bem com todos independente se o atleta era o principal do time ou estava ali só para completar grupo, a relação dele era 100% igual.

O horário era um ponto que não havia negociação, chegar atrasado era algo que não fazia parte das nossas vidas. Lá no clube, chegar atrasado era sinônimo de multa, era descontado do salário, não tinha conversa. Em outros clubes não havia salário, mas da mesma forma o comprometimento com o horário era cobrado e, novamente, chegar atrasado não era algo que gostaríamos de fazer. Teve uma ocasião em que perdi o horário do ônibus para chegar no clube e quando chego lá, com uns 40 minutos de atraso, o treinador me pressionava para saber o motivo do atraso e eu fiquei encurralado sem saber o que dizer

pois havia sido um descuido meu com o horário mesmo. Porém, a forma como fiquei constrangido ao ser questionado e pressionado pelo treinador foi uma aprendizagem muito mais significativa do que se eu tivesse que pagar alguma forma de multa ou exercício, afinal o respeito que eu tinha por ele era tão grande que nada mais do que algumas palavras eram necessário para minha aprendizagem. Além disso, ainda vejo que o time é um espelho do treinador, então não adianta o treinador pregar uma missa e rezar outra, entende? Se o treinador tem um determinado foco, ele tem uma determinada postura, os atletas vão ter a mesma postura. Se ele cumpre com a palavra dele, horário é horário, eu falei “A” é “A”, eu falei “B” é “B”, eu prometi eu cumpro na hora, você pode ter certeza que a equipe vai corresponder. E com certeza isso influencia muito na conduta dos atletas. Várias vezes no grupo que eu estava (e eu rodei muito, passei por muitos clubes), quando chegava na equipe eu já conseguia perceber: - esse aqui já está há bastante tempo – olhava o treinador e ele parecia um espelho, quem chega de fora, entende? Ou seja, se o treinador fala que o treino começa às 3h e ele chega 3h05min para começar 3h15min, então assim, primeiro você tem que pregar e rezar a mesma missa, aí as coisas andam e teus comandados terão a conduta e formação de caráter esperada. Por sorte, foi dessa forma que eu passei por toda a minha base esportiva.

Nesse sentido, eu vejo muito forte a formação do meu caráter nessa época das categorias de base. Os momentos eram tão intensos, através da carga horária de treinamento, das viagens para competição, do comprometimento e dedicação que criávamos. Tudo era muito intenso naquele período. No entanto, eu vejo essa formação do caráter muito relacionada à figura do treinador também. A meu ver a formação de caráter se dá através de exemplo, de experiência, e eu vejo que nessa correria que a gente vive hoje em dia, e que na minha época já era assim (a gente esta falando de 20 anos atrás ou um pouquinho mais): eu acabava passando mais tempo com o meu treinador do que com o meu pai e isso é muito louco. Meu pai viajava, trabalhava, eu ia para a escola, treinava o dia inteiro, ia para casa dormir, dava um beijo no meu pai, ele me levava para a escola, fim de semana eu ia para campeonatos, e assim seguia a minha vida. Então, eu passei muito mais tempo da minha vida com os meus treinadores, com certeza, do que com meu pai, com toda a certeza. Assim, posso dizer que foram eles que formaram o meu caráter, a minha identidade. Eu sei que todo mundo que esta no alto rendimento vivenciou situação que criaram uma espécie de âncoras para várias habilidades, valores, *life skills*, seja lá como a gente queira chamar. Disso eu tenho certeza, porque se não, não teriam chegado num nível

alto. Então, esse é um ponto, ponto de caráter, de autoestima, principalmente se a pessoa chegou num alto como eu cheguei. Ali, naquele nível de rendimento esportivo tudo é importante e por isso que eu entendo que foi lá que a minha autoestima foi constituída, que o meu caráter foi constituído.

Busca Constante pela Excelência

No esporte você vê pessoas amadurecendo, pessoas se tornando mais autoconfiantes, mais pró ativas, lidando melhor com o outro, passando a controlar melhor suas emoções. Isso é fruto das constantes situações de estresse e da intensidade que as vivemos no esporte. Eu vejo isso muito por mim, eu sempre fui muito “família”. Em casa eu era muito extrovertido, falava, brincava, imitava os outros, mas chegava na escola eu travava, tinha muita acne, muita espinha, a minha postura não era boa, era grandão, bobão, então eu não conseguia ser “eu” fora de casa. Foi então o esporte que me levou para esse lado mais autoconfiante, mais comunicativo, mais espontâneo. Isso porque no voleibol você tem que participar, não da para ficar escondido, não da para não querer fazer as coisas. Dos clubes de base que passei, ou melhor, dos treinadores de base que tive, alguns aspectos eram comuns entre eles e eram levados muito a sério, coisas como as rotinas para os treinos e jogos. Tínhamos responsabilidades específicas, uns eram responsáveis por carregar as bolas (chamávamos de pai do dia), outros pelas garrafinhas d’água, outros pelos uniformes. Nos treinos tínhamos as rotinas de montagem e desmontagem dos materiais, além das nossas rotinas no grande grupo, que era a parte do alongamento, do aquecimento, a “resenha” de vestiário, etc. Eram pequenos detalhes que nos levavam também a um senso de pertencimento de grupo, de coletividade e de autoconfiança, porque estavam todos no mesmo “barco”. Posteriormente, estes pequenos detalhes refletiam nos momentos mais difíceis em quadra. Havia situações de jogo que éramos tão integrados que já sabíamos o que o companheiro estava querendo dizer sem ao menos mencionar uma palavra. Aquele momento que tínhamos que virar uma bola importante e eu olhava para o levantador, quase que intimando ele a me mandar a bola porque eu tinha certeza que faria aquele ponto, era incrível. Isso foi me transformando, me tornando mais confiante de mim, mais companheiro, mais responsável, mais “equipe”, sabe?

Outro ponto que vejo muito determinante desse período das categorias de base é a questão da dedicação, o esporte de competição vive em um ambiente de constante perde e ganha, seja uma jogada, uma

partida ou uma competição. Outro dia eu estava conversando sobre esporte, falávamos que no vôlei treina-se muito porque vai chegar um momento ali no jogo que você não vai nem ter que pensar no movimento e você vai fazer a ação sem pensar, vai saber instintivamente se vai “bater” aquela diagonal ou aquela “paralela”, porque o bloqueio chegou “cheião” ou porque estava no “bloqueio simples”. Ou seja, se não treinar exaustivamente certos movimentos, não se dedicar, você não consegue achar lá na hora o que fazer, é isso que faz a diferença nos atletas que são top. De certa forma, o jogador tem habilidade e muitas vezes pode ser até um gênio, mas ele tem repertório para mudar no momento difícil porque ele treinou exaustivamente, se dedicou àquilo. Não tem jeito, não tem fórmula mágica e o voleibol mostra isso bem claramente, se não fizer o passo a passo no treino, não vai ganhar o jogo, não tem atalho. Então, eu vejo que aquele ambiente da rotina diária de treino é o que nos ensina a correr atrás, a saber que não tem nada de graça, de ajudar um ao outro porque se não ninguém sobrevive ali (psicologicamente e fisicamente). É, literalmente, um por todos e todos por um durante toda a temporada. Lógico que isso tudo é fruto da filosofia da modalidade, mas também do treinador, da cobrança imposta por eles para alcançar o resultado desejado, pois também é cobrado deles, pela diretoria, pelo clube, pela imprensa, etc.

Nas seleções de base que peguei tinha muito disso também, é tipo um exército pra ir pra guerra, é “pegado”, é sério, tanto que eu sou assim até hoje, inclusive com meus filhos. Só que os atletas que estão lá são um “grude” só, tanto é que até hoje todos nós nos falamos como se ainda estivéssemos naquela época. Era “pancadaria”, era bem rígido, tipo, “escreveu, não leu, o pau comeu”. Isso não se restringe a seleção não, me lembro bem da experiência que tive durante dois anos em um clube que passei com um treinador que tecnicamente eu gostei muito, eu aprendi muito com ele. Mas toda a situação que ele criava lá dentro, hoje eu olho e vejo que era uma lavagem cerebral, é tipo um exército mesmo, como eu disse anteriormente. Eu bati muito de frente com ele, e olha que eu sempre fui um muito regrado, mas ele passava dos limites, ele nos humilhava, xingava a gente, mexia com nosso “brio”. Hoje em dia, do jeito que o mundo anda ele seria processado, certamente. Na hora você fica indignado com a comissão técnica, com tanta cobrança, só que hoje eu vejo que foi aquilo tudo que me ensinou a ter seriedade em tudo que faço na minha vida. Então, o que eu quero dizer é que, por bem ou por mal, você passa por isso em um treinamento de elite e isso te fortalece. Por mais que por um momento isso possa te deixar fragilizado ou te colocar para baixo, isso te fortalece psicologicamente e

moralmente, principalmente quando você supera aquele momento. Quando você está em um campeonato e perde para um time que você não esperava, toma uma “porrada”, de certa forma te fortalece, te deixa mais atento para outras coisas. Não quer dizer que eu ache que tenha que ter sofrimento, não quer dizer que eu concorde com o que era feito ou não, mas de alguma forma isso traz resultado. Então, quando isso acontece posteriormente, da mesma forma que eu falei de “âncoras” anteriormente, você já tem experiências naquele tipo de situação, independente se é uma situação de humilhação, de rigidez ou uma situação de pressão e você acaba aprendendo a lidar com isso.

Essa questão do resultado é algo que mais baliza o esporte de rendimento, afinal, ganhou? está bom; perdeu? tem que melhorar. E é isso que se pensa a grosso modo, mas eu vejo que há muita aprendizagem tanto na derrota como na vitória, não sei ao certo se é porque vivi em um ambiente de alto nível e qualquer detalhe era determinante, ou se isso é comum em qualquer nível de competição. Eu vejo assim, perder é péssimo, mas se você vai lá e faz o melhor que pode fazer, se dedica e se empenha para aplicar tudo que vem sendo feito no treino e ainda assim acaba perdendo, a sensação não é tão ruim. Eu lembro de jogos que perdi lutando ao máximo e tenho eles muito mais marcados em minha vida do que alguns títulos conquistados, isso devido ao esforço, a dedicação, a doação, etc. Teve um torneio que participamos quando éramos infante e jogamos contra equipes juvenis. Nós fomos 3º lugar, mas eu guardo aquela medalha com um orgulho imenso e, ironicamente, no ano seguinte que jogamos esse mesmo torneio, já como juvenis e fomos campeões, eu não tenho nem lembrança de como era a medalha, como foram os momentos jogados, quais foram as dificuldades e tal. No entanto, eu vejo que a vitória também nos ensina, a gente aprende que tudo que vale a pena você ter, vale a pena você trabalhar para que você tenha. Vencer uma partida, um campeonato, é muito bom. Nesse sentido a vitória nada mais é do que a consagração de um trabalho que foi muito bem feito.

Convívio com os Pares

Durante todo esse período de categorias de base, passei por alguns clubes e conheci muitas pessoas, a gente acaba convivendo com muita gente diferente, não só do voleibol, mas eu, por exemplo, jogava em um clube que tinha varias modalidades. Nos primeiros anos eu morava em uma república que tinha atletas de voleibol, judô, basquete, etc. Confesso que não era uma situação fácil, tínhamos vários conflitos, são perfis muito diferentes e com particularidades muito distintas entre

as modalidades praticadas. As piores coisas eram o banheiro e a cozinha da casa, a gente passava o dia todo treinando ou estudando, porém cada modalidade tinha sua rotina e horários diários, eram aí que os conflitos começavam, a gente chegava em casa e ia tomar banho, quando de repente o “cara” do judô simplesmente furava a fila e entrava no banho tirando “onda”, porque sabia que ninguém tinha coragem de tirar satisfação com ele. Ou você ia pegar algo seu na geladeira e alguém já havia comido, mas ninguém assumia, era muito tenso isso, eu só pensava em chegar no outro dia e ir para a escola ou para o treino. Então, você vai aprendendo a lidar com a vida, é uma escola para a vida, você vai ter que lidar com “cara” que é “chave de cadeia”, drogado, mal educado e você tem que lidar com tudo isso sem deixar que interfira no teu desempenho em quadra, pois é o motivo que te faz estar ali. As situações acabam te deixando mais esperto, mais “safo”, você acaba aprendendo a lidar com as diferenças, a expor a tua opinião sem ferir o próximo, a tentar entender o outro, coisa de empatia, entende? Você começa a ficar mais conectado com os teus companheiros de equipe e começa a entender que um depende o outro fora de quadra tanto como dentro de quadra.

No esporte você não consegue nada sozinho, quando a gente fala em objetivos de um time no início da temporada você começa a criar responsabilidades a partir das potencialidades de cada peça da equipe para alcançar estes objetivos e o time começa a entender que alguns vão jogar mais que outros, porém todos são necessários para alcançar o bem comum. Esse espírito de equipe é o que torna um grupo vencedor, nem sempre isso acontece, nem sempre todos na equipe estão pensando da mesma forma, mas eu aprendi isso muito bem ao longo da minha carreira. Joguei em grandes clubes que não deram certo, por falta de conjunto. Assim como joguei em equipes medianas que deram muito certo, também em função do conjunto. E na hora “H” a gente percebe a equipe que tem conjunto, que tem espírito de equipe pela ajuda mútua dos jogadores. Tive momentos difíceis nos jogos que eu olhava para o lado e percebia que meu companheiro estava ali me dando suporte e que se doaria além do normal para me cobrir, da mesma forma que um companheiro vinha do banco de reservas e dizia para mim na substituição para eu me manter aquecido para voltar para a quadra, isso dava muita força e confiança. Da mesma forma, passei por situações em que eu olhava para o lado e via o companheiro se esquivando para não ajudar, às vezes por insegurança dele naquele momento difícil da partida e, às vezes, por não formarmos um conjunto mesmo.

Essa questão de trabalhar em equipe é algo que não é ensinado, vamos dizer assim, trabalhar em equipe você vai aprendendo com as tuas experiências de vida no esporte, com o dia a dia em quadra, com aquelas rotinas de treino e jogo que falei, com o constante compartilhamento de responsabilidades, sejam elas de cunho tático ou de responsabilidades extra quadra.

Decisão de se tornar um jogador Profissional

Tomamos decisões em nossas vidas que impactam diretamente em nosso futuro e que mudam completamente a nossa perspectiva de vida. Eu vejo que a partir de uma decisão tomada importante a gente acaba canalizando as nossas energias para que aquilo que foi desejado. Contudo, meu momento marcante sobre querer ser jogador foi um pouco diferente. Eu não tinha o voleibol como maior desejo em minha vida, pelo contrário, não era uma modalidade que me encantava tanto como o futsal, o futebol e o handebol, por exemplo. Acabei caindo no voleibol porque eu era grande, só que eu era muito desengonçado, muito bobão, sofria *bullying* e tudo mais. Quando entrei, tomei muita “porrada” da galera mais velha, eu era muito mais novo. Imagina entrar com 11 anos em uma equipe de 14-15 anos, os caras me enchiam de “porrada” o dia inteiro, eu quase desisti. Mas, mais ou menos com 12 ou 13 anos, eu comecei a ver o pessoal ir para seleção estadual e isso começou a despertar algumas coisas em mim. Me encantava vê-los todos com aqueles uniformes e tal, pareciam super-heróis, me chamava muita atenção. Um dia eu cheguei em casa dizendo para minha mãe que queria uma camisa daquelas, porque todo mundo olhava, não é que eu queria jogar, eu queria a camisa. E logo após isso, pelo menos na minha memória, as coisas começaram a acontecer bem rápido. Eu comecei a me destacar na equipe porque treinava com a categoria duas vezes acima da minha e acabava jogando mais fácil quando ia para minha categoria.

Agora, se for para pensar em um momento marcante do “querer ser jogador” eu vejo que a gente acaba sendo tão envolvido por aquele ambiente, pela rotina, pela carga horária de treino, que não pensamos muito nisso não. Mas um fato que consigo declarar foi quando tive minha primeira convocação para a seleção estadual e fomos para o brasileiro de seleções. Eu era infanto-juvenil e durante a premiação do campeonato o pessoal da seleção brasileira juvenil estava sendo homenageado pela nossa federação em função do título mundial que haviam conquistado recentemente. Foi aí que olhei aquilo e falei pra mim mesmo: eu quero ir para a seleção brasileira e quero ser o melhor jogador do mundo. Desse ponto em diante eu comecei a me programar e

uma coisa acabou engatando na outra. Porém, nesse momento que eu decidi que eu queria ser jogador, quando eu bati o olho naquela homenagem, eu comecei a ver que tinha outro nível a alcançar; e fui atrás. Depois disso vieram outras convocações para seleção estadual, depois para a brasileira, fui para sul-americano, mundial e logo me tornei profissional, tudo assim bem rápido. Não posso deixar de declarar também que tive muito suporte familiar que me auxiliaram nessa busca pela excelência e também de um treinador em especial, que foi aquele da minha transição para uma equipe maior. Percebendo todo o meu desejo por querer me tornar jogador profissional ele começou a potencializar isso em mim. Ele dizia que se eu queria aquilo para a minha vida então eu tinha que fazer por conta, fazer mais do que os outros, ter força de vontade, ser o primeiro a chegar e o último a sair. Era exatamente isso que eu fazia, eu ficava fazendo “paredão” diariamente, era mil bolas na parede, os dedos chegavam a rachar a pele, mas eu não desistia, meu propósito era muito maior e ele (treinador) não deixava de frisar isso. Ele até me dizia para ir para academia e não ficar na “onda” dos outros atletas, porque ele sabia que muitos “matavam” o treino, então ele dizia: - vai lá e faz tudo do jeito que está no papel, segue a risca, se dedica, porque se você for na onda dos outros você não vai ser ninguém na vida. Aquilo tudo me dava forças e vontade de querer mais a cada dia.

4.1.3 Jogador Profissional

O Outro Lado do Esporte

Meu ingresso no “adulto”, como a gente costuma chamar a categoria profissional no voleibol, foi outra fase de novas experiências. Você vem das categorias de base, com passagem pelas seleções estaduais e brasileiras infante e juvenil, se destacando, sendo referência quando é chamado para um clube da superliga (profissional), só que de repente nesse ingresso ao adulto você não é mais ninguém, é um mero juvenil que está compondo o grupo. É uma mistura de sensações que você não consegue nem entender direito. Se por um lado, você está ali sendo um mero figurante, sendo um *sparring* dos adultos, se sentindo só mais um, como se tivesse perdido tudo que havia conquistado até ali, por outro lado você está treinando com seus ídolos, dividindo vestiário com eles, participando das conversas, se apropriando daquele mundo novo.

Nesses primeiros contatos com o profissional eu não sabia muito que fazer, até o meu rendimento não era o mesmo. Eu ficava

atento a tudo que o treinador e os “ídolos” falavam e tentava aplicar, mas era tanta informação nova que acabava errando mais do que acertando, aí vinham os comentários: “coisa de juvenil”, a pressão do ambiente profissional já começa aí mesmo. Nesse primeiro momento parece que até o meu desenvolvimento pessoal das categorias de base já não existia mais, é como se eu tivesse voltado a ser aquele “bicho do mato”, eu não me posicionava frente ao grupo, não falava muito, não chamava a equipe no treino. Acredito que esse é um processo comum, porque você está em um ambiente novo, acumulando novas experiências e atento a tudo que acontece a sua volta. Porém, muito rapidamente já me vejo sendo o que eu havia me tornado nas categorias de base, passo a assumir mais responsabilidades na equipe. O treinador foi um elemento muito importante nessa fase também. Tive a sorte de ter um treinador que compreendia bem essa fase de transição que eu estava passando, não que ele passasse a mão na minha cabeça, mas ele sabia exatamente como cobrar de mim, parece que ele sabia a forma ideal de falar com cada um da equipe, ele era um bom gestor de pessoas.

Dentro desse ambiente do voleibol profissional começo a perceber que há uma briga de egos incrível, todos querem seu “lugar ao sol” e isso acaba indo um pouco contra o que eu havia passado nas categorias de base onde o treinador formava uma “família” ao longo de anos. No adulto as coisas eram diferentes, os treinadores tinham uma pressão muito maior que os próprios atletas. Porém, essa pressão que os treinadores viviam, faziam deles muito mais profissionais que os treinadores que eu tinha nas categorias de base. Eles estavam sempre estudando, vendo vídeos dos adversários, debatendo detalhes sobre outros jogadores com a comissão técnica, debatendo o resultado dos adversários, se questionando sobre como iríamos jogar contra os próximos adversários. E tudo isso se concretizava em quadra, no treino, na gestão do grupo que eles faziam. Nesse aspecto da gestão de pessoas que vejo o grande diferencial do profissional para a base, enquanto na base o treinador comandava muito mais por ser uma figura paternal e nós as “crianças”, no adulto o negócio muda de figura, não há mais crianças para que você seja o “paizão”, aqui o treinador tem que lidar com recém campeões mundiais, juvenis, veteranos, sendo que todos estão sendo pagos para jogar e com suas responsabilidades extra quadra também, como família, negócios, etc. Lembro muito de um treinador que iniciava todo treino com um conversa descontraída em grupo, contava algum fato engraçado, fazia alguma brincadeira com alguém para quebrar o gelo, na sequência o nosso aquecimento era um futebol, na quadra mesmo e com bola de vôlei por 10-15min no máximo. Era

incrível como isso deixava o clima da equipe leve e na sequência a comissão técnica iniciava o treino e todos nós nos doávamos ao extremo, ele ganhava a equipe com isso.

Nesse ponto eu percebo que os grandes treinadores que tive no profissional, aqueles que eu admiro, eram exatamente aqueles que tinham o grupo na mão, aqueles que conseguiam fazer com que cada um se sentisse peça fundamental na equipe e conseguia contornar as disputas de ego sem aquelas reuniões em grupo que outros treinadores faziam para aparar as arestas quando as coisas não iam bem. Assim, eu vejo que a figura de liderança e gestão de pessoas do treinador do profissional vai completando os aspectos desenvolvidos nas categorias de base com o trabalho em equipe e passo a entender melhor as atitudes dos treinadores profissionais. Em outro clube que joguei meu treinador costumava conversar individualmente com os atletas sobre as situações de jogo que tínhamos ou sobre o que passou no jogo anterior. Era o “modus operandi” dele, dessa forma eu me sentia mais seguro com relação a ele, parecia que ele estava sempre querendo me ajudar, mas isso não eliminava a cobrança, quando estávamos em treino ou jogo a cobrança era igual para todos, chamava atenção, falava mais forte, mais alto, mas tudo dentro de um respeito total.

A Rotina de um Jogador Profissional

Nessa minha vida de jogador profissional de voleibol outras *life skills* começam a emergir, não que elas não tenham aparecido na base ou não tenha sido desenvolvidas anteriormente, mas nesse momento elas são requisitadas com maior ênfase. O ambiente do voleibol profissional no Brasil, por ser uma modalidade de grande prestígio, acabou me expondo a situações de *stress* diferentes daquelas vividas nas categorias de base. Agora não eram os pais que assistiam aos jogos, eram duas, três até quatro mil pessoas assistindo, gritando seu nome, pedindo autógrafos, fotos, cobrando resultado, xingando (quando eram torcedores adversários ou até nossos torcedores), etc. Por vezes, na ânsia de mostrar o resultado esperado você acaba passando dos limites. Confesso que xinguei a torcida adversária, briguei com diretoria do clube, fiquei indignado com treinador, mas você vai passando cada vez mais por essas situações e acaba aprendendo a lidar com as próprias emoções, aquele negócio de auto controle, de destinar aquela raiva na bola, no jogo, porque é em função do jogo que você está com os nervos a flor da pele. Mas não é fácil, quando perdíamos um jogo importante você lia no jornal do dia seguinte pessoas, que muitas vezes nem entendiam de voleibol, falando mal do seu trabalho. Só que ao mesmo

tempo que isso me incomodava, me dava forças, parece que ativava uma espécie de energia interior. Eu ficava na “fossa” por um ou dois dias digerindo aquilo, mas depois eu voltava para os treinos com uma determinação incrível. Eu vejo que esses altos e baixos iam formando outras daquelas “âncoras” e desenvolvendo a capacidade de gerir o *stress* e de suportar a pressão.

Um dos pontos que eu acho que todo atleta odiava naquela época eram as preleções de jogo, aquilo era muito chato, a gente passava uma 1h - 1h30m numa sala assistindo as jogadas do time adversário que enfrentaríamos e definindo o que deveria ser feito. Tinha um treinador que ainda passava a noite anterior desenhando em papéis as direções de ataque de cada jogador e ainda dava detalhes comportamentais dos jogadores antes de cada tomada de decisão, por exemplo: “o levantador “tal” quando salta para levantar e abre as pernas ele joga a bola para trás”. Eram coisas que eu achava um pouco excessivas. Por outro lado, hoje eu vejo que naqueles momentos nós formávamos uma espécie de planejamento em conjunto, em que cada um ia dando as suas considerações sobre a situação visualizada ou alguma informação por conhecer bem algum jogador ou outro e com isso, em conjunto tomávamos uma decisão a ser aplicada no jogo. Esses momentos foram criando um senso de responsabilidade compartilhada, de saber ouvir e compreender que o outro também tem suas opiniões baseadas em suas experiências anteriores, assim você acaba aprendendo a entender melhor as pessoas, aprendendo a compartilhar informações para um bem em comum.

Dentro desse contexto do esporte profissional você se depara também com as constantes viagens para competição, sobretudo no período da superliga, que ia de novembro a abril. Era uma semana em casa uma semana fora. Isso era cansativo, a gente não tinha muito tempo para a vida social, para cuidar da família, fazer coisas fora do esporte (universidade, por exemplo). Você acaba sendo envolvido nessa rotina de treinar, descansar, fazer mala, viajar, treinar, jogar, viajar, assim por diante e quando vê está criando uma rotina de vida que te impede de viver de outra forma. Se fosse para citar um aspecto negativo do esporte eu diria que essa rotina, não por ela em si, mas pelo o que ela impede de fazer, seria um dos pontos mais marcantes para mim. As lesões decorrentes do esporte também são aspectos negativos, mas elas acontecem e passam, porém a falta de convívio social e distanciamento familiar me marcaram mais nesse ambiente.

Como não podia ser diferente na minha vida esportiva, quando estou começando a me sentir confortável com o ambiente profissional que estou vivendo, uma nova quebra de ordem acontece: surge uma proposta para fora do país, eu decido encarar essa nova fase de experiências e inicio a minha carreira internacional. Lógico que isso é algo que qualquer jogador daquela época sonhava, jogar na Europa, jogar a Champions League, ter contrato em euro, etc.

Minha primeira experiência no estrangeiro como atleta contratado mexeu muito comigo, as coisas mudam, você está sozinho em um país desconhecido, com um idioma que não fala, em uma cultura diferente da sua, tudo muito novo e um pouco assustador. Meus primeiros dias, por mais que a diretoria do clube tentasse fazer de tudo para que eu me sentisse mais a vontade, não foram os melhores. Quando fechava a porta do apartamento que haviam alugado para mim eu olhava pela janela, aquele clima cinza, aquelas construções antigas e começava a chorar. Um pouco por desespero, pela insegurança, pela saudade. Por outro lado, quando entrei em quadra para treinar, depois do período de adaptação do fuso horário, tudo parecia perfeito, em quadra eu estava no meu habitat natural e tudo passava a melhorar.

Durante os 6, 7 anos que passei vivendo fora do país, algumas coisas foram mudando na minha vida, parece que alguns aspectos que o esporte te desenvolve vão sendo ainda mais potencializados, sobretudo aquelas *life skills* intrapessoais. Quando você é o estrangeiro da equipe, você passa a ter menos vínculo com os companheiros de equipe, você passa a ser a peça diferente do grupo e isso me levou a ficar mais introspectivo. Não mais daquela forma que eu fui quando passei da base para o adulto, mais no sentido de entender as coisas de uma forma diferente, meu problema não era mais a adaptação ao voleibol de outro nível, era mais no sentido de se proteger para compreender o contexto e desenvolver um bom trabalho, sempre pensando na renovação do contrato ou na conquista de um contrato melhor em outro lugar. Passei a ser mais “individualista”, não que eu não brigasse mais pela equipe, mas eu tinha uma preocupação maior com o meu rendimento pessoal. O próprio contexto do voleibol lá na Europa levava a isso, acredito que os locais era um pouco dessa forma também, você jogava hoje e amanhã a tua estatística do jogo estava no jornal. Lá os críticos do voleibol foram jogadores, eles entendem do que estão falando, então quando colocam a tua estatística em “cheque” é em função de uma expectativa criada pelo que você vinha demonstrando anteriormente. Nessa lógica esportiva imposta lá me levava a terminar uma partida e ir direto no nosso estatístico para pegar meus dados, por mais que tivéssemos ganhado a

partida se meu desempenho não estivesse dentro da média esperada eu ficava incomodado. Então, vejo que esse ponto que me transformou um pouco lá e eu passei a aprimorar e aplicar mais as *life skills* intrapessoais, como a gestão do *stress*, a própria dedicação, que havia sido algo desenvolvido lá atrás, mas aqui parece que volta a aflorar e eu passei a lembrar lá do meu treinador da base que me incentivava a todo momento, eu usava isso como combustível para a minha disciplina de treino, descanso, treino, jogo, etc.

A disciplina aqui volta a ser algo muito importante para mim também. Novamente, eu nunca deixei de ter aquela disciplina com relação a horário, academia, rotina de treinos, mas estando na Europa, um sonho conquistado, você se vê tentado a ficar passeando a todo o momento, conhecendo as cidades próximas, conhecendo a gastronomia local, mas eu não deixava aquilo mexer comigo, eu aguentava firme, até porque a disciplina já era uma “âncora” que havia sido desenvolvida lá atrás em mim. Então, eu programava bem os momentos que eu podia passear e os momentos que eu deveria descansar.

Apesar de eu ter me tornado mais introspectivo, com relação a minha postura perante a equipe, eu não posso negar que o lado equipe lá fora era muito bem aplicado pelos treinadores, eles são mestres nisso, tive excelentes gestores de pessoas lá. Mas parece que é um tipo de gestão de pessoas distinta do que eu tinha no Brasil, eu aprendi muito com isso lá. A questão de respeitar o outro é incrível, o próprio profissionalismo, todos entendem que estávamos lá por um bem em comum e que dependíamos de nos unir para conquistar os resultados desejados, mas isso não extrapolava a vida pessoal de cada um. Tive um treinador que era um gênio nesse sentido, ele tinha uma elegância no tratamento de cada um e parece que ele sabia o que mexia com cada um. Lembro bem da minha esposa chegando no ginásio durante o treino, nesse momento eu já estava com a minha esposa morando comigo por lá, e na primeira parada para tomarmos água ele se dirigia a ela para cumprimenta-la e perguntar como estavam as coisas, se ela estava precisando de algo que o clube poderia providenciar, se já havia feito novas amizades, etc. Esses pequenos gestos davam um tom tão amistoso que eu, enquanto atleta, me sentia mais seguro para desenvolver o meu trabalho porque ouvia em casa a minha esposa dizendo que estava gostando muito do lugar, que se sentia bem com a receptividade da diretoria, da comissão técnica e tal. Então, essa questão da gestão de equipe que ele fazia com maestria extrapolava o ambiente da quadra, ele conseguia entrar na sua vida sem você sentir a sua privacidade ferida, sem ser invasivo, entende?

Lógico que o interesse de tudo isso era que a equipe rendesse mais, até porque o contrato do treinador dependia do resultado positivo da equipe. Então, essa mentalidade eu aprendi bem, essa diferença de Europa e Brasil abre a sua cabeça para as questões de grupo. A gente acha que no Brasil a gente é “família” por ter esse nosso “calor humano”, mas lá na Europa, por mais que o pessoal fosse meio frio e duro com algumas coisas, não havia uma invasão de privacidade: - isso aqui é seu, isso aqui é meu e juntos a gente vai fazer assim –então, foi uma escola de vida.

No meio disso tudo aqui, eu ainda passei pelo Oriente Médio, outro momento de reflexão e nossos desafios. Joguei as copas do Rei, campeonato asiático por uma equipe de Dubai, joguei de tudo mesmo. Acho que joguei em quase todos os continentes, só não joguei na Oceania porque lá não tinha equipe profissional. E sabe que, olhando para trás, vendo tudo que passei, as lesões, as mudanças de país, de idioma, as dificuldades de adaptação, as dificuldades passadas em quadra, os tempos sem contrato, as noites sem dormir para decidir entre um clube e outro para defender, tudo isso me desenvolveu várias *life skills* que já falei anteriormente, mas teve uma que eu vejo que também tem um papel fundamental na minha vida, a superação. Um dos episódios que me marca muito a superação foi quando sofri muito com uma cirurgia mal sucedida no ombro, que posteriormente infeccionou, mas eu continuava jogando, na base de remédio e de suportar a dor pelo objetivo maior que era ajudar a minha equipe e cumprir o meu contrato. Foi na Argentina que isso aconteceu, eu comecei mal a temporada, eu não estava rendendo, o clube estava com problemas financeiros e as coisas não tinham perspectiva de melhorar, mas a única certeza era que eu tinha que manter a cabeça tranquila, buscando fazer o meu melhor a cada dia, porque se eu não fizesse, era certo que não melhoraria. No final das contas eu terminei a temporada jogando muito bem e consegui um contrato excelente para a Europa. Aprendi que desistir não faz parte da minha vida.

4.1.4 Situações de Transferência

Relações no Ambiente de Trabalho

Por trabalhar com várias pessoas e muitas vezes o meu perfil ser de liderar, acabo assumindo estas responsabilidades dentro do meu ambiente de trabalho. Lá eu vejo que meus colegas tem uma dificuldade imensa em gerir seus pequenos grupos de trabalho, enquanto eu me vejo muito tranquilo para desenrolar os problemas do dia a dia que ocorrem.

O meu superior inclusive me requisita para solucionar algumas situações de grupo que enfrentamos lá, por isso vejo até que eu levo uma vantagem “desleal” com meus colegas por ter vivido intensamente as relações de grupo.

Essa vantagem que eu vejo é em relação à forma e momento de falar algo para cada um deles. Então, o meu superior me chama pedindo ajuda para cobrar determinada situação com uma pessoa ou com o grupo e eu sei exatamente o jeito de atingir cada um sem que isso pareça uma imposição. Cada pessoa responde a partir de determinado estímulo e é isso que eu faço, falo “mansinho” com um, falo com a mão no ombro de outro, convido para um café quando é algo mais complexo a ser cobrado, dou um “puxão” de orelha em outros momentos e assim eu vejo que vou sendo compreendido e aceito pelas equipes que trabalho. Eu faço uma relação muito semelhante ao capitão de uma equipe, que transita entre diretoria, comissão técnica e atletas, vendo o ponto de vista de cada lado para resolver as situações que aparecem.

Ao mesmo tempo em que eu relaciono essas minhas situações com um capitão de uma equipe, eu me vejo hoje também como alguns bons treinadores que tenho, eu olho para a minha equipe e tento identificar qual é a ambição de cada um deles em relação à função que desempenham para que eu possa ajudá-lo a alcançar seus objetivos. Dessa forma tenho minha equipe cada vez mais engajada e trabalhando de maneira mais eficiente. Um exemplo interessante a relatar foi de uma colaboradora que eu percebi que gostava muito de escrever, percebi isso em suas postagens nas redes sociais, no seu perfil pessoal mesmo. Então, comecei a incentiva-la a escrever mais, dando *feedbacks* de suas postagens até um dia que consegui que a empresa pagasse a ela um curso de produção textual para mídias sociais e ainda conseguimos agregar essa potencialidade dela a um de nossos produtos digitais. Hoje não leio mais todos os textos desse nosso produto, mas quando eu leio alguma coisa que achei que não ficou legal eu vou até ela e digo que seus textos estão cada vez melhor, estão muito bons e num segundo momento eu digo que ela poderia pensar em escrever também sobre outra ótica, outro ponto de vista, indicando para que direção eu gostaria que fosse e logo percebo que ela entendeu o recado quando leio seu texto seguinte. Então eu vejo que sutilmente consigo fazer com que as pessoas trabalhem para empresa sem sentir aquilo como uma obrigação, um fardo a carregar.

Eu vejo que eu acabei desenvolvendo meu próprio jeito de liderar, contudo esse jeito é um combinado de vários aspectos que desenvolvi a partir de grandes treinadores que tive. Essa questão de

ajudar o outro a alcançar o próprio sonho era muito forte em um dos clubes que joguei no exterior e hoje trago esse exemplo muito vivo em minha forma de liderar. Falando em liderar através do exemplo, essa é outra questão que trago da minha trajetória esportiva, em meu ambiente de trabalho eu sempre estou nos compromissos antes da minha equipe, pois horário é algo que levamos muito a sério em nossa empresa, portanto ao cobrar pontualidade eu sou o primeiro a estar pronto.

Quando prezamos pela pontualidade em nossa empresa eu vejo que o respeito ao próximo está associado a isso. Um exemplo forte, mas que eu não havia nem me dado conta foi pela reação de um colega um dia desses, eu havia marcado de me encontrar com ele e durante o dia eu percebi que me atrasaria em torno de 15 minutos. Então, imediatamente que eu percebi que me atrasaria, eu liguei para ele avisando que chegaria alguns minutos mais tarde e ele me agradeceu por ter aviso. O fato que me chamou a atenção nessa atitude de agradecimento dele foi porque isso é muito natural para mim, mas quando o questionei sobre o agradecimento ele mencionou que isso pouco acontece quando alguém percebe que vai se atrasar poucos minutos e que a minha atitude de avisa-lo lhe soou como um sinal de respeito.

Assim, também vejo que o exemplo inspira as pessoas e é algo que foi muito forte e muito presente em um projeto que geri por quatro anos em que eu liderava pessoas que eram muito mais conceituadas na área do que eu e eram muito mais respeitadas do que eu. No entanto, eu tenho muito forte em mim essa questão de grupo, equipe e usava isso para me manter naquele posto de hierarquia, respeitando e admirando o status profissional dos subordinados e ao mesmo tempo fazendo as cobranças necessárias para o andamento do projeto. Para mim, que vivi no ambiente em que dividia quadra com campeão olímpico e mesmo assim havia momentos que tinha que cobrar e ser cobrado, penso que me saio bem com essas questões corporativas. Tenho boa leitura das situações e consigo tomar decisões de forma racional, levando em consideração o que cada membro da equipe trazia consigo da sua trajetória profissional para agregar ao projeto. A forma de cobrança era diferente de quando eu cobrava de um estagiário, até pela postura que tinham essas pessoas que eu admirava, mas em nenhum momento eu deixei de cobrar o que eu achava que deveria ser cobrado. Sobretudo, porque a seriedade e profissionalismo foram aqueles aspectos bem desenvolvidos em mim lá atrás nas categorias de base.

Vale destacar também que aprendi muito que o esforço também deve ser recompensado e eu levo isso para minha atuação. Eu entendo perfeitamente que o mercado de trabalho é cruel em algumas situações,

mas eu também entendo que ninguém nasceu pronto para estar ali. Dessa forma, quando há algum erro cometido pela minha equipe eu prezo por usar esse erro como uma situação de aprendizagem para todos, ao mesmo tempo em que não deixo de valorizar o esforço do colega. Fazendo um breve comparativo, assim como no esporte a gente aprende que não há “atalhos”, você tem que passar por todo o processo, tem que errar, tem que cair, levantar e repetir. No ambiente corporativo é a mesma coisa. Não posso esperar que meus colaboradores façam tudo sempre perfeito, mas o que exijo é o comprometimento, o esforço e a busca pela evolução constante, ou seja, o passo a passo, o dia a dia, o não haver “atalhos”. Isso tudo é questão de disciplina também, no sentido de ser responsável pela construção dos resultados, de cumprir as rotinas necessárias para que o resultado seja alcançado.

Gestão das Demandas Profissionais

Sabe aquela frase que diz, “missão dada é missão cumprida”, que a gente vê em filme? É bem assim mesmo. Nós trabalhamos com metas no meu ramo de atividade e eu dependo totalmente da minha equipe para alcançarmos essas metas, só que eu não abro mão de estar lá com eles botando a “mão na massa” mesmo não sendo a minha função na empresa. Por vezes eu acabo levando alguma demanda para casa, por não ter dado tempo de a equipe concluir e a minha esposa olha e não acredita; ela fala: - “Como é que você trabalha sábado, domingo, feriado, virando madrugada e está bem no outro dia?” – e eu sempre digo a ela que isso não é um peso para mim, é uma meta a ser alcançada, uma “missão a ser cumprida”, da mesma forma que eu passava os sábados, domingos e feriados competindo na época do voleibol e fazia aquilo porque tinha aquela missão para cumprir.

Em uma situação vivida recentemente eu estava como investidor em um empreendimento de construção imobiliária, algo bem simples e pequeno, porém as coisas não estavam andando, a obra não seguia. Fui questionar meu sócio, que era o responsável pela obra e ele informou que um dos pedreiros havia ficado doente e por não estar ali acabou deixando os demais com uma sobrecarga alta de serviço e, por isso, estavam aguardando seu retorno para reestabelecer a obra. Quando ouvi isso eu não contei tempo e disse a ele para acionar a equipe responsável que eu estaria entrando para trabalhar junto. Fui questionado por meu sócio, alegando que eu era o investidor e não o “peão”, mas na minha cabeça isso não interessa, o que eu quero é o projeto executado, mesmo que eu tenha que estar envolvido em pontos que não são de minha competência.

Então assim, não tem “tempo ruim”. Se eu tiver que sair daqui e fazer um curso longe e ficar em um albergue, indo de ônibus, porque a empresa me pagou, está tudo ótimo para mim. Ou, como no meu caso em uma oportunidade que eu tinha que viajar 700km de ônibus porque ir de avião era inviável, porém perder nove horas de ônibus complicaria a minha logística, mas era a única alternativa que eu tinha, eu não medi esforços e trabalhei dobrado por uns dias para compensar as horas que perderia na viagem de ônibus. Então, isso mostra que a questão do trabalho duro, do esforço, praticamente sobre-humano, não é algo que me abala, que me limita, que me dói, é simplesmente uma necessidade do momento por um bem maior.

Hoje essa minha transferência de aprendizagens do esporte acaba impactando em várias áreas da minha vida e de formas distintas. São pequenos aspectos, como estes relacionados anteriormente que vão me mostrando essa aplicação do que estamos chamando de *life skills*. Em um meio empresarial eu vejo que a visão é importante, não só a execução, mas qual é a visão que você tem daquilo? Assim como no voleibol que eu dizia que ia atacar dez bolas, mas tinha sempre um propósito, uma direção, uma intencionalidade, hoje eu também vejo isso presente em mim. Vou acionar essas pessoas, mas para que eu vou acioná-las? Por que eu vou acionar essa rede de pessoas? O que eu quero nessa reunião? O que eu quero nessa entrevista? Então assim, eu traço metas a minha cabeça entende naturalmente me fazendo estes questionamentos.

Até no meu lazer esses aspectos tem influenciado, hoje eu estou praticando um novo esporte, só como lazer mesmo, mas eu não consigo ir lá só para jogar despreziosamente. Quando me vejo estou planejando metas e buscando as formas de alcança-las, minha meta atual é subir para categoria acima da minha e para isso eu comecei a buscar treinos específicos que fossem me levar a essa meta.

Convívio Social e em Família

Na minha casa eu sou muito “*old school*” com relação à educação dos meus filhos. Então, meu filho faz judô desde os três anos e minha filha ballet, pois eu sempre prezei pela disciplina, cheguei até aqui por meio da disciplina e não será diferente com meus filhos. Em casa eles têm várias rotinas a realizar, eu vou aumentando o grau de complexidade e cobrança das rotinas à medida que eles crescem. Por hora eles têm a responsabilidade de estarem prontos para as refeições juntos conosco à mesa e tem que retirar suas louças para a pia quando terminam; quando chegamos a um local com outras pessoas eles tem

que cumprimentar todos e serem cordiais, dentro de casa nós temos horários certos para as demandas escolares, para assistirem televisão, para dormir, etc. Então, eu estou sempre lembrando as “regras” da casa.

Eu tenho certa cobrança com meus filhos que por vezes pode parecer algo rígido, mas tenho uma relação muito aberta com eles, com total liberdade para conversarmos e inclusive debatermos e definirmos as “regras” da casa juntos. Inclusive as regras valem para todos e, eu, enquanto pai, busco sempre ser o melhor exemplo a eles, mostrando que sigo as mesmas regras, sou cordial com as pessoas, tenho responsabilidade com os compromissos que firmamos entre nós, como por exemplo, quando prometo que iremos ao shopping no final de semana, eu nunca deixo passar.

Em casa eu tenho muita participação na organização, limpeza e zelo, vejo isso como uma característica de entender que aquele ambiente é de convívio de todos e por isso todos devem zelar por ele. Eu sempre fui acostumado a levantar do refeitório do clube e levar minha louça a pia. Em casa é igual e, além disso, por entender que a pessoa que limpa a minha casa também tem outras tarefas a fazer, eu não vejo problema algum em lavar a minha louça, faço isso com muita naturalidade e por respeito ou empatia pela outra pessoa que terá essa demanda a mais caso eu não faça.

Neste mesmo sentido do respeito e empatia, eu tenho dois exemplos de situações que eu faço e que eu presencio pessoas, sobretudo jovens, deixando de fazer. Primeira delas é quando eu telefono, mando mensagem, e-mail ou encontro alguém que eu não conheço ou não tenho muito contato; eu sempre me apresento, mesmo que de forma simples, mas sempre muito clara: -“olá aqui é Rafael, eu sou do grupo “tal” e estou fazendo este contato, pois gostaria de ...” – por mais que pareça óbvio pensar que isso devesse acontecer eu vejo muitas pessoas simplesmente falando “oi” e falando o que estão fazendo, assim sem contextualizar o ouvinte, sem se preocupar com o outro.

4.2 AUTOETNOGRAFIA DO AUTOR

4.2.1 Memórias da Trajetória Esportiva

Primeiras Experiências Esportivas

Minha vida esportiva iniciou muito cedo, tive meus primeiros contatos com esportes através da natação, não foi nada muito duradouro

e tampouco significativo, ao menos essa é a imagem que tenho, pois não tenho muitas lembranças deste período. Considero que minha inserção, propriamente dita, ao esporte de rendimento foi através das artes marciais, o Karatê, mais especificamente. Fui carateca dos oito aos 12 anos. Meu pai, apreciador das artes marciais, me colocou no Karatê, acredito eu, que por um anseio pessoal de querer praticar alguma arte marcial ou realmente pela questão da disciplina e filosofia de vida que ele sempre me justificou ser. Fato é que ele praticou Karatê comigo nesse mesmo período.

Durante minha trajetória no Karatê eu vivenciei situações nunca antes passadas. Entrei em um ambiente de treinamento, com foco no rendimento, pois a equipe tinha certa tradição em colecionar títulos. A partir das situações práticas vividas que tenho em minha memória, como os treinamentos, nossas rotinas de aquecimento, as competições e situações de luta que ocorreram, não tenho dúvidas de que a disciplina, o respeito e o comprometimento foram as maiores aprendizagens que tive lá. Digo isso por me pegar falando até hoje que se não fossem as lesões que tenho hoje (em função do voleibol) eu certamente teria voltado ao Karatê após o término da minha carreira profissional no voleibol. Esse meu desejo por retornar ao Karatê já não seria mais pela competição, mas sim pela filosofia de vida e aprendizados até hoje trazidos desde a minha infância. Quando me refiro aos aspectos que me marcaram nessa breve trajetória no Karatê, trago à tona as aprendizagens que o próprio ambiente proporciona, afinal, entrar em uma academia de artes marciais é algo que nos altera até a forma de ser, são cumprimentos, hierarquias, respeito, suor, dor, satisfação e autoconhecimento que embebedam o “lutador” que ali se insere.

Além da natação e do Karatê, eu ainda tive uma breve experiência com a ginástica artística, algo com poucas lembranças também, mas me recordo que foi a única medalha que até hoje eu nunca recebi por não poder esperar até o final da competição para a premiação. Esse fato pouco importante, aparentemente, hoje reflete nas minhas atividades. Ao montar competições (algo que tenho realizado com bastante frequência), me preocupo em realizar a premiação de cada categoria imediatamente após o término sua competição, evitando eventuais frustrações a alguma criança que pudesse ficar sem receber sua premiação.

Nas experimentações de novos esportes, o Karatê, até então, era o único esporte que permanecia intacto nas minhas decisões, até eu me deparar com o voleibol. Foi na escola, aos 11 anos, que durante o horário de recreio eu ouvia o barulho de bolas batendo

intermitentemente contra o chão e paredes. Curioso, fui me aproximando pouco a pouco durante as semanas para assistir o que acontecia. Encantei-me com os fortes ataques, as defesas “impossíveis” e as comemorações de satisfação que os “maiores” faziam. De tanto ficar parado admirando o treinamento durante meu período de recreio, o treinador da escola me abordou perguntando se eu jogava vôlei e se eu queria treinar, acanhado respondi que não jogava, mas que queria fazer aula. Desse momento em diante o encantamento aconteceu e nunca mais larguei o voleibol, em contra partida, o Karatê ficou de lado naquele mesmo ano.

Novas experiências passaram a surgir, viagens mais longas do que eu havia feito na época do Karatê e, com isso, novas aprendizagem. Viver em grupo, onde cada um tem sua parcela de responsabilidade, é um dos aspectos que acredito ser o mais significativo ao ingressante na modalidade do voleibol. Meu primeiro treinador me marcou muito pela sua seriedade e disciplina passada durante os quase quatro anos que fui dirigido por ele. Lembro bem que nossos treinos tinham muitos jogos e muitas broncas também. No entanto, eu não saía chateado com isso, a forma séria, porém objetiva de dirigir a palavra não davam brecha para qualquer mal entendido. Outro aspecto marcante que tenho deste período é que não tínhamos um grande elenco quando comparado a outras escolas/clubes, contudo ganhávamos muitos torneios e tenho muita convicção de que era fruto do encorajamento que o treinador nos dava. O que mais o irritava nos jogos era quando alguém “amarelava”, ele perguntava se éramos homens ou “ratos” para estar jogando daquele jeito. Porém, ao mesmo tempo ele dava total confiança para arriscarmos a todo momento e, por meio dessas situações, eu fui ganhando força interior para os momentos difíceis das partidas.

4.2.2 Treinamento das Categorias de Base

Dedicação ao Voleibol

Aos 14 anos surgiu meu primeiro grande dilema: fui convidado para jogar em dois clubes da cidade. E a dúvida: para onde eu iria? Mais uma vez esse meu primeiro treinador entrou em ação na minha vida, me sugeriu um dos clubes. Até o treinador entrar em ação eu estava em uma grande encruzilhada, ir para um clube próximo de casa, com histórico incrível de atletas de referência internacional ou ir para um clube sem tradição alguma no voleibol, que quando jogávamos contra eles, fazíamos placares “elásticos” com bastante tranquilidade e era situado em uma cidade vizinha, aproximadamente 1h30min de onde eu morava.

Minha decisão, fortemente influenciada pelo meu treinador, foi apostar na equipe sem tradição e longe da minha casa. Foi a melhor decisão da minha vida esportiva, tive a grata oportunidade de estar entre os melhores treinadores de base daquela época, fato que me proporcionou o desenvolvimento de mais uma gama de aspectos ao longo dos quatro anos, aproximadamente, que permaneci na equipe, além da imensa quantidade de títulos que conquistamos, formamos uma equipe extremamente vencedora.

Nesta equipe formamos uma “família”, o ambiente de um clube esportivo era mais uma novidade para mim. Passei a treinar mais vezes na semana, cinco vezes ao todo e com a seriedade de uma equipe profissional, apesar da pouca idade que tínhamos, em torno dos 14 anos de idade. Naquele momento eu já sabia o que era ser jogador de voleibol e tinha decidido que isso seria a minha vida. A rotina de treinamento, apesar de cansativa e estressante, era recompensada pelos momentos de satisfação de uma vitória, de um título, dos elogios e de se sentir evoluindo. Esses aspectos eu fui aprendendo no dia a dia. A cobrança era grande, mas eu fui entendendo que era em função de um propósito de conquistar os objetivos traçados para o projeto. Eu comecei a entender que havia um plano a ser seguido e que esse plano era o caminho para a vitória. Recordo-me bem da “salinha” abaixo da arquibancada do ginásio que treinávamos, onde os treinadores rabiscavam em seus cadernos códigos e desenhos com nossos nomes. Eram os planos de treino. Eu tentava espiar o que estava escrito, mas não entendia muita coisa, só sabia que aquilo seria o treino do dia. Foram pequenos detalhes que pareciam mostrar que as coisas devem ser pensadas, planejadas e executadas, essa era a nossa rotina. Na preparação para os jogos era a mesma coisa, os treinadores nos passavam em detalhes as características técnico-táticas do adversário que enfrentaríamos, com direções de ataques, opções de saque, pontos fracos, fortes e o que deveríamos fazer para aquela partida.

Tornando-me um Jogador

Deste período dos 14 aos 18 anos de idade muita coisa se formou em mim, meu caráter foi consolidado, a seriedade, o trabalho duro, o senso de coletividade e a disciplina foram se desenvolvendo. Ainda nas categorias de base, penso que ter sido exposto a competições de categorias acima da minha (prática muito comum do meu treinador desse período), me desenvolveu a capacidade de suportar pressão. Houve uma competição que ele montou uma vez que trouxe três equipes mais velhas para juntar conosco e fazer um quadrangular. Estas equipes

não eram apenas equipes de idade acima da nossa, eram equipes referência em seus estados (São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná). Só a entrada deles no ginásio já me chamava atenção. Eles eram muito maiores e muito mais fortes que nós, chegava a assustar um pouco. Mas nós estávamos preparados, tínhamos uma força coletiva que era acima da média e nossos treinadores nos haviam preparado para aquelas batalhas. Nós não fomos campeões, na verdade não me lembro ao certo em que colocação ficamos, mas lembro bem de termos feito jogos excelentes. Eu, particularmente, desempenhei um papel incrível, sai daquela competição tão autoconfiante que aprendi que a preparação é mais importante que a própria competição. Ter sido exposto a esta e outras situações de estresse foi fundamental nesse período. Nesta mesma competição também tivemos um episódio em que o treinador parou o jogo para nos questionar sobre o que estávamos fazendo em quadra, sobre o porquê tomamos uma decisão ou outra, ele fazia isso várias vezes comigo, me colocava em “cheque”, me pressionava e a tomada de decisão tinha que ser imediata, afinal o jogo não para. Lógico que na hora eu não pensava nisso, mas parece que cada próxima vez que ele me pressionava daquele jeito a resposta, em quadra, surgia mais rápido.

Outro episódio muito marcante desta época foi um torneio preparatório para uma competição internacional que teríamos na semana seguinte. Não sei bem ao certo o que o treinador buscou com aquela atitude, só posso dizer que ficou tão marcado em mim que uso aquela sensação vivida em outros momentos da minha vida, tanto em quadra como fora. O fato foi em uma partida que estávamos ganhando o set de 24 x 19, algo assim, então recebi a bola para fechar o jogo e não fechei. Depois recebi a bola seguinte e não fechei também. Foi nesse momento que comecei a demonstrar sinal de fraqueza, comecei a me encolher e eis que o treinador, sempre atento aos detalhes (algo que tenho muito forte em mim hoje em dia), disse em alto e bom tom para que o levantador colocasse todas as outras bolas para mim mesmo que a gente perdesse o jogo. Não rodei a bola seguinte e ele pediu tempo me questionando se eu estava com medo; lógico que eu estava apavorado pela situação, mas não podia dizer que estava com medo. Ele novamente questionou se eu ia rodar aquela bola ou não, respondi que sim e ele botou a mão no meu ombro e disse, de maneira mais calma e somente a mim: “olha para o time deles e vai lá, você vai rodar essa bola, eu sei disso”. A raiva do momento pela situação que fui exposto mudou na mesma hora e me concentrei ao extremo para rodar aquela bola para ganharmos a partida de uma vez por todas. Foi o que aconteceu e nós vencemos. Mais uma vez, a situação de estresse que o ambiente de

rendimento me colocou foi fundamental para o desenvolvimento desta capacidade de gerir situações de estresse. Bom relatar que isso não quer dizer que por dentro eu não tenho ficado enfurecido naquele momento e em outros durante minha carreira, mas por fora eu tinha que permanecer calmo, lúcido e focado, aos poucos fui controlando ainda melhor essa situações e polarizando minha energia no que realmente era importante.

Enfim, durante esse período das categorias de base foram muitas viagens, muitas malas feitas e desfeitas, muitos jogos disputados, muitas frustrações, muitos retornos para casa com clima de velório por uma derrota inesperada, mas as alegrias que vivi eram muito mais significativas e desafiantes para manter-me firme e focado no dia a dia em busca de novas conquistas. Minha mente vencedora foi formada durante esse período e perpetuada ao longo da minha vida. Por mais que tenha perdido muitas partidas na minha formação esportiva, a mente positiva e vitoriosa foi um aspecto fortemente projetado pela comissão técnica que tive nesse período. Nós não entrávamos em nenhuma partida com dúvidas sobre o resultado, vencer era sempre a nossa única expectativa. Lógico que não ganhávamos sempre, mas o dia seguinte de treino era sempre repleto de ajustes do que havíamos falhado e isso ficava muito evidente em minha mente. A comissão não precisava dizer quais foram nossas falhas no jogo, bastava eu prestar um pouco de atenção no que estávamos treinando na semana após a derrota. Acredito que esse era um dos aspectos que nos fazia manter a mente vencedora, mesmo após uma derrota, pois eu entrava no próximo treino buscando ser o melhor no que fosse proposto para o treino e que, normalmente, era o que havia sido falho no jogo anterior. Dessa forma eu me motivava a superar o que havia dado errado sabendo que em breve poderia mostrar que tinha melhorado.

4.2.3 Jogador Profissional

Primeiras Experiências Profissionais

Minha preparação para a categoria adulta foi tão bem realizada neste período das categorias de base, que não senti muita diferença nas questões de treinamento ao me integrar a uma equipe profissional, a não ser a carga horário de treinamento que mais uma vez aumentou. Passei a treinar duas vezes por dia, de segunda a sexta, com uma breve folga em um período no meio da semana. Contudo, alguns pontos fora de quadra foram melhorando, agora eu recebia um salário, nós viajamos de avião para vários pontos do Brasil, ficávamos em hotel (antes em alojamento)

e tínhamos alguns compromissos com patrocinadores, porém estes eram os pontos divertidos para um jovem recém-ingressado no adulto.

O que não era tão divertido era a cobrança que passou a ser maior, tinha a torcida que cobrava, tinha crítica da imprensa, tinha dirigente da equipe que entrava no vestiário para cobrar resultado, eu não tinha mais um treinador que era quase pai, os colegas de equipe não eram mais da mesma idade, uns tinham filhos, outros já estavam se aposentando e alguns estavam no auge da carreira, lutando pelo melhor contrato no ano seguinte. Eu não me enquadrava nesses pontos, não era titular da equipe, então não era meu nome que saía no jornal, não era eu quem era cobrado pela torcida, tampouco meu nome era citado pelo dirigente no vestiário; eu não tinha problemas extra quadra, pelo contrário só tinha coisas boas a relatar, porém eu estava naquele ambiente, eu ouvia os colegas conversando e lamentando de uma coisa ou de outra que o treinador havia feito ou falado. Tinha muita disputa de ego, uns achavam que deveriam jogar mais do que outros, tinham pequenos grupos que se formavam por afinidade no mesmo grupo e isso parecia descaracterizar um pouco o senso de equipe que eu havia aprendido até o momento. Nesse ambiente comecei a ser cobrado pelos colegas também, algo que nas categorias de base não acontecia, mas no profissional passou a ser muito comum um colega dar uma chamada em outro. Nesse ponto os egos se exaltavam muitas vezes. Acredito que a gestão de pessoas foi o grande aspecto que vivenciei nesses primeiros anos de profissional no qual eu acabava ficando atento a cada pequeno detalhe do novo ambiente que estava sendo exposto.

Junto à gestão de pessoas eu ainda aponto que a comunicação foi outro ponto que tive grande evolução. Não digo que foi a partir do profissional, certamente lá atrás na “base” também tive um pouco deste desenvolvimento. No entanto, quando estamos na “base” não temos muita vez para falar, somos muito mais comandados e obedientes do que no “adulto”, onde há muitas discussões e debates sobre as situações de jogo. Então, entrar no “adulto” e se deparar com os jogadores mais experientes em uma mesa de reuniões para definir como jogaríamos contra determinado adversário ou quando estávamos no vestiário após os treinos e eles debatiam sobre o que deu certo no treino ou ainda, no próprio treinamento muita conversa acontecia, entre levantador e atacante, passador e passador, jogadores na rede para combinar o bloqueio. Dessa forma eu vejo que fui aprendendo a me colocar em frente aos outros, a tornar-me mais confiante em falar para o grupo e expor as minhas opiniões. Certo que isso não aconteceu nos meus primeiros anos de profissional, mas foi nesse momento que fui mais

exposto a essas condições de aprendizagem e que com o passar dos anos eu fui tendo uma leitura e comunicação cada vez melhor das situações de quadra.

Essa primeira equipe que joguei profissionalmente não era um grande time, nós lutávamos para não sermos rebaixados ou, nos anos bons, para ficar entre 5° a 8° lugar do campeonato brasileiro. Contudo, eu vejo que o ambiente de estresse é muito maior em pequenas equipes do que nas grandes e foi juntamente nesta equipe que vivenciei todo tipo de situação com relação à gestão de grupo, gestão de pessoas, gestão de egos, sobretudo. Toda semana estávamos em algum tipo de reunião para tentar resolver pequenos problemas que ocorriam, na maioria dos casos, em relação aos egos dos atletas que não aceitavam serem cobrados uns pelos outros. Chegou ao ponto de ter que presenciar briga propriamente dita, onde todos tiveram que separar os atletas entre socos e chutes. Nesse ponto eu vi várias formas de gerir pessoas por parte da comissão técnica, sempre havia no início das temporadas algumas situações de aproximação do novo grupo, como churrascos, trilhas, etc. Durante o dia a dia não havia muita relação entre treinador e atleta, então me parecia que os churrascos eram algo muito superficial, muito forçado para uma tentativa de união do grupo. Lógico que eu não sentia dessa forma que percebo hoje porque até então era minha primeira equipe profissional, mas olhando para os outros clubes que passei, sobretudo fora do país, eu percebo que aqui no Brasil, por mais que a gente se rotule como pessoas mais acolhedoras, a gente não sabe gerir pessoas.

Por outro lado, esse treinador que tive conseguia montar atividades de treino em que uma peça fosse muito dependente de outra, ou seja, se um jogador não cumprisse determinada tarefa o outro não podia continuar e a equipe toda saia perdendo. Nesse sentido, eu aprendi muito com relação a engajamento. Durante o treinamento nós tínhamos um engajamento que era fora de série. Eu sentia que nos estávamos ali cumprindo a tarefa um pelo outro para que ninguém fosse punido, só que esse engajamento acabava acontecendo entre os atletas e não abarcava a comissão técnica, era uma espécie de irmandade que tínhamos.

Consolidando a Identidade Profissional

Aqui no Brasil foram cinco temporadas jogando os campeonatos nacionais em três equipes diferentes. Quando eu estava passando do terceiro para o quarto ano como profissional é que eu fui começar a me sentir confortável na categoria adulta. Foi neste período que troquei de equipe e passei a jogar como titular, assumindo mais

responsabilidades na equipe e também passei a fazer parte ativa daquelas situações que mencionei anteriormente: pequenos grupos dentro da equipe, brigas de egos, diferenças de interesses pessoais, etc. Acredito que isso seja um processo normal dessa fase de transição e eu acabei me deparando com meu ego sendo atacado em certos momentos, tive sentimentos de injustiça dentro da equipe por ter ficado de fora em um momento ou outro, passei a me ver criando algumas discussões que não levavam a manutenção da integridade do grupo.

Meu ingresso nessas equipes novas me apresentaram ao outro lado do voleibol que eu ainda não tinha visto também. Quando um dirigente, que eu nunca havia cumprimentado na vida, me liga dizendo que trabalhava em uma equipe e que tinham interesse em me contratar porque tinham visto umas partidas minhas em determinada competição, eu me deparo em um dilema: quanto eu valho enquanto atleta? Pois, a conversa com esse dirigente acabou com ele querendo saber se eu tinha interesse em defender o clube dele e qual era a minha pretensão salarial. Passei alguns dias sem saber o que responder, pois eu tinha medo de pedir um valor muito alto e o clube desistir, assim como pedir um valor muito baixo e deixar de ganhar um valor maior. Consultando alguns amigos um pouco mais velhos eu chego a uma proposta e ao apresentar ao clube começamos a negociar, eles abaixando de lá, eu pedindo algo a mais daqui e por fim chegamos a um acerto. Essa foi minha primeira negociação propriamente dita, contudo a partir dessa negociação passo a viver um novo sentimento quando chego à equipe. Agora há uma expectativa enorme em cima de mim e com isso uma responsabilidade que me tirava o sono nas primeiras competições. Vejo esse momento outro ponto chave no meu desenvolvimento quando penso na formação pessoal, sobretudo nos aspectos intrapessoais.

As minhas responsabilidades na equipe passavam a se destacar quando estávamos nos jogos, era lá que eu tinha que mostrar o porquê de eu estar na equipe e porque eu tinha sido contratado. Entrar em quadra sabendo que você tem um papel fundamental no desempenho da equipe era algo também muito motivador até a partida começar, depois disso passa a ser mais um peso nas minhas costas. Aquele nosso percurso do vestiário para o aquecimento e posteriormente para o jogo era o momento em que os torcedores, os patrocinadores, os dirigentes passam por mim querendo dar um aperto de mão e desejar boa sorte, eu sentia no olhar deles a satisfação de estar ali. Tinha casos de cobrança e pressão, involuntária muitas vezes, como alguns que batiam nas minhas costas dizendo: “não vamos perder não, né?”. Não era a forma ideal de receber uma motivação para o jogo, mas fazia parte do nosso ambiente.

Então, foi passando por esses novos momentos da carreira aprendendo a lidar com estas situações, errando muitas vezes, acertando algumas outras, mas sempre me sentindo no caminho certo para o que eu sempre desejava que era melhorar a minha performance em busca de títulos e contratos melhores.

Vejo hoje que nesse ponto o atleta oscila muito na questão de maturidade. A cada saída de zona de conforto, algum aspecto se destacava em mim me mostrando imaturo. Neste momento da nova equipe foi a minha relação com a equipe, eu estava ali pensando no meu interesse pessoal em usar aquela equipe como trampolim para um salto na carreira. Não vejo isso de todo ruim, penso que seja muito comum, pois já havia me deparado com isso antes, quando ingressei no profissional. No entanto o papel do treinador é que julgo ser o fundamental nessas situações. A maneira que o treinador compreende e administra estas situações de transição é o que me parece ser o grande diferencial entre os treinadores de elite e os demais. Lembro bem do meu último treinador no Brasil antes de seguir para a Argentina, que disse uma vez que eu tinha um grande potencial para ser um jogador diferenciado, mas eu era muito egoísta. Isso mexeu muito comigo, fiquei extremamente irritado, porém não briguei com ele, mas passei alguns dias bem indignado. Minha grande irritação foi em função de eu me ver fazendo tantas coisas pelos colegas que eu nem precisava fazer, como por exemplo, levar um colega a fisioterapia por eu ter carro. No meu olhar aquilo era uma atitude extremamente coletiva, até porque eu chegava a fazer isso com colegas de equipe que disputavam vaga comigo. No entanto, refletindo sobre tudo isso eu começo a entender que ele estava dizendo aquilo em função das minhas atitudes em quadra e certamente era pelo momento que eu estava vivendo e que se caracterizava com aqueles momentos de busca por um “lugar ao sol” que meus antigos colegas, de quando eu ingressei no profissional, também faziam e que eu não compreendia como pensavam daquela forma.

Pedras no caminho ao longo da jornada

Meu primeiro clube no exterior foi na Argentina, eu estava em plena forma física quando terminei meu contrato no Brasil e já parti para lá. Foi uma experiência incrível jogar em outro país. Nessa equipe eu dividia apartamento com outros dois brasileiros, então a adaptação não foi algo complicado, fazíamos tudo juntos e isso nos fortalecia. Digo que nos fortalecia porque era necessário ser forte, pois assim que cheguei na equipe percebi que aquelas questões de ego que eu estava

acostumado no Brasil não eram mais o problema, o grande mal no exterior era que você é o estrangeiro que está tirando a vaga de um local. Os atletas locais tinham um grupo fechado muito forte que não deixava com que nós, brasileiros, entrássemos. Não foi a melhor das sensações, mas enfim, eu e os outros dois brasileiros também nos fechamos para nos fortalecer.

Minha temporada na Argentina não foi muito longa, passei cerca de três meses e tive minha primeira lesão no joelho. Por necessitar de cirurgia eu optei por rescindir meu contrato e retornar ao Brasil para operar e reabilitar. Esse foi um período difícil, pois eu vinha de uma temporada muito boa e tive de passar por esse contratempo. Ao retornar ao Brasil, fiz a cirurgia, me reabilitei e me vi sem equipe, sem contrato. Foi então que decido contatar minha última equipe do Brasil e me oferecer a eles. Não foi um contrato tão bom, mas o meu propósito naquele momento era retornar ao nível de jogo que eu estava antes da lesão.

Os primeiros meses de reabilitação e retorno às quadras não foram fáceis, eu me via sem condições de jogo, mas minha autoconfiança seguia inabalada, eu tinha convicção de que bastava um pouco de tempo para estar jogando bem novamente. Os meses foram passando, nossa competição principal chegando e meu tempo estava correndo. Minha determinação e foco foram se tornando cada vez mais fortes e eu criei uma rotina diária que era de treino, fisioterapia, academia, treino, fisioterapia... e eu não falhava, era uma espécie de autodisciplina, até porque eu sabia que somente dessa forma eu voltaria a ter condições de conquistar meus sonhos. Quando chegou o momento da nossa competição chave, aquela que me colocaria na “vitrine” novamente eu ainda não estava em plenas condições de jogo, mas seguia meu plano, pois vinha aprendendo que foi perseverando que meus colegas que eu admirava conquistaram seus sonhos. Iniciei o campeonato brasileiro como reserva e aos poucos fui conquistando meu lugar na equipe titular novamente. Foram três meses de competição que ao final me levou a “vitrine” do voleibol novamente e, posteriormente, ao início de mais um desafio fora do Brasil. Ao final da temporada eu estava acertando minha transferência para a República Tcheca, com a sensação de conquista de um novo título mesmo tendo terminado a temporada em 10º lugar do campeonato brasileiro, mas o meu objetivo pessoal havia sido conquistado, seguir minha carreira com um contrato melhor e em uma equipe melhor.

Mesmo compreendendo que o ambiente profissional do voleibol acabou me levando a desenvolver mais *life skills* intrapessoais, foi na

Europa que esses aspectos foram ainda mais evidentes. Tive passagens pela República Tcheca, Estônia, Alemanha, Bélgica, além de ter duas breves passagens no mercado Árabe (Barein e Irã) em meio aos anos que estava jogando na Europa. Quanto às *life skills* intrapessoais eu posso dizer que estar vivendo fora do seu país, sendo contratado por uma equipe e tendo resultados e expectativas caindo sobre você é uma grande experiência de autoconhecimento e resiliência. Independente do clube que atuei no exterior, em todos eu passei por situações de atletas locais querendo “derrubar” o estrangeiro, colocando a culpa em você pelas costas por alguma derrota. Era no vestiário que você percebia muita coisa, as pessoas te olhavam de canto de olho enquanto cochichavam com o colega ao lado e evidentemente que eu percebia, você sente o clima, às vezes eu até entendia alguma coisa, mas preferia fazer como se não entendesse nada do idioma. A partir disso eu fui me tornando mais introspectivo e atento a tudo a minha volta. Quando chegava a um clube novo eu procurava me aproximar dos outros estrangeiros do time, mas algumas vezes eu era o único estrangeiro e isso também foi um ponto forte no desenvolvimento da minha resiliência, penso eu.

Passados meus sete anos de carreira internacional, já tendo passado por mais duas cirurgias no joelho, começando a ter dificuldades de manter o mesmo nível de jogo e por consequência impactando nos contratos que iam surgindo, eu e minha esposa, que estava no início da gravidez, decidimos que estava no momento de começar a pensar em uma nova carreira, neste momento eu estava com 30 anos de idade e foi aí que retornamos ao Brasil definitivamente.

4.2.4 Situações de Transferência

Abrindo Novos Horizontes

O retorno pro Brasil nos traria algumas consequências de cunho financeiro: ela grávida dificilmente arrumaria emprego naquele momento, eu já não tinha mais mercado no Brasil, por ter saído muito cedo e o custo que não tínhamos na Europa com moradia, carro e alimentação, pois os clubes pagavam, seria o nosso primeiro desafio. Pensar em parar de jogar sempre foi algo que me apertava o coração, eu não sabia muito o que seria de mim fora das quadras, minha dependência daquilo sempre foi enorme. Nossos primeiros meses no Brasil não seriam o problema, tínhamos certa reserva dos anos jogados lá fora, porém eu já sabia que assim como eu batalhei para chegar aonde havia chegado com o voleibol, eu teria que fazer o mesmo para qualquer outra coisa que eu fosse fazer. Foi então que eu decidi resgatar o plano

antigo que tive lá no início da carreira que era me envolver com o vôlei de praia quando ficasse mais velho.

Foi então que parti para o “ataque”, fui conversar com um colega que trabalhava com vôlei de praia em minha cidade, pedindo a ele para começar a trabalhar, voluntariamente, como instrutor das escolinhas de vôlei de praia. Meu interesse com isso era me adaptar o mais rápido possível ao vôlei de praia, pois eu sabia que ali eu poderia jogar por mais alguns anos. Contudo, eu também sabia que dar aula não era tão simples assim, por mais que eu tivesse uma longa experiência com treinamento, assumir uma turma de crianças exigia muito mais do que isso. Foi então que eu, consciente de que as coisas não se constroem por acaso, fui buscar uma forma de me capacitar e ingressei no curso de Educação Física.

Durante os quatro anos de Educação Física eu tive a grata oportunidade de aprender muito com meus professores. Como eu trazia uma grande bagagem das experiências vividas durante minha carreira esportiva, assumi funções de monitoria, me envolvi em cursos, assumi a responsabilidade dos trabalhos acadêmicos, tudo isso porque eu tenho claro que a partir desse empenho e fazendo o “passo a passo”, como eu havia feito em toda a minha carreira, eu tenho maiores chances de conquistar um lugar de destaque nessa nova carreira.

Nos anos que me levaram a formação em Educação Física eu também trabalhava nas escolinhas de vôlei de praia, já sendo remunerado (a partir do segundo ano). Mesmo não sendo algo que sustentasse a minha família eu sabia que era parte do processo. Na universidade eu me inscrevia em todas as bolsas de estudo que eu pudesse concorrer, pois era outra forma de rentabilizar que eu havia encontrado, mesmo que eu precisasse dispendir meu tempo com as atividades, como acontecia nas bolsas de monitoria e pesquisa. Como o trabalho duro, o esforço, a dedicação e a perseverança sempre foram características fortes durante minha carreira, eu encarava tudo isso como um desafio para alcançar as minhas metas.

Ao longo do tempo eu fui conhecendo pessoas e formando uma rede de relacionamento. Essa minha rede não era, necessariamente, de pessoas do mesmo ramo ou meio, mas eu passei a fazer com que elas se conversassem, uma espécie de ponte, tipo um capitão entre atletas e diretoria. Eu percebo em conversas que o assunto de uma pessoa ou o problema que ela está enfrentando pode ser solucionado com o auxílio de outra pessoa que conheço, mas que é de outra área, então eu faço essa ponte, esse elo para colocá-las em contato. Esses são pequenos aspectos que eu percebo que trago lá do voleibol para a minha vida, como a

capacidade de entender o contexto, a conexão com os demais, a coletividade, etc.

Essa mesma rede de relacionamentos também me levou ao alcance de várias conquistas que até então eu não havia nem imaginado. Passei a coordenar alguns projetos de iniciação esportiva e um projeto de ressocialização de menores infratores, tudo a partir da expertise formada ao longo da minha trajetória que foram se concretizando em ações para a sociedade e não mais para mim, como ocorria na minha carreira de atleta profissional.

Juntamente aos projetos sociais eu passei a me envolver com a formação de atletas na Escola Santa Catarina de Vôlei de Praia, idealizada por mim e pelo colega que me abriu as portas quando decidir migrar para o vôlei de praia. Nesse ambiente eu já me sentia mais confortável e seguro para trabalhar, afinal, era o contexto do alto rendimento que eu sempre vivenciei, porém em outra modalidade (vôlei de praia) e em outro papel (treinador). Neste contexto consegui e sigo me vendo atuando com muitas características do que aprendi e desenvolvi ao longo da minha carreira enquanto jogador profissional de voleibol de quadra.

Dentre os aspectos que trago da minha vivência no voleibol de quadra eu posso destacar que a relação com meus atletas se assemelha muito aos treinadores que mais admirei na minha carreira. Criei o hábito que estar presente na vida dos meus atletas no sentido de conversar sobre nossas vidas, trocando confidências, relatando meus anseios enquanto treinador, enquanto pai, enquanto marido, expondo minhas experiências de vida, mas principalmente em ouvir com atenção e carinho os anseios deles, as experiências, as dúvidas e assim trocarmos “figurinhas” sobre a vida. As experiências que tive com treinadores no exterior tinham muito dessa relação de preocupação com o outro e vejo que isso me chamava muita atenção quando passei a defender equipes estrangeiras.

A minha forma de atuar em quadra, durante os treinos e jogos também se remetem muito aos exemplos de treinadores que tive no exterior. Não sou de ficar gritando e fazendo “cena” ao lado da quadra como presenciei nos clubes brasileiros, sou mais no estilo “*gentleman*” dos europeus. São raros os momentos que chego a atuar de forma mais enérgica com os atletas, normalmente eu faço com que eles entendam o que está acontecendo no jogo a partir de questionamentos, bem como os encorajando a arriscarem (nesse ponto eu me vejo muito parecido com meu primeiro treinador da base). Um exemplo que ocorre muito é quando pergunto ao atleta o que ele está mais confiante para fazer

naquele momento, naquela jogada que virá e a partir da sua resposta eu dou total liberdade para fazer, mesmo sabendo que aquela não seria a tomada de decisão ideal, mas eu explico ao atleta que assumo o risco daquela decisão. Por vezes temos êxito na ação, por vezes não, mas o que vejo de importante é que temos uma conexão forte e uma confiança tão grande que os tornam mais seguros para estarem em quadra.

Além desse lado mais relacionado ao trato pessoal entre treinador e atleta, eu trouxe para minha atuação como treinador a sistematização do treino, tal qual faziam meus treinadores da base na “salinha” antes dos treinos. Portanto, entendendo a importância do planejamento, apesar dessa aprendizagem ter acontecido de forma implícita, pois a intenção da comissão técnica, na época do vôlei de quadra não era de nos tornar bons planejadores, mas sim fazermos um bom trabalho em quadra, inevitavelmente essa habilidade acabou sendo desenvolvida em mim. Hoje eu faço as mesmas coisas, tenho minha agenda de anotações na qual eu monto mais aulas de vôlei de praia, faço minhas críticas e readéquo as atividades quando necessário. Certamente isso não é fruto exclusivo daquela época do clube de base, pois também desenvolvi esse hábito nesse meu período de graduação em Educação Física, visto que planejar faz parte da profissão. Contudo, não tenho dúvidas de que a vivência tão intensa e prolongada no voleibol tiveram a maior parcela no desenvolvimento desta aprendizagem.

Em meio a minha atuação como treinador comecei a buscar sonhos um pouco mais audaciosos. Usando a minha rede de relacionamentos acabei me envolvendo no meio empresarial me tornando sócio administrador de um complexo esportivo *indoor* de esportes de areia. Como pode-se perceber eu sigo no meu “habitat natural” que é o esporte, no entanto assumindo papéis distintos, porém papéis que tive muito relacionamento ao longo da minha carreira esportiva. Quando jogava profissionalmente eu estava sempre envolvido com a diretoria, patrocinadores, torcedores e treinadores, evidentemente, em função das próprias demandas dos clubes, hoje eu uso um pouco daquele senso de organização, administração e afeto que vivenciei ao longo das minhas passagens pelos clubes que joguei. Como exemplo, eu passei a criar rotinas diárias para a gestão do negócio em que cada colaborador tem sua responsabilidade. Outro ponto que valorizo é o atendimento aos clientes, então sempre que estou na empresa eu busco me aproximar de todos os presentes para que eles se sintam mais conectados à empresa, tal qual faço como treinador com meus atletas. Ainda posso relatar as constantes confraternizações que organizamos lá para que pessoas que não se conhecem possam se aproximar, assim

como tínhamos nos clubes ao final de cada jogo, onde ficávamos na tribuna de honra jantando e confraternizando com torcedores, patrocinadores e diretores.

Ainda nesse âmbito do lado empresário eu posso considerar a gestão de circuito sul brasileiro de vôlei de praia que idealizei junto com outro colega e que nele conseguimos aplicar muitos dos valores que desenvolvemos no esporte, como o respeito e o *fair play*. Nesse ambiente nós criamos uma forma de jogo que vai muito ao encontro com aqueles aspectos fundamentais do esporte, respeitar as regras, assim nossos jogos não contam com o arbitro propriamente dito, a competição é disputada sob a forma da auto arbitragem, ou seja, os atletas em jogo se acusam quando alguma regra é infringida por eles mesmo. O que trago com esse relato é que para que este sistema funcionasse foi necessário “vender” a concepção que nós temos de que o esporte é relacionado ao respeito, companheirismo e *fair play*, para isso passei a expor as minhas crenças aos colegas, meus sonhos de que gostaria de ver o esporte sendo jogado sem que as pessoas quisessem trapacear e além do discurso, passei a dar esse exemplo nos jogos oficiais, me acusando das infrações que eu cometia, antes mesmo dos árbitros acusarem. Hoje, ao ver o circuito iniciar seu terceiro ano, com sucesso total, eu posso dizer que a aprendizagem pelo exemplo é algo muito forte no esporte, assim como lembro daqueles treinadores que se mostravam íntegros dentro e fora de quadra.

Durante esse período da minha ocupação de treinador, atleta de vôlei de praia (agora não mais profissional, mas ainda competindo), pai de família e empresário ainda me dispus a ingressar no mestrado, contudo nunca tive a pretensão de me tornar professor universitário, hoje já considero essa possibilidade. Meu ingresso ao mestrado foi por afinidade com a temática que o laboratório de pedagogia do esporte, quando comecei a me envolver com o laboratório, por intermédio de um amigo, a temática girava em torno da formação de treinadores. Como eu estava no período de transição para a profissão de treinador eu acabei vislumbrando a possibilidade de aprendizagem mais qualificada e que me traria aplicação imediata da teoria na minha prática profissional como treinador através do ingresso no mestrado. Além da formação de treinadores, o tema *life skills* também estava emergindo nas reuniões do laboratório e iam de encontro aos projetos sociais que eu atuava, trazendo mais sentido e significado a minha intenção de ingresso ao programa de pós-graduação.

Com relação a minha atuação no programa de pós-graduação, mais especificamente, no laboratório de pedagogia do esporte, eu

confesso que senti muita dificuldade em compreender e me adequar as demandas do laboratório, sobretudo por não me ver com a mesma maturidade acadêmica que meus colegas, inclusive aqueles mais novos em idade e no próprio programa, e também pela pouca disponibilidade de tempo em função de todas as outras atribuições que eu tinha. Porém, mesmo com tais dificuldades eu planejava a minha organização no laboratório de maneira que eu cumprisse as minhas obrigações principais enquanto pós graduando, colocando em foco meus prazos, prioridades e atribuindo metas pessoais para a realização de cada pequena etapa das demandas, ou seja, quebrando as tarefas em frações menores para otimizar meu tempo reduzido, produzindo de forma mais efetiva e objetiva.

A minha relação com os colegas de laboratório foi muito saudável desde meus primeiros contatos, fato que é bem natural nos ambientes que convivo, sinto que tenho boa relação com as pessoas e no mestrado não foi diferente. O que destaco também é que nunca senti nenhuma forma de cobrança por parte dos colegas em função da minha falta de participação frequente nas atividades do mestrado, acredito muito que seja porque desde o princípio sempre fui muito sincero e transparente a respeito da minha participação do programa, no sentido de demonstrar todo o meu comprometimento com o programa dentro das possibilidades que a minha carga horária permitia, assim penso que esse aspecto do comprometimento enquanto presente no laboratório nunca foi questionado pelos colegas.

Então eu tive que passar por situações que fogem um pouco da minha natureza de não deixar de me envolver com atividades do meu ciclo de trabalho, abrindo mão de entrar em alguns projetos legais com colegas em detrimento do cumprimento das minhas obrigações enquanto mestrando, por isso sinto que o mestrado contribuiu muito mais com o meu desenvolvimento pessoal do que eu contribuí com o programa de pós-graduação e com o laboratório. Por outro lado eu percebo que da forma em que é organizada a nossa estrutura de relações pessoais, sociais e de trabalho do nosso laboratório reforça muito a importância do trabalho coletivo que tanto fui exposto no voleibol. No laboratório os colegas são muito colaboradores entre si e desta forma os projetos em paralelo às dissertações e teses acabam se tornando como um bem comum dos membros, dessa forma a estrutura organizacional promovida pela gestão do laboratório e o ambiente positivo de aprendizagem e acolhimento que ali habitam me remetem aos clubes que tive situações similares, como na minha participação no primeiro clube profissional em que o meu papel não era de destaque ou de protagonismo, contudo

em nenhum momento eu me sentia rebaixado por não estar jogando frequentemente, bem como o grupo sabia quais as minhas potencialidades e também me passavam a sensação de pertencimento de grupo.

Quanto ao desenvolvimento pessoal que o mestrado me trouxe, mencionado anteriormente, eu vejo que antes de um título de mestre que eu venha a conquistar, a evolução pessoal enquanto ser crítico e mais consciente de que a vida é composta de diversas perspectivas, eu acabei me tornei mais reflexivo e capaz de olhar para minha trajetória esportiva e entender que o esporte de rendimento é um ambiente complexo e rico em termos de experiências, competências, crenças, valores e habilidades pessoais que são desenvolvidas por pessoas, pelo contexto e por nossos próprios princípios, ao longo do tempo.

5 DISCUSSÃO

No intuito de verificar o entendimento de ex-atletas de voleibol sobre a aprendizagem de *life skills* por meio do esporte, de maneira geral, percebeu-se que os indivíduos reconhecem que o envolvimento no contexto esportivo, mesmo nos estágios iniciais da carreira, proporcionou a desenvolvimento de importantes comportamentos, valores e atitudes para a vida, nomeadamente, *life skills*. Esta suposição baseia-se no apontamento direto dos participantes sobre *life skills* que foram aprendidas, assim como na interpretação do autor sobre situações e experiências marcantes relatadas pelos participantes e que geraram aprendizado. Assim, exemplos de *life skills* aprendidas incluem: dedicação, perseverança, controle de estresse, comunicação, resiliência, trabalho em equipe, empatia, respeito, comprometimento, disciplina, estabelecimento de metas e liderança. Portanto, corroboram-se estudos prévios que relatam a aprendizagem de *life skills* no contexto de alto rendimento (GOULD et al., 2007; HARDCASTLE et al., 2015).

Assim como mencionado em estudos anteriores sobre as experiências negativas proporcionadas a atletas de alto rendimento (HANSEN; LARSON; DWORKIN, 2003; THEBERGE, 2008; STRACHAN; FRASER-THOMAS; NELSON-FERGUSON, 2016), os ex-atletas investigados e a autoetnografia do autor vão ao encontro destas informações. Algumas destas experiências foram: lesões durante a carreira; incertezas contratuais entre temporadas; conflitos com colegas de equipe; dificuldade para a formação profissional e acadêmica; frustrações profissionais; distância da família e amigos; e a restrição da vida social. Contudo, parece que as experiências positivas vivenciadas sobressaem às negativas, sobretudo pela representação de equipes municipais, estaduais, nacionais e internacionais, o prestígio social, a possibilidade de viajar e experienciar diferentes culturas, a conquista de títulos e a superação de limites. Portanto, parece que o contexto do voleibol de alto rendimento vivido pelos participantes atuou como um potencializador de experiências, sejam elas negativas ou positivas. Esta premissa suporta-se no cunho positivo presente nos relatos de aprendizagem dos participantes, assim como no desejo de que os próprios filhos vivenciem a prática esportiva desde jovens para favorecer o desenvolvimento de *life skills*.

Deste modo, sugere-se que os três elementos sugeridos por Pierce, Gould e Camiré (2017) para o indivíduo no processo de aprendizagem e transferência de *life skills* (características internas,

externas e experiências individuais autobiográficas) podem contribuir para o direcionamento desta potencialização. De fato, outras perspectivas teóricas aliadas ao desenvolvimento positivo de jovens por meio do esporte também suportam o papel ativo do indivíduo, sendo também responsável pela própria aprendizagem a partir das experiências vivenciadas (AGANS et al., 2016). Deste modo, estes elementos parecem exercer uma função importante para a transferência positiva ou negativa de *life skills* para os desafios da vida diária. Por exemplo, as experiências negativas relatadas pelos participantes (como estresse competitivo, conflito entre atletas e distanciamento familiar) podem desenvolver comportamentos de risco e atitudes imorais, assim como podem também desenvolver “*life skills* positivas” como o controle de stress, a gestão de pessoas e a resiliência.

Neste processo de aprendizagem, o treinador esportivo foi um dos atores que contribuiu para a superação das experiências negativas (sobretudo na categoria de base) a partir da mediação das situações de estresse, da criação do ambiente positivo e do acolhimento fraterno. De fato, as teorias e perspectivas bioecológicas que são utilizadas para compreender o processo de desenvolvimento positivo de jovens (BRONFENBRENNER, 2005; STRACHAN; FRASER-THOMAS; NELSON-FERGUSON, 2016; PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017) sugerem que a presença de um indivíduo externo ao ciclo familiar (no caso, o treinador) tem papel fundamental no desenvolvimento de crianças e jovens (GOULD; DIEFFENBACH; MOFFETT, 2002). No contexto de alto rendimento, treinadores foram destacados por auxiliar no desenvolvimento de seus atletas de maneiras diretas (discussões, suporte e motivação individualizada) e indiretas (dar o exemplo de bom comportamento e dedicação) (GOULD; DIEFFENBACH; MOFFETT, 2002). Assim, acredita-se que o treinador de categoria de base de alto rendimento desempenha um papel essencial para potencializar o desenvolvimento pessoal, físico e psicológico do jovem atleta para favorecer o sucesso futuro na trajetória pessoal e carreira profissional deste.

Nas primeiras experiências esportivas vivenciadas pelos participantes, até os 14 anos, a experimentação de modalidades além do voleibol ficou evidente, como basquetebol, natação, Karatê, futsal e futebol, etc. A criação do gosto pelo esporte devido à prática com colegas e familiares e à admiração de jovens mais velhos pertencentes a equipes competitivas foi fundamental para o ingresso dos participantes no voleibol. Quando se trata de iniciação esportiva, o Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva de Côté (CÔTÉ, 1999;

CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007) sugere possíveis trajetórias e características de ambientes vivenciados pelo jovem praticante. Uma das possíveis trajetórias para o atleta de rendimento propõe que nos anos iniciais (até aproximadamente os 12 anos) os jovens devem participar de uma diversidade de modalidades esportivas e experienciar diferentes funções e posições nestas por meio de jogos informais e brincadeiras com os pares (*deliberate play*) e sessões de treinamento (*deliberate practice*) (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007). Esta prática diversificada e pouco sistematizada tende a proporcionar o desenvolvimento de uma gama de habilidades motoras e esportivas e promover o gosto pelo esporte (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

Posteriormente, nos anos de especialização (aproximadamente dos 12 aos 15 anos de idade), o jovem selecionaria um número menor de modalidades e passaria a participar com maior frequência de sessões de treinamento desta (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007). Por fim, nos anos de investimento (aos 15 anos de idade), o atleta participaria intensamente de sessões de treinamento de apenas uma modalidade (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007). Considerando a trajetória dos participantes deste estudo, percebeu-se que os anos de especialização praticamente se fizeram presentes, visto a extensão dos anos iniciais até os 14 anos e o início antecipado dos anos de investimento na mesma idade. Além disso, estes achados suportam o princípio de que uma prática diversificada nos anos iniciais pode ser o início da trajetória de um atleta de alto rendimento e que o gosto pela prática esportiva é um fator importante para a manutenção do atleta no esporte.

Ademais, a prática diversificada nos anos iniciais permitiu a aprendizagem das primeiras *life skills* por meio do esporte, como dedicação, disciplina, respeito e comprometimento. Apesar de não ficar claro os momentos específicos em que estas *life skills* foram aprendidas, parece que o exemplo de atletas mais velhos e, no caso do Karatê, os princípios e filosofia da modalidade levaram a uma rica aprendizagem reconhecida atualmente.

De fato, as artes marciais possuem uma característica de busca pelo desenvolvimento de valores e comportamentos positivos que as diferencia de outras modalidades convencionais, assim como exemplifica Chinkov e Holt (2016) para o Jiu Jitsu. Segundo os autores, o Jiu Jitsu influenciou positivamente na vida de 16 atletas e treinadores e possibilitou a aprendizagem de *life skills* como o respeito pelos outros, a perseverança, a autoconfiança e os hábitos saudáveis (CHINKOV;

HOLT, 2016). Além disso, os atletas mais experientes do clube de Jiu Jitsu investigado também demonstraram buscar contribuir na aprendizagem dos mais novos e dos menos experientes a partir do princípio de que as artes marciais não são apenas uma prática esportiva, mas uma filosofia de vida (CHINKOV; HOLT, 2016). Assim, mesmo que este estudo tenha ex-atletas de voleibol como participantes e pouco se discutiu sobre as estratégias específicas adotadas pelo treinador de Karatê, parece que as características intrínsecas das artes marciais tendem a proporcionar o desenvolvimento de *life skills*.

Ao ingressar nas categorias de base de cunho competitivo, os ex-atletas mencionaram que as características deste ambiente, assim como algumas estratégias e comportamentos dos treinadores permitiu o desenvolvimento da disciplina. Neste sentido, destacaram-se o exemplo de seriedade e dedicação dos treinadores para a organização das sessões de treino e alcance dos objetivos da equipe, os horários estabelecidos aos atletas para a execução de tarefas diárias (como alimentação, deslocamento e descanso) e a orientação quanto aos comportamentos que deveriam cultivar no grupo. Parece também que o cultivo de comportamentos padrões para a manutenção de um grupo está associado ao estabelecimento de regras pela rede de apoio mútua entre todos os atores (atletas, treinadores, pais), favorecendo, inclusive a formação eficiente de atletas de elite (O'CONNOR; BENNIE, 2006).

Para Pinheiro (2015), a chamada autodisciplina é a capacidade de o indivíduo controlar os próprios impulsos para adotar comportamentos e hábitos desejados. No modelo proposto por Pierce, Gould e Camiré (2017), o esporte é um importante contexto de aprendizagem, tendo três indicadores fundamentais que se relacionam diretamente, nomeadamente: as demandas inerentes ao esporte, a estrutura do programa esportivo e as características e estratégias do treinador. De fato, no caso da disciplina, sugere-se que esses três indicadores foram percebidos pelos ex-atletas como essenciais para compreender e operacionalizar esta *life skill*.

Além disso, as rotinas diárias formadas pelo treinador das categorias de base e as demandas impostas pelo ambiente esportivo demonstraram ser um fértil campo para o desenvolvimento da responsabilidade, do caráter e da cooperação. De acordo com os relatos dos ex-atletas as demandas diárias na organização do espaço de treino (limpeza da quadra, montagem e desmontagem da rede, calibragem das bolas), a divisão das responsabilidades para as competições (garrafinhas d'água, uniformes, bolas) e a postura do treinador em não dar privilégios a nenhum atleta foram elementos marcantes durante suas categorias de

base. Nota-se novamente que o treinador se apresenta como uma peça fundamental nesse processo, sobretudo no período das categorias de base, em que os atletas muitas vezes projetam nos treinadores a figura familiar (quase como um pai, como relatado nas entrevistas), de grande proximidade e conexão, devido a elevada carga horária que dispendem juntos, corroborando com outros estudos ao identificarem o importante papel dos treinadores na formação pessoal de jovens atletas (RATHWELL; YOUNG, 2017; 2018), bem como sugere Holt e Dunn (2004) que a formação de atletas que se tornaram profissionais está relacionada a associação da disciplina e do comprometimento com o suporte social (neste caso o treinador).

Entendendo o esporte como fonte de prazeres e frustrações na vida de uma jovem atleta em formação, devido as constantes e intensas situações de derrotas, vitórias, punições e recompensas nos treinamentos e competições (FONTES; BRANDÃO, 2013), parece haver uma relação destas intensas situações vividas pelos atletas com o desenvolvimento da capacidade de gestão do estresse, do controle emocional e da determinação (GOULD; DIEFFENBACH; MOFFETT, 2002; FRASER-THOMAS; CÔTÉ, 2009). Segundo os ex-atletas, o voleibol, devido a grande oscilação das sensações vividas e também pela alta demanda de carga horária de treinamento imposta pela necessidade constante do refinamento dos aspectos técnico e da necessidade do amplo entrosamento entre os jogadores, proporcionou a eles o desenvolvimento da capacidade de lidar melhor com suas emoções, tornando-os mais autoconfiantes e perseverantes, inclusive.

O ingresso à categoria adulta no voleibol aparentou trazer aos participantes algumas reflexões devido a nova característica do ambiente. Os relatos demonstram que a forma de cobrança imposta pelo ambiente profissional (torcida, imprensa, diretoria e pares) foi um dos aspectos marcantes desta transição, deixando mais evidente a necessidade de gerir suas próprias emoções para não influenciar no seu desempenho esportivo. Parece que o ingresso no esporte profissional, por envolver diferentes agentes (diretoria, treinadores, atletas, torcedores, imprensa) e situações na vida dos atletas (cobrança excessiva, interação com torcedores e imprensa, convívio com os pares) tende a potencializar suas emoções colocando o atleta em situação de insegurança momentânea (ANDERSON, 2012).

A mudança da expectativa de um treinador de base (fraternal) para um treinador profissional (gestor de equipe) parece impactar nas relações intrapessoais dos participantes ao se sentirem sem o mesmo amparo fraternal como ocorria nas categorias de base. Contudo, esta

nova relação entre treinador-atleta abriu portas para o desenvolvimento de aspectos relacionados a gestão de pessoas, por meio da observação das características dos treinadores das equipes profissionais. Ainda nesse sentido, a busca pelo destaque profissional dos pares, exaltando os egos dos colegas de equipe foi outro elemento marcante dos entrevistados ao relatarem suas experiências iniciais na categoria adulta, reforçando o desenvolvimento das *life skills* interpessoais, sobretudo em relação a comunicação e a gestão de pessoas. As situações de conflito em equipes parecem comuns e são aceitas como normais dentro do ambiente de rendimento, contudo as estratégias de resolução dos conflitos também se mostram presentes nas equipes (HOLT; KNIGHT; ZUKIWSKI, 2012). Apesar de não haver uma forma específica para a mediação dos conflitos nas equipes, a figura do treinador mostra-se um ponto forte nesta mediação (HOLT; KNIGHT; ZUKIWSKI, 2012). Porém, a figura dos atletas mais experientes também se apresentam como importantes neste processo, dado que dentro da equipe estes acabam se tornando uma referência aos mais novos (HOLT; KNIGHT; ZUKIWSKI, 2012).

A intensidade e a alta carga de treinos na carreira profissional dos ex-atletas geraram situações negativas, sendo as lesões uma delas. Passar por períodos de reabilitação gerou, além de frustrações pelo afastamento das quadras, impacto nas condições contratuais futuras. Dentre os relatos, um dos pontos levantados foi a necessidade da redução financeira contratual para retorno à “vitrine” do voleibol, como mencionado em entrevista. Contudo, a força de vontade para o retorno mais breve às quadras e ao nível de jogo pretendido foi apoiada pela dedicação e perseverança gerada nestas situações. Segundo Pinheiro (2015) a dedicação “é o ato, a atitude responsável de quem cuida de algo ou de alguém, ou se aplica intensamente a uma causa, com atenção, empenho, afincamento, disposição, demonstração de amor e profunda afeição” (p. 219), enquanto que a perseverança se relaciona com a persistência, no sentido de ser um encadeamento de ações, na realização de algo que exija força de vontade, meta e a decisão de não desistir. Além disso, Hollings, Mallett e Hume (2014) apontam que o foco, a determinação e a dedicação influenciam positivamente na transição da categoria juvenil para adulta quando comparados atletas que se profissionalizaram aos que não se profissionalizaram.

As reuniões de jogo, bem como o ambiente de compartilhamento de opiniões para a definição do plano de jogo, comumente realizado no ambiente profissional, foram momentos que marcaram a formação dos ex-atletas e permitiram o aprimoramento da

comunicação. Os relatos apontam que os momentos em grupo, de vestiário, refeitório e até momentos em quadra eram sempre envolvidos por muitas conversas, debates, negociações e discussões sobre situações de jogo. Portanto, aparentemente as relações sociais inerentes ao esporte (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017) são fontes de desenvolvimento de comunicação, devido as constantes necessidades de negociações com os treinadores, pares, pais, etc (CAMIRÉ; TRUDEL; FORNERIS, 2009).

Com o passar do tempo na trajetória esportiva profissional os participantes da pesquisa começaram a se enxergar mais proativos e envolvidos em suas equipes, passaram a assumir mais responsabilidades devido ao papel de destaque que obtiveram e com isso a postura de líderes começou a emergir na carreira. Dentre as características relatadas a comunicação, o trabalho em equipe e a empatia foram elementos que envolveram essa formação de liderança nos ex-atleta. Entendo a liderança como o processo no qual um indivíduo influencia um grupo para atingir um objetivo em comum (NORTHOUSE, 2018), parece que as habilidades de trabalho em equipe oriundas das categorias de base começam a se operacionalizar quando assumem o papel de liderança nas equipes. Nesse sentido, completa Holt (2008) que a habilidade de trabalhar em equipe e a liderança podem surgir do envolvimento esportivo devido as próprias demandas exclusivas do esporte coletivo; fato que também é suportado pelo modelo de transferência de *life skills* (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017).

A transição para a carreira esportiva internacional se mostrou outro ponto chave na vida dos ex-atletas. As constantes mudanças de clubes, culturas, idiomas e formas de jogo levaram os ex-atletas ao aprimoramento da capacidade de adaptação a diferentes contextos e situações de jogo. Neste momento da carreira as *life skills* intrapessoais (determinação, autodisciplina, perseverança, dedicação e o autocontrole) parecem sobrepor as *life skills* interpessoais. O fato relatado que levou os ex-atletas a uma situação de introspecção neste momento da carreira está relacionado com a falta de conexão com os colegas estrangeiros, a situação de insegurança por ser apontado como o culpado das derrotas pela imprensa (pois enquanto estrangeiros estavam mais em evidência nas matérias) e o pouco tempo para conhecer e se apropriar da cultura local. Contudo, os participantes da pesquisa se consideram seres fortalecidos por estas situações vividas, apontando a resiliência como umas das *life skills* fortemente desenvolvidas em sua trajetória esportiva internacional. Segundo Pinheiro (2015), a resiliência é a capacidade do indivíduo para “enfrentar as situações adversas, resistindo e se sobrepondo, aprendendo e superando com rápida recuperação, para sair

fortalecido ou até mesmo transformado a partir das experiências.” (p.366) e ainda completa que o ato de ressignificar a sua própria percepção da realidade “permite ao resiliente reduzir a intensidade do estresse, diminuir os sinais emocionais negativos, como a ansiedade ou raiva, e melhora a saúde emocional e mental.” (p.367). Portanto, alcançar a excelência esportiva é um processo complexo que parece ser uma combinação de fatores inatos e ambientais (MILLS et al., 2012).

Como mencionado anteriormente, quando uma *life skill* é aprendida e utilizada apenas no contexto esportivo, ela é considerada uma *sport skill*, ou seja, uma competência, valor, habilidade para o esporte. Contudo, a partir do momento em que o indivíduo possui suporte, oportunidade e a compreensão de como transferi-la para contextos externos ao esporte, e o faz, esta se torna uma *life skill*. Segundo os ex-atletas, diversos comportamentos adotados pelos treinadores de categorias de base e profissionais durante suas trajetórias foram assimilados como exemplos positivos e, posteriormente, reproduziram-se em situações da carreira profissional. Assim, alguns comportamentos adotados atualmente são: a gestão e liderança de pessoas em grupos de trabalho; a maneira de se comunicar e de valorizar o esforço dos pares; e a pontualidade com os compromissos profissionais. A aprendizagem por meio do exemplo de treinadores é explicada pelo modelo de transferência de *life skills* como um dos elementos da aprendizagem no contexto esportivo sob as características e estratégias adotadas pelo treinador (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017). Desta maneira, a aprendizagem de *life skills* simplesmente a partir da convivência com os treinadores de alto rendimento, apesar de já mencionada anteriormente (CAMIRÉ; KENDELLEN, 2016), levanta reflexões acerca das abordagens para o desenvolvimento de *life skills*.

A discussão entre as características e potencialidades das abordagens implícitas e explícitas tem se realizado com determinada frequência na literatura internacional. De maneira geral, a abordagem implícita representa a perspectiva tradicional presente na prática esportiva como meio para a educação, ou seja, programas esportivos devem buscar desenvolver habilidades esportivas (técnico-táticas, psicológicas, sociais, etc.) e a transferências destas para outros contextos deve acontecer por consequência e sem suporte dos responsáveis (treinadores) (HOLT et al., 2008). De fato, as demandas inerentes ao esporte (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017) parecem contribuir para o desenvolvimento de *life skills* independente das estratégias adotadas pelo treinador, tais como trabalho em equipe, comunicação e perseverança (BRUNELLE; DANISH; FORNERIS, 2007; JONES;

LAVALLEE, 2009). Contudo, acredita-se que programas esportivos que adotam uma abordagem explícita, ou seja, orientados para destinar momentos específicos para a discussão e prática de *life skills* no contexto esportivo, aliados com o suporte de treinadores, familiares e professores para a transferência destas para outros contextos, são mais adequados com a perspectiva de desenvolvimento positivo de jovens e de *life skills* e tendem a potencializar este processo (BEAN; FORNERIS, 2016; HOLT et al., 2017). Desta maneira, já existem tentativas de integrar o desenvolvimento de *life skills* de maneira explícita no contexto de alto rendimento (HARDCASTLE et al., 2015).

A inclinação de um programa esportivo para adoção de determinada abordagem (implícita ou explícita) encontra forte relação com os próprios objetivos do clube, dos treinadores e do contexto em que ele está inserido (COAKLEY, 2016). Neste sentido, programas de alto rendimento, na maioria das vezes, preocupam-se com os resultados esportivos dos atletas e adotam a abordagem implícita (CAMIRÉ, 2015). No entanto, é importante mencionar que isso não quer dizer que programas de alto rendimento não se preocupam com os próprios atletas, mas que, de modo geral, o treinamento é voltado para o desenvolvimento de habilidades, competências e valores que serão aplicados diretamente no contexto esportivo e contribuirão para o desempenho do atleta. Por exemplo, neste estudo, a preocupação dos treinadores com relação à pontualidade, controle do estresse e trabalho em equipe dos atletas em situações de jogo e treino foram indicadores presentes nos relatos dos participantes. Portanto, percebeu-se que apesar da abordagem implícita adotada pelos treinadores, o comportamento positivo dos treinadores em diversos momentos permitiu com que os atletas tivessem a aprendizagem de uma série de *life skills*, e que estas foram posteriormente transferidas para a carreira profissional fora do contexto esportivo.

Ao relacionar a autoetnografia do autor desta pesquisa e as vinhetas dos entrevistados da pesquisa com o modelo de transferência de *life skills* de Pierce, Gould e Camiré (2017), percebe-se que os quatro fatores do contexto para transferência de *life skills* (similaridade do contexto, oportunidades do uso de *life skills*, suporte para transferência e recompensa por transferir *life skills*) se fazem presentes nos dados. Devido a atuação do autoetnógrafo como treinador esportivo em projetos de vôlei de praia, acredita-se que a “similaridade do contexto” facilita suas “oportunidades do uso de *life skills*”, assim como demonstrado em situação semelhante por Santos e Callary (2018) em estudo sobre a transição de um atleta de alta performance para a carreira

de treinador com foco no desenvolvimento positivo de jovens. Por outro lado, os demais participantes da pesquisa se valem do “suporte para transferência” ,por atuarem em um contexto profissional empresarial, possibilitado pelos superiores ao assumir funções gerenciais em grupos de trabalho, além da “recompensa pela transferência” em função da necessidade de alcance de metas em suas demandas de trabalho. Dessa forma, percebe-se que existe a transferência positiva de *life skills* aliada as diferentes dimensões do conhecimento (conceitual, procedimental, tácito e estratégico) que os participantes trazem em sua biografia, tal qual aponta o modelo de transferência de *life skills* (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017). Assim, pode-se considerar que o autoetnógrafo e autor deste estudo se vale, sobretudo, do conhecimento “conceitual”, “procedimental” e “tácito” na transferência de *life skills* em sua atuação profissional atual devido a similaridade do contexto que atua, aliado ao seu envolvimento com a teoria acadêmica da temática de *life skills*. Já aos demais participantes da pesquisa pode-se considerar o conhecimento “tácito” e “estratégico” para a transferência de *life skills*, devido a aplicação em um contexto profissional distinto do esporte de rendimento, porém sob a necessidade da busca por recompensas que o mercado de trabalho em que atuam proporciona.

Ainda com relação à aplicação de *life skills*, os participantes indicaram que a dedicação completa ao contexto de alto rendimento durante um longo período de tempo levou-os a encarar os desafios encontrados nas experiências diárias atuais de um modo diferente. De fato, o modelo de transferência de *life skills* (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017), sugere que o tempo pode potencializar o aprendizado de *life skills* e aumentar as oportunidades de aplica-las em outros contextos. Além disso, pesquisas empíricas (SIMPKINS et al., 2005; LEE; MARTINEK, 2013) sugerem que a duração e intensidade da participação esportiva é um dos fatores que contribui no desenvolvimento e transferência de *life skills*. Portanto, acredita-se que os comportamentos relatados pelos participantes para atender as altas demandas de trabalho e as missões atribuídas pelos superiores, são características desenvolvidas ao longo da trajetória dos atletas que permitem com que os desafios enfrentados atualmente sejam percebidos como tarefas corriqueiras da atuação profissional.

Por fim, devido a concepção dos participantes acerca do desenvolvimento de *life skills* em suas respectivas carreiras como atletas profissionais parecem guia-los em determinados comportamentos e tomar decisões em suas respectivas vidas. Por exemplo, na educação dos filhos, os participantes indicaram estabelecer regras de convivência e de

trabalho em equipe para que todos contribuam nas tarefas diárias de casa. Além disso, o autor demonstrou envolver-se em um projeto de desenvolvimento de valores para jovens em situação de risco e a idealização de um modelo de competição de vôlei de praia baseado na honestidade e respeito entre atletas. A exposição às intensas demandas biopsicossociais inerentes ao esporte de rendimento, mesmo promovendo de maneira implícita o desenvolvimento de *life skills* são aspectos relevantes na decisão de um atleta se tornar um treinador esportivo com foco no desenvolvimento de *life skills*, além do desejo em influenciar positivamente o desenvolvimento pessoal de indivíduos da sociedade (SANTOS; CALLARY, 2018).

Estas mudanças no indivíduo são previstas pelo modelo de transferência de *life skills* (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017), como a transformação da identidade do indivíduo. De fato, a compreensão que permeia o desenvolvimento positivo de jovens sustenta-se na premissa de uma relação de influência mútua, onde o indivíduo constrói sua identidade e personalidade a partir da participação esportiva, assim como influencia na aprendizagem de pares, treinadores e demais agentes no esporte (AGANS et al., 2016; ETTEKAL et al., 2016). Além disso, estes comportamentos dos participantes podem ser percebidos como retorno e contribuição à sociedade, sendo este um dos indícios de alcance do desenvolvimento positivo do jovem (LERNER, 2004).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esporte de alto rendimento parece proporcionar experiências ricas aos participantes, sendo estas positivas e negativas. Contudo, neste estudo, parece que as experiências relatadas pelos participantes (positivas ou negativas) proporcionaram importantes aprendizados para suas vidas. Estes aprendizados são advindos dos pares, dos familiares, dos treinadores e das próprias características do contexto, tais como competições, treinamentos, desafios, conquistas, lesões, etc. De modo geral, esses aspectos permitiram com que os atletas desenvolvessem importantes comportamentos, valores e atitudes para a manutenção no contexto competitivo e aprimoramento do próprio desempenho atlético, ou seja, *sport skills*. Contudo, na medida em que experiências similares foram sendo vivenciadas fora do contexto esportivo, seja durante ou após a aposentadoria no alto rendimento, as *sport skills* passaram a ser aplicadas no dia a dia dos participantes, tornando-as *life skills*.

Os achados também permitem reflexões acerca do papel de treinadores no processo de desenvolvimento de atletas a longo prazo. Nos casos investigados, o papel do treinador ficou evidente em determinados momentos das trajetórias esportivas investigadas, sobretudo nos momentos mais desafiadores da carreira esportiva. Esse suporte alterou-se de acordo com o momento vivenciado, sendo mais fraternal nas categorias de base e mais próximo de uma “mentoria” na fase adulta. Assim, sugere-se que os exemplos comportamentais e as competências interpessoais dos treinadores, mesmo que por meio de uma abordagem implícita, atuaram como um fator chave no desenvolvimento pessoal e profissional dos participantes.

Apesar da dificuldade encontrada pelos participantes da pesquisa em perceber e relatar a transferência de *life skills* para os contextos atuais de suas vidas, os achados do estudo permitem considerar que as *life skills* se apresentam mais evidentes no ambiente de trabalho, podendo-se sugerir que este fato aconteça devido a maneira mais racional e ponderada que o indivíduo realiza suas ações. Contudo, o estudo mostrou que as relações sociais e em família são também permeadas pela transferência de *life skills*, porém aparentando serem transferidas de maneira mais tácita.

Considerando que esta pesquisa foi de cunho retrospectivo, o trabalho apresentou como limitação o uso exclusivo do *Rappaport Timeline* como gatilho retrospectivo, apesar de outros estudos da mesma relevância utilizarem, também de maneira isolada, a mesma ferramenta como forma de ativação de memória. Outro fator limitante da pesquisa

foi a utilização de um modelo teórico de transferência de *life skills* (PIERCE; GOULD; CAMIRÉ, 2017) até então não aplicado a estudos empíricos anteriormente, bem como a escassa literatura relacionada a transferência de *life skills* no esporte de rendimento.

Para tanto, sugere-se para futuras pesquisas a realização de estudos que englobem outras fontes de informação acerca da transferência de *life skills* em atletas de alto rendimento, como treinadores, pares, pais, e afins. Ademais, sugere-se a realização de estudos que apresentem as comparações de transferência de *life skills* em diferentes esportes e diferentes sexo.

REFERÊNCIAS

AGANS, J. P., et al. Positive youth development through sport: A relational developmental systems approach. In: HOLT, N. L. (Ed.). **Positive Youth Development through Sport**. 2 ed. Abingdon: Routledge, 2016. cap. 3, p. 34-44.

ALMEIDA, B. S. D.; MARCHI JÚNIOR, W. O financiamento dos programas federais de esporte e lazer no Brasil (2004 a 2008). **Movimento**, v. 16, n. 4, 2010.

ANDERSON, D. A balanced approach to excellence: Life-skill intervention and elite performance. **Reflective Practice**, v. 13, n. 4, p. 609-620, 2012.

BAKER, B. J., et al. Collaborative self-study: Lessons from a study of wearable fitness technology and physical activity. **Sport management review**, v. 20, n. 1, p. 114-127, 2017.

BEAN, C.; FORNERIS, T. Examining the importance of intentionally structuring the youth sport context to facilitate positive youth development. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 28, n. 4, p. 410-425, 2016.

BIZZOCCHI, C. **O voleibol de alto nível: da iniciação à competição**. Fazendo Arte, 2000.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BRASIL. **Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998**. CIVIL, C. Brasília 1998.

_____. Ministério do Esporte. **Programa Segundo Tempo: Diretrizes 2014**. Brasília. 2013. 18 p. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/arquivos/snelis/segundoTempo/diretrizesPSTPadrao2014.pdf>>. Acesso em: 26 mar 2018.

BRASIL, S. F. Constituição da república federativa do Brasil. **Brasília: Senado**, 1988.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BRAUN, V.; CLARKE, V.; WEATE, P. Using thematic analysis in sport and exercise research. **Routledge handbook of qualitative research in sport and exercise**, p. 191-205, 2016.

BRONFENBRENNER, U. The bioecological theory of human development. In: BRONFENBRENNER, U. (Ed.). **Making Human Beings Human: Bioecological Perspectives on Human Development**. Thousand Oaks: SAGE, 2005. p. 3-15.

BRUNELLE, J.; DANISH, S. J.; FORNERIS, T. The Impact of a Sport-Based Life Skill Program on Adolescent Prosocial Values. **Applied Developmental Science**, v. 11, n. 1, p. 43-55, 2007.

CAMIRÉ, M. Reconciling competition and positive youth development in sport. **STAPS**, v. 109, n. 3, p. 25-39, 2015.

CAMIRÉ, M.; KENDELLEN, K. Coaching for positive youth development in high school sport. In: HOLT, N. L. (Ed.). **Positive Youth Development Through Sport**. 2 ed. Abingdon: Routledge, 2016. cap. 10, p. 126-136.

CAMIRÉ, M.; TRUDEL, P.; BERNARD, D. A case study of a high school sport program designed to teach athletes life skills and values. **The Sport Psychologist**, v. 27, n. 2, p. 188-200, 2013.

CAMIRÉ, M.; TRUDEL, P.; FORNERIS, T. High school athletes' perspectives on support, communication, negotiation and life skill development. **Qualitative research in sport and exercise**, v. 1, n. 1, p. 72-88, 2009.

_____. Coaching and transferring life skills: Philosophies and strategies used by model high school coaches. **The Sport Psychologist**, v. 26, n. 2, p. 243-260, 2012.

CASTRO, S. B. E. D.; SOUZA, D. L. D. Os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016: propostas para o esporte educacional, de participação e de rendimento. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 29, n. 3, p. 507-518, 2015.

CHINKOV, A. E.; HOLT, N. L. Implicit Transfer of Life Skills Through Participation in Brazilian Jiu-Jitsu. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 28, n. 2, p. 139-153, 2016.

COAKLEY, J. Positive youth development through sport: Myths, beliefs, and realities. In: HOLT, N. L. (Ed.). **Positive Youth Development through Sport**. 2 ed. New York: Routledge, 2016. p. 21-33.

CONFEE, C. F. D. E. F.-. **Carta brasileira de prevenção integrada na área da saúde na perspectiva da educação física**: Rio de Janeiro 2006.

COSTA, M. Esporte de alto rendimento: produção social da modernidade-o caso do vôlei de praia. **Sociedade e Estado**, v. 22, n. 1, 2007.

CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. **The Sport Psychologist**, v. 13, n. 4, p. 395-417, 1999.

CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. Practice and play in the development of sport expertise. In: TENENBAUM, G.; EKLUND, R. C. (Ed.). **Handbook of sport psychology**. New York: Wiley, v.3, 2007. p. 184-202.

CRESWELL, J. W. **Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches**: Sage, Thousand Oaks, California 2007.

CRESWELL, J. W. **Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches**. Sage publications, 2013.

DANISH, S. Sports United to Promote Education and Recreation (SUPER).-» Leader Manual. **Virginia, VA: Virginia Commonwealth University**, 2002.

DANISH, S., et al. Enhancing youth development through sport. **World Leisure Journal**, v. 46, n. 3, p. 38-49, 2004.

DANISH, S., et al. **Going for the goal: Student activity book**: Virginia: Department of Psychology, Virginia Commonwealth University 1998.

DE ROSE JUNIOR, D.; DESCHAMPS, S.; KORSAKAS, P. Situações causadoras de “stress” no basquetebol de alto rendimento: fatores competitivos. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 13, n. 2, p. 217-229, 2017.

DINIZ, E. C.; CESAR, L. L. O potencial do vôlei como negócio no Brasil. **Revista Conjuntura Econômica**, v. 54, n. 2, p. 50-52, 2000.

DUARTE, T. **An examination of how a coach of disability sport learns to coach from and through experience** 2013. f. -, Université d'Ottawa/University of Ottawa 2013.

DUARTE, T.; CULVER, D. M. Becoming a coach in developmental adaptive sailing: A lifelong learning perspective. **Journal of applied sport psychology**, v. 26, n. 4, p. 441-456, 2014.

ECCLES, J. S., et al. Extracurricular activities and adolescent development. **Journal of social issues**, v. 59, n. 4, p. 865-889, 2003.

ELLIS, C.; ADAMS, T. E.; BOCHNER, A. P. Autoethnography: an overview. **Historical Social Research/Historische Sozialforschung**, p. 273-290, 2011.

EMERSON, R. M.; FRETZ, R. I.; SHAW, L. L. **Writing ethnographic fieldnotes**. University of Chicago Press, 2011.

ESPERANÇA, J. M., et al. Um olhar sobre o desenvolvimento positivo dos jovens através do desporto. **Revista de psicología del deporte**, v. 22, n. 2, 2013.

ETTEKAL, A. V., et al. Youth thriving in the context of sport participation: Idiographic, differential, and nomothetic dimensions. In: HOLT, N. L. (Ed.). **Positive Youth Development through Sport**. 2 ed. Abingdon: Routledge, 2016. cap. 6, p. 71-81.

FALCÃO, W. R.; BLOOM, G. A.; GILBERT, W. D. Coaches' perceptions of a coach training program designed to promote youth

developmental outcomes. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 24, n. 4, p. 429-444, 2012.

FLICK, U. Mapping the field. In: FLICK, U. (Ed.). **The SAGE handbook of qualitative data analysis**: Sage, 2014. cap. 1, p. 3-18.

FONTES, R. D. C. D. C.; BRANDÃO, M. R. F. A resiliência no âmbito esportivo: uma perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano. **Motriz rev. educ. fis.(Impr.)**, v. 19, n. 1, p. 151-159, 2013.

FRASER-THOMAS, J.; CÔTÉ, J. Understanding adolescents' positive and negative developmental experiences in sport. **The sport psychologist**, v. 23, n. 1, p. 3-23, 2009.

FRASER-THOMAS, J. L.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. Youth sport programs: an avenue to foster positive youth development. **Physical Education & Sport Pedagogy**, v. 10, n. 1, p. 19-40, 2005.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GOULD, D.; CARSON, H. J. Life skills development through sport: Current status and future directions. **International Review of Sport and Exercise Psychology**, v. 1, p. 58-78, 2008a.

GOULD, D.; CARSON, S. Personal development through sport. **The Young Athlete**, p. 287-301, 2008b.

_____. The relationship between perceived coaching behaviors and developmental benefits of high school sports participation. **Hellenic journal of psychology**, v. 7, n. 1, 2010.

GOULD, D., et al. Coaching life skills through football: A study of award winning high school coaches. **Journal of applied sport psychology**, v. 19, n. 1, p. 16-37, 2007.

GOULD, D.; DIEFFENBACH, K.; MOFFETT, A. Psychological characteristics and their development in Olympic champions. **Journal of applied sport psychology**, v. 14, n. 3, p. 172-204, 2002.

GOULD, D., et al. How coaching philosophy drives coaching action: A case study of renowned wrestling coach J Robinson. **International Sport Coaching Journal**, v. 4, n. 1, p. 13-37, 2017.

GOULD, D.; WESTFALL, S. Promoting life skills in children and youth: Applications to sport contexts. **Positive human functioning from a multidimensional perspective: Promoting healthy lifestyles**, v. 2, p. 53-77, 2014.

HANSEN, D. M.; LARSON, R. W.; DWORKIN, J. B. What adolescents learn in organized youth activities: A survey of self-reported developmental experiences. **Journal of research on adolescence**, v. 13, n. 1, p. 25-55, 2003.

HARDCASTLE, S. J., et al. Exploring the perceived effectiveness of a life skills development program for high-performance athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 16, p. 139-149, 2015.

HAYDEN, L. A., et al. An exploration of life skill development through sport in three international high schools. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, v. 7, n. 5, p. 759-775, 2015.

HELLION, D.; WALSH, D. Responsibility-based youth programs evaluation: Investigating the investigations. **Quest**, v. 54, n. 4, p. 292-307, 2002.

HELLISON, D. **Teaching responsibility through physical activity**. ERIC, 2003.

HODGE, K.; DANISH, S. Promoting life skills for adolescent males through sport. In: HORNE, A. M.; KISELICA, M. S. (Ed.). **Handbook of Counseling Boys and Adolescent Males: A practitioner's guide**. Thousand Oaks: SAGE, 1999. p. 55-71.

HOEBER, L.; KERWIN, S. Exploring the experiences of female sport fans: A collaborative self-ethnography. **Sport Management Review**, v. 16, n. 3, p. 326-336, 2013.

HOLLINGS, S. C.; MALLETT, C. J.; HUME, P. A. The transition from elite junior track-and-field athlete to successful senior athlete: why some

do, why others don't. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 9, n. 3, p. 457-471, 2014.

HOLT, N. L. Representation, legitimation, and autoethnography: An autoethnographic writing story. **International journal of qualitative methods**, v. 2, n. 1, p. 18-28, 2003.

HOLT, N. L.; DUNN, J. G. Toward a grounded theory of the psychosocial competencies and environmental conditions associated with soccer success. **Journal of applied sport psychology**, v. 16, n. 3, p. 199-219, 2004.

HOLT, N. L.; JONES, M. I. 10 Future directions for positive youth development and sport research. **Positive youth development through sport**, p. 122, 2007.

HOLT, N. L., et al. Benefits and challenges associated with sport participation by children and parents from low-income families. **Psychology of sport and exercise**, v. 12, n. 5, p. 490-499, 2011.

HOLT, N. L.; KNIGHT, C. J.; ZUKIWSKI, P. Female athletes' perceptions of teammate conflict in sport: Implications for sport psychology consultants. **The Sport Psychologist**, v. 26, n. 1, p. 135-154, 2012.

HOLT, N. L., et al. A grounded theory of positive youth development through sport based on results from a qualitative meta-study. **International Review of Sport and Exercise Psychology**, v. 10, n. 1, p. 1-49, 2017.

HOLT, N. L., et al. An interpretive analysis of life skills associated with sport participation. **Qualitative research in sport and exercise**, v. 1, n. 2, p. 160-175, 2009.

HOLT, N. L., et al. Do youth learn life skills through their involvement in high school sport? A case study. **Canadian Journal of Education/Revue canadienne de l'éducation**, p. 281-304, 2008a.

_____. Do youth learn life skills through their involvement in high school sport? A case study. **Canadian Journal of Education**, v. 31, p. 281-304, 2008b.

JACOBS, J. M., et al. Enhancing the transfer of life Skills from sport-based youth development programs to school, family, and community settings. **Journal of Amateur Sport**, v. 3, n. 3, p. 20-43, 2017.

JARVIS, P. **Towards a comprehensive theory of human learning**. London: Routledge, 2006. 232 p.

_____. **Globalization, lifelong learning and the learning society: Sociological perspectives**. Abingdon: Routledge, 2007.

JENSON, J. M.; FRASER, M. W. **Social policy for children and families: A risk and resilience perspective**. Sage Publications, 2015.

JONES, M. I.; LAVALLEE, D. Exploring perceived life skills development and participation in sport. **Qualitative research in sport and exercise**, v. 1, n. 1, p. 36-50, 2009a.

JONES, M. I.; LAVALLEE, D. Exploring the life skills needs of British adolescent athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 10, n. 1, p. 159-167, 2009b.

JONES, R.; ARMOUR, K.; POTRAC, P. Constructing expert knowledge: A case study of a top-level professional soccer coach. **Sport, education and society**, v. 8, n. 2, p. 213-229, 2003.

KAVUSSANU, M. Moral behaviour in sport: A critical review of the literature. **International Review of Sport and Exercise Psychology**, v. 1, n. 2, p. 124-138, 2008.

KEEGAN, R., et al. The motivational atmosphere in youth sport: Coach, parent, and peer influences on motivation in specializing sport participants. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 22, n. 1, p. 87-105, 2010.

KENDELLEN, K.; CAMIRÉ, M. Examining the life skill development and transfer experiences of former high school athletes. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 15, n. 4, p. 395-408, 2017.

KERWIN, S.; HOEBER, L. Collaborative self-ethnography: Navigating self-reflexivity in a sport management context. **Journal of Sport Management**, v. 29, n. 5, p. 498-509, 2015.

LAPADAT, J. C. Ethics in Autoethnography and Collaborative Autoethnography. **Qualitative inquiry**, v. 23, n. 8, p. 589-603, 2017.

LEE, O.; MARTINEK, T. Understanding the transfer of values-based youth sport program goals from a bioecological perspective. **Quest**, v. 65, n. 3, p. 300-312, 2013.

LERNER, R. M. **Liberty: Thriving and civic engagement among American youth**. Thousand Oaks: SAGE, 2004.

LERNER, R. M., et al. *Childhood and Adolescence: Developmental Assets*. 2015.

MACHADO, G. V.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Seleção de conteúdos e procedimentos pedagógicos para o ensino do esporte em projetos sociais: reflexões a partir dos jogos esportivos coletivos. **Motrivivência**, n. 39, p. 164-176, 2012.

_____. Pedagogia do esporte e projetos sociais: interlocuções sobre a prática pedagógica. **Movimento**, v. 21, n. 2, p. 405, 2015.

MARQUES, M.; SOUSA, C. Estratègies per a l'ensenyament de competències de vida a través de l'esport en joves en risc d'exclusió social. **Apunts. Educació física i esports**, v. 2, n. 112, p. 63-71, 2013.

MARTINS, H. H. T. D. S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e pesquisa**, v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004.

MAYOCCHI, L.; HANRAHAN, S. J. *Transferable skills for career change*. 2000.

MILLS, A., et al. Identifying factors perceived to influence the development of elite youth football academy players. **Journal of Sports Sciences**, v. 30, n. 15, p. 1593-1604, 2012.

NORTHOUSE, P. G. **Leadership: Theory and practice**. Sage publications, 2018.

O'CONNOR, D.; BENNIE, A. Athletic transition: An investigation of elite track and field participation in the post-high school years. 2006.

ORGANIZATION, W. H. **Life skills education in schools**. WHO, 1993.

ORTLIPP, M. Keeping and using reflective journals in the qualitative research process. **The qualitative report**, v. 13, n. 4, p. 695-705, 2008.

PETITPAS, A. J., et al. A framework for planning youth sport programs that foster psychosocial development. **The sport psychologist**, v. 19, n. 1, p. 63-80, 2005.

PETITPAS, A. J., et al. A life skills development program for high school student-athletes. **Journal of primary prevention**, v. 24, n. 3, p. 325-334, 2004.

PIERCE, S.; GOULD, D.; CAMIRÉ, M. Definition and model of life skills transfer. **International Review of Sport and Exercise Psychology**, v. 10, n. 1, p. 186-211, 2017.

PINHEIRO, L. **Valores evolutivos universais**. Foz do Iguaçu: Epígrafe, 2015. 440 p.

RAPPAPORT, H.; ENRICH, K.; WILSON, A. Relation between ego identity and temporal perspective. **Journal of personality and social psychology**, v. 48, n. 6, p. 1609-1620, 1985.

RATHWELL, S.; YOUNG, B. W. Describing aspects of self and social agency related to Canadian university athletes' life skill development. **Revue phénEPS/PHEnex Journal**, v. 8, n. 3, 2017.

_____. Coaches' Perspectives on Personal and Psychosocial Development in University Sport. **International Sport Coaching Journal**, v. 15, n. 1, p. 1-13, 2018.

REIS, N. S., et al. O esporte educacional como tema da produção de conhecimento no periodismo científico brasileiro: uma revisão sistemática. **Pensar a Prática**, v. 18, n. 3, 2015.

REVERDITO, R. S.; CARVALHO, H. J. G. M. D.; GONÇALVES, C. E. D. B. Youth sports coaches in social programmes: the ecology of human development. **Sports Coaching Review**, v. 5, n. 2, p. 208-210, 2016.

REVERDITO, R. S., et al. Effects of youth participation in extra-curricular sport programs on perceived self-efficacy: A multilevel analysis. **Perceptual and Motor Skills**, v. 124, n. 3, p. 569-583, 2017a.

REVERDITO, R. S., et al. Developmental benefits of extracurricular sports participation among Brazilian youth. **Perceptual and Motor Skills**, v. 124, n. 5, p. 946-960, 2017b.

REVERDITO, R. S., et al. The “Programa Segundo Tempo” in Brazilian municipalities: outcome indicators in macrosystem. **Journal of Physical Education**, v. 27, n. 1, p. 1-14, 2016.

RIGONI, P. A. G.; BELÉM, I. C.; VIEIRA, L. F. Revisão sistemática sobre o impacto do esporte no desenvolvimento positivo de jovens atletas. **Journal of Physical Education**, v. 28, n. 1, p. 14, 2017.

RINEHART, R. E. “Experiencing” sport management: The use of personal narrative in sport management studies. **Journal of sport management**, v. 19, n. 4, p. 497-522, 2005.

RUBIO, K. Rendimento esportivo ou rendimento humano?: O que busca a da psicologia do esporte? **Psicologia para América Latina**, p. 0-0, 2004.

SACKETT, S. C.; GANO-OVERWAY, L. A. Coaching Life Skills Development: Best Practices and High School Tennis Coach Exemplar. **International Sport Coaching Journal**, v. 4, n. 2, p. 206-219, 2017.

SANCHES, S. M. A prática esportiva como uma atividade potencialmente promotora de resiliência. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 1, n. 1, p. 01-15, 2007.

SANTOS, F.; CALLARY, B. An athlete’s journey to become a positive development-focused coach through professional football: moving between theory and practice. **Sports Coaching Review**, p. 1-24, 2018.

SETTON, M. D. G. J. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo social**, v. 17, n. 2, p. 335-350, 2005.

SILVA DIAS, T., et al. Why talented athletes drop out from sport? The Portuguese and Czech case. **Education+ Training**, 2018.

SIMPKINS, S. D., et al. Predicting participation and outcomes in out-of-school activities: Similarities and differences across social ecologies. **New Directions for Youth Development**, v. 2005, n. 105, p. 51-69, 2005.

STRACHAN, L.; FRASER-THOMAS, J.; NELSON-FERGUSON, K. An ecological perspective on high performance sport and positive youth development. In: HOLT, N. L. (Ed.). **Positive Youth Development through Sport**. Abingdon: Routledge, v.2, 2016. cap. 5, p. 57-68.

TAMMINEN, K. A.; HOLT, N. L. Adolescent athletes' learning about coping and the roles of parents and coaches. **Psychology of sport and exercise**, v. 13, n. 1, p. 69-79, 2012.

TANG, C. Reflective diaries as a means of facilitating and assessing reflection. Quality conversations: Proceedings of the 29th HERDSA Annual Conference Perth, 2002. p.7-10.

THEBERGE, N. "Just a Normal Bad Part of What I Do": Elite Athletes' Accounts of the Relationship Between Health and Sport. **Sociology of Sport Journal**, v. 25, n. 2, p. 206-222, 2008.

TOZETTO, A. V. B. Desenvolvimento profissional de treinadores de futebol: perspectiva de aprendizagem ao longo da vida. 2016.

TOZETTO, A. V. B., et al. Football coaches' development in Brazil: a focus on the content of learning. **Motriz: Journal of Physical Education**, v. 23, n. 3, p. 1-9, 2017.

TROTTIER, C.; ROBITAILLE, S. Fostering life skills development in high school and community sport: A comparative analysis of the coach's role. **The Sport Psychologist**, v. 28, n. 1, p. 10-21, 2014.

TUBINO, M. **O que é esporte**. Brasiliense, 2017.

TUBINO, M. J. G. Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação. 2010.

TURNER III, D. W. Qualitative interview design: A practical guide for novice investigators. **The qualitative report**, v. 15, n. 3, p. 754, 2010.

TURNNIDGE, J.; CÔTÉ, J.; HANCOCK, D. J. Positive Youth Development From Sport to Life: Explicit or Implicit Transfer? **Quest**, v. 66, n. 2, p. 203-217, 2014.

UNITED NATIONS, I.-A. T. F. O. S. F. D. P. **Sport for development and peace: Towards achieving the millennium development goals**. United Nations Publications, 2003.

VOELKER, D. K.; GOULD, D.; CRAWFORD, M. J. Understanding the experience of high school sport captains. **The sport psychologist**, v. 25, n. 1, p. 47-66, 2011.

WALKER, J., et al. Designing youth development programs: Toward a theory of developmental intentionality. **Organized activities as contexts of development: Extracurricular activities, after-school and community programs**, p. 399-418, 2005.

WEISS, M. The First Tee 2005 research summary: Longitudinal effects of the First Tee life skills educational program on positive youth development. **St. Augustine, FL: The First Tee**, 2006.

YIN, R. K. **Qualitative research from start to finish**: New York: The Guilford Press 2011.

ZALUAR, A. **Cidadãos não vão ao paraíso: Juventude e política social**. São Paulo: Escuta, 1994. 208 p.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Termo de consentimento livre e esclarecido para os participantes da pesquisa.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado participante da pesquisa,

Conforme a proposta do pesquisador vinculado ao Curso de Educação Física do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, temos o prazer de convidá-lo a participar da pesquisa de mestrado intitulada “**DESENVOLVIMENTO PERCEBIDO DE LIFE SKILLS EM EX-ATLETAS DE VOLEIBOL**”. Considerando a Resolução nº. 466 de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde e as determinações da Comissão de Ética em Pesquisas com Seres Humanos. O estudo servirá de base para a elaboração de uma dissertação de mestrado, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEF) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ressaltando que o pesquisador responsável atenderá as exigências deliberadas nesta resolução.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o desenvolvimento percebido de *life skills* em ex-atletas de voleibol. Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa do problema, o qual contará, principalmente, com a coleta de dados por meio de entrevistas com os participantes. São mínimos os riscos desta entrevista, visto que serão abordados apenas questionamentos acerca de suas crenças e perspectivas relacionados a sua trajetória esportiva. É importante destacar que pode haver certo

desconforto ou incômodo dos participantes para responder certas perguntas. Sendo assim, destaca-se que estes podem recusar a responder as questões que forem consideradas constrangedoras ou desconfortáveis. Para minimizar esses possíveis desconfortos, a entrevista será realizada em ambiente favorável, em uma sala fechada, com a presença apenas do entrevistado e do pesquisador. Ademais, a qualquer momento da realização desse estudo, o senhor poderá receber esclarecimentos adicionais que julgar necessário por e-mail ou telefone e poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento da pesquisa em qualquer fase da mesma, sem nenhum tipo de penalidade, constrangimento ou prejuízo.

Os benefícios e vantagens em participar deste estudo serão: a) contribuir com o processo de compreensão do desenvolvimento positivo de jovens a partir do esporte, b) auxiliar na compreensão das crenças e perspectivas de atletas de alto rendimento do voleibol brasileiro quanto a formação humana pelo esporte. Os pesquisadores declaram que a Resolução 466/12 será cumprida integralmente. Todos os registros efetuados no decorrer desta investigação científica serão usados para fins acadêmico-científicos e inutilizados após a fase de análise dos dados e apresentação dos resultados finais na forma de artigo científico. Você não terá nenhum gasto, nem receberá compensação financeira. Todos os materiais necessários à coleta de dados serão providenciados pelos pesquisadores. Não haverá nenhuma forma de reembolso de dinheiro já que a sua participação na pesquisa não acarretará nenhum gasto ou despesa adicional, no entanto, caso, para sua participação você dispender de algum gasto, você será reembolsado, e ainda, no caso de algum dano comprovadamente associado à pesquisa você será devidamente indenizado.

Sua privacidade e o sigilo das informações serão preservados em todas as fases da pesquisa por meio de adequada codificação dos instrumentos de coleta e análise de dados. Após o final da pesquisa os pesquisadores assumem o compromisso de agendar uma nova conversa

com o entrevistado e apresentar um resumo dos principais resultados do estudo.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é feito em duas vias, que também serão rubricadas e assinadas pelo pesquisador, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o participante da pesquisa.

Nome do pesquisador responsável: Michel Milistetd

Endereço: Rua Capitão Américo, nº 103, apto 104A Córrego Grande

Cidade: Florianópolis – Santa Catarina

CEP: 88.037-060

Número do telefone: (48) 98802-4236

E-mail: michel.milistetd@ufsc.br

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEPESH/UFSC.

Prédio Reitoria II (Edifício Santa Clara), R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 901. Trindade, Florianópolis/SC.

CEP: 88.040-400. Telefone: (48) 3721-6094.

E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA CENTRO
DE DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que fui informado, de forma clara e objetiva, sobre todos os procedimentos da pesquisa intitulada: **“DESENVOLVIMENTO PERCEBIDO DE LIFE SKILLS EM EX-ATLETAS DE VOLEIBOL”**. Estou ciente que todos os dados à meu respeito serão sigilosos e que posso me retirar do estudo a qualquer momento. Assinando este termo, eu concordo em participar deste estudo. Agradecemos, desde já, sua colaboração e participação, e colocamo-nos à disposição para eventuais esclarecimentos.

Declaro que fui informado (a) sobre todos os procedimentos da pesquisa, recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto, fui esclarecido de que todos os dados a meu respeito serão sigilosos e posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por

extenso: _____

—

Assinatura do participante

_____, ____/____/____.

Local e data

Prof. Dr. Michel Milistetd
(Pesquisador responsável/Orientador)

Eduardo Leal Goulart Nunes
(Pesquisador principal/Mestrando)